O
REMORSO VIVO

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68–Praça de D. Pedro–68
1876

O REMORSO VIVO

O
REMORSO VIVO

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68-Praça de D. Pedro-68
1875

A propriedade d'esta edição pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

Typographia EDITORA — Praça de D. Pedro, 67

A JULIO CESAR MACHADO

MEU CARO JULIO.—Deixando-te no meu testamento litterario este pequeno legado, espero que o acceites como sincera lembrança da affectuosa admiração que sempre me inspirou o teu gracioso talento. E quando a indifferença, ou antes a justiça publica, tiver passado sobre o meu humilde nome a esponja do esquecimento, poderás tu dizer:—Esqueceram-se de um homem, que nunca se esquecia dos que amava, e que, apesar de pobre, forcejou até á morte por pagar as suas dividas.

Teu amigo do coração

F. Gomes de Amorim.

dade, que ha de visitar por força: é París; ás outras, irá, se pudér, se lhe sobejar dinheiro e tiver tempo. O fim, o fito, o ponto de mira das suas aspirações é aquelle. Ou não saír de casa ou ir ali. Perguntae a um homem, que regressa á patria, se já viu París, e elle julgará que o insultaes. Viajar sem passar por París é uma vergonha que ninguem quer; seria a deshonra do viajante. De Lisboa vae-se por París para a America, Africa, Asia e Oceania; é o caminho usual dos nossos diplomatas e funccionarios publicos, não porque seja o mais curto, nem o mais economico para os subditos de um paiz pequeno e pobre; mas porque todo o empregado que se estima se julgaria incapaz de fazer bom serviço, não tendo ido primeiro, por conta da nação, mostrar a farda bordada ás *grisettes* e aos *boulevards*.

Ir ou ter ido a París são factos, que collocam um homem na posição que lhe compete perante os seus contemporaneos. Antigamente dizia-se, pelo menos em Hespanha: «Quem nunca viu Sevilha, não viu maravilha». Agora diz-se em todas as partes do mundo: «Quem não viu París... cale-se». Foi por isto que um escriptor inglez se resolveu a ir a França, e d'essa ida resultou, felizmente, aquella admiravel *Viagem sentimental*. Pena é que indo lá tanta gen-

te, não tenha havido mais que um Sterne!

Emfim, está assentado que o mahometano vae a Meca; o christão a Jerusalem, quando póde; e o viajante a París, quer possa quer não. E forçoso é confessar que a cidade franceza attrahe muitos milhares de vezes mais peregrinos do que os tumulos de Jesus Christo e de Mahomet reunidos!

Que motivos causam essa prodigiosa attracção, essa curiosidade, que subjuga todos os espiritos? Será porque París possua os melhores e os mais bellos monumentos, as recordações mais grandiosas da historia da humanidade, ou por se terem passado ali muitos actos das mais espantosas tragedias modernas?

Não. Vae-se a París, simplesmente, para ver os parisienses.

—Os parisienses teem que ver?

—Se teem! Não era necessario que elles nascessem na cabeça do mundo civilisado; que fizessem figurinos de modas para as outras nações; que inventassem as *grisettes*, e o *cancan*, para captivarem toda a gente.

Os parisienses são unicos entre todos os outros cidadãos do universo! Aptos para tudo; dotados das faculdades mais poderosas e originaes, que Deus concede ao homem, e da ferocidade mais sanguinaria dos tigres; bravos, eloquentes, enthusiastas, sublimes,

virtuosos, comicos, viciosos, torpes, crueis, infames: a um tempo, tudo quanto ha de maior e mais bello, e de mais abjecto e hediondo!

Irrequietos sempre; nunca satisfeitos com o presente; necessitando de revoluções, em que se mate muita gente, para se distrahirem; calcando hoje aos pés o que exaltavam hontem; artistas por indole, n'um dia arrebatados pelos mais ardentes sentimentos da virtude antiga, e praticando acções gloriosas; no outro, descendo aos mais profundos abysmos da ignominia e tornando-se vís facinorosos; rindo diante da morte; dando lagrimas a todos os infortunios, admiração a todas as grandezas, sangue a todas as causas generosas; ávidos de amor, de gloria, de dinheiro: todos capazes de tudo!

A mulher parisiense, nasça embora na mais humilde choupana, sonha, desde o berço, com as sedas e as carruagens; e no dia em que a sorte corôa os seus desejos, apresenta-se com a graça e elegancia de uma rainha, como se todos os seus habitos e educação a tivessem preparado longamente para as posições mais elevadas da gerarchia social!

O parisiense, tanto póde ser cabelleireiro como imperador ou rei de França. Desempenhará com igual proficiencia e galhardia

qualquer das duas profissões, brilhando em ambas com a mesma confiança e sangue frio. No imperador ninguem sentirá o cabelleireiro; no cabelleireiro descobrem todos um principe de maneiras distinctissimas.

É preciso ter ido a París para se comprehender o incomprehensivel.

Morre um chefe de familia, muito estimado; a mulher e os filhos, parisienses, choram ruidosamente em torno do caixão, acabado de pregar. Repentinamente, ouve-se n'uma sala vizinha tocar o *cancan*. O carpinteiro sorri-se, olhando para a viuva e os orphãos; estes, suspendem as lagrimas por um momento, para ouvirem melhor a musica. As visitas intimas, que vinham dar pezames, mettem de novo nas algibeiras os lenços, que por ceremonia tinham tirado para esfregar os olhos; e os braços, que se arqueavam no ar com intuitos de presentearem com um abraço consolador a familia enluctada, descáem insensivelmente na posição de dansa. Pouco a pouco todas as cabeças se meneiam; ao principio lenta e vagarosamente; depois, mais apressadas; e, por fim, a compasso com a musica doudejante. A mãe, sem consciencia do que está fazendo, começa a erguer-se, agitando todo o corpo; os filhos imitam-a com mais vivacidade; e após breves instantes, orphãos e

viuva, seguidos de todas as visitas, saltam por cima do defunto, fazendo as mais estupendas e diabolicas piruetas! O emprezario das pompas funebres, que entra com o panno do caixão, embrulha-se n'elle e atira-se ao meio da dansa, possuido pelo mesmo demonio que subjuga os outros. Chegam os gatos-pingados e associam-se á brincadeira. O riso toca o delirio. Dir-se-ía que o defunto dansa tambem e faz dansar a prisão luctuosa, onde está encerrado. É uma scena, que lembra *Les débardeurs devant le tribunal,* dansa representada ha annos no theatro de S. Carlos!

Pára a musica. Entram os padres. Os *cancanistas,* que tinham tirado outra vez os lenços, para enxugar o suor, levam-n'os aos olhos e recomeçam as lagrimas sinceras. Sáe o enterro; ouve-se novamente a musica, e, depois de breve hesitação, repete-se a dansa com mais febril enthusiasmo!

Ha uma revolução. Os parisienses querem matar o soberano reinante; como não o apanham, entram-lhe no palacio e começam a quebrar tudo. Um facinora aponta a espingarda e vae mutilar com a bala uma estatua de Pradier, representando o rei fugitivo.

—Respeito aos monumentos!—lhe grita um camarada artista.

—Respeito aos monumentos! Respeito aos monumentos!—dizem muitas vozes.

As armas abaixam-se e a destruição acaba. Os vencedores limitam-se a voltar para as paredes os retratos dos principes, e a cobrir as estatuas!

N'outra occasião, porém, destroem a columna da praça Vendôme, que representava a gloria militar da nação; e deitam fogo a París, a maravilha da França, admirada por todos os povos cultos!

E note-se que não é necessario ter nascido em París para ser parisiense; o que importa é ir para lá residir. A residencia das margens do Sena é quem dá a feição, o cunho, a individualidade aos que lá vivem. Os principaes auctores da revolução de 1789 não nasceram, *fizeram-se* parisienses; mas em nenhuma outra cidade poderia ter-se dado simillhante revolução. Os inglezes decapitaram Carlos I, como os francezes guilhotinaram Luiz XVI; porém, a Inglaterra não tinha proclamado os direitos do homem, nem fez brotar do sangue do seu martyr os grandes principios que regeneraram as nações modernas. Só París seria capaz de operar a transformação social, de inventar os estupendos scelerados do tempo do terror; os *incriveis;* a escoria horrenda de assassinos que se banqueteavam deleitosamente sobre

os cadaveres das victimas, bebendo sangue em logar de vinho. Que outro povo, e em que outra capital seria acclamado Danton, Marat, Robespierre, ao mesmo tempo que se guilhotinavam os girondinos?! Quem saberia morrer com a grandeza e estoicismo d'estes, não estando em París?!

Os parisienses são de todos os habitantes da terra os que teem entrado mais fundo nos grandes problemas politicos, moraes e religiosos. Viraram o mundo do avêsso, e depois de terem feito um novo genesis, supprimiram, por inutil, o Ente Supremo. Mas como no intervallo em que estavam sem Deus os ía levando o diabo, voltaram por isso outra vez ao antigo, readmittindo a existencia da divindade e a immortalidade da alma, por um decreto da Convenção, datado de 18 floréal (7 de maio de 1794)! Por esse tempo empregavam os mais preciosos pergaminhos dos archivos franceezes em fazer cartuchos para a artilheria. O marquez de Laborde calcula que foram destruidos quinhentos milhões de documentos pelos revolucionarios! Para que serviam as provas historicas a quem fazia o mundo de novo e expulsava o Ente Supremo?

Depois, veiu o 18 brumario, o consulado, o imperio, as conquistas gloriosas, que enriqueciam París com os despojos das cida-

des saqueadas. Um dia, foi-se Napoleão e voltou Luiz XVIII, o irmão do infeliz que os parisienses tinham assassinado, após graves discussões. Reflectindo melhor, deram vivas ao novo rei, que pozeram fóra em 1830, dando vivas a Luiz Filippe, que tambem expulsaram em 1848, dando vivas á republica, que d'ahi a pouco esganaram, applaudindo Napoleão III. Depois, grandes provocações á Prussia; revistas apparatosas no campo de Marte; a *Mulher-homem* e o *Homem-mulher*, indicios terriveis de morte moral; a guerra, os desastres, o cerco de Paris, a Communa, o petroleo, dois pontapés no ancião illustre que salvára a França do exterminio... e viva a republica! e vivam os Orleans! e vivam os Bourbons! e vivam os Bonapartes! e viva o *cancan* e viva o grande diabo!

Ah! incomparaveis, extraordinarios, unicos e estupendissimos parisienses! Alegres, buliçosos, tendo graça antes de terem camisa, fazendo calimburgos á morte que os investe, recebendo os favores da fortuna com a consciencia de que lhes são devidos, estimando uma fita vermelha no peito mais do que a familia, amaveis sempre, admirados, invejados, vaidosos da sua origem e escarnecendo-se ou caricaturando-se a si proprios, cedendo ás impressões vivas e rapi-

das, escravos da imaginação, adoradores do bello, extravagantes até ao delirio, tocando os extremos em tudo, por incapacidade absoluta de se manterem muito tempo no meio termo ou de amarem os mesmos objectos, deixando-se arrastar pelas paixões mais desenfreadas e pelo mais louco enthusiasmo, cortejando com igual ardor a deusa da rasão e o anjo da caridade, sensiveis e átticos como os athenienses, sensuaes e corrompidos como os romanos do tempo do imperio, heroicos e generosos como os cavalleiros andantes, ferozes e selvagens como os indios mundurucús, taes são, em rapido resumo, essas massas de contradicções assombrosas, a quem chamam povo de París!

II

O remorso vivo

O parisiense mais caracteristico que se conhecia em París no anno de 1854, era o marquez Alberto de Lacroix. Contavam-se d'elle muitos casos disparatados e graciosos; rasgos de engenho e de generosidade; actos de bravura e de dedicação, que as pessoas chamadas de boa sociedade consideravam mal empregados, mas que tinham dado tanta celebridade ao auctor d'elles que toda a gente da cidade o conhecia. As familias mais aristocraticas de todos os partidos empenhavamse por possuil-o nas suas reuniões, apesar de saberem que elle era filho de um refinador de assucar, e que fôra enobrecido pelo rei Luiz Filippe, em consequencia de ser muito rico e ter acudido ao governo em va-

rias occasiões criticas do thesouro. As costureiras, os operarios, os barqueiros, os artistas, os escriptores, mulheres e homens de todas as profissões, se lhe atravessavam diante, nas ruas e nos passeios, para terem occasião de lhe dirigirem a palavra, fazer-lhe um cumprimento, ou enviar-lhe um sorriso.

Entre os diversos factos, que lhe grangearam popularidade, referia-se que uma vez se arremessára contra os cavallos de um trem de praça, que tinham tomado o freio nos dentes, e salvára a vida de um velho cocheiro, com risco da sua. A carruagem não levava mais ninguem, e essa circumstancia adquiriu ao marquez o reconhecimento e a admiração de toda a classe dos automedontes.

N'outra occasião saltou de dentro do seu caleche e atirou-se ao Sena, livrando da morte o filho de uma peixeira. D'ali em diante ficou lendario nos mercados de París, cuja população corria em ondas para o ver passar.

Arrancou do incendio de uma fabrica cinco ou seis operarios, sendo por fim tirado tambem das chammas, sem sentidos, quando tentava ainda acudir a uma creança.

Finalmente, onde havia perigos que affrontar e vidas que salvar, apparecia o mar-

quez de Lacroix, sempre dedicado, heroico e temerario, assombrando todos com a sua generosidade.

Notando os ricos que tamanha intrepidez se exercesse toda em proveito dos pobres, respondia o fidalgo:

—Vossês não precisam de mim, porque teem com que pagar a quem os soccorra.

Algumas pessoas do seu conhecimento julgaram ao principio que elle pretendia suicidar-se com esses actos de philanthropia; mas como não descobrissem na sua posição motivos de desespero, desvaneceram-se-lhes as desconfianças. Os seus amigos affirmavam que não era sem idéa reservada, que elle lisonjeava as classes populares; e houve até quem pensasse que Lacroix, de origem democratica, preparava o caminho para a presidencia da republica. Sobrevieram, porém, os acontecimentos de 1852, o golpe de 2 de dezembro com o novo imperio, e ninguem viu o marquez metter-se em politica ou mudar os seus habitos de salvador encartado dos filhos do povo em perigo. Deixaram-se pois de lhe suppor um fito; concordaram todos em que era um parisiense originalissimo, e continuaram a admiral-o e invejal-o unanimemente.

Á sua ostentosa magnanimidade o marquez Alberto de Lacroix reunia todas as ex-

travagancias dos seus patricios, exageradas até ao absurdo. Almoçava na *Roche Cancale* seiscentas ostras cruas, com tres garrafas de vinho de Bordéus e tres de Champagne, mas nunca tinha indigestões nem se embebedava; ía ao Bosque de Bolonha em cavallos de dez mil francos, que de vez em quando rebentava n'uma corrida, para respirar melhor; batia-se em duello com os espadachins celebres, que de proposito provocava; nos *boulevards* tinha sempre reunidos á roda de si os mais distinctos elegantes nacionaes e estrangeiros, que estudavam a moda e córte do seu fato, para recommendarem aos seus alfaiates que lh'o imitassem; não desdenhava dansar o *cancan* no *Mabille* e na *Chaumière*, e fazia-o com tanta graça que algumas damas, da mais alta aristocracia, ali foram por vezes, disfarçadas em costureiras, para o verem ou para dansarem com elle; raptava as cantoras e as actrizes de nomeada, no momento de começar a primeira representação de qualquer peça, anciosamente esperada pelo publico. E tornou-se tão notavel n'esta especialidade que, quando em algum theatro se demorava o levantar do panno, já os espectadores diziam uns aos outros:

—Aqui anda o marquez de Lacroix!

—Raptou a dama!

— Qual! Ella é muito feia.

— E velha.

— O marquez é homem de gosto. Não quer senão do fino.

— Ás vezes!...

— Historias!

Foi tanto moda serem as mulheres illustres de theatro roubadas por elle, que até algumas chegavam a esconder-se, quando estava para começar o espectaculo, com o fim de se darem ares de quem apanhára a sorte! E houve emprezario, que, não tendo publico sufficiente para cobrir as despezas da noite, annunciava á ultima hora, com annuencia das damas:

— «Não póde haver hoje representação porque a distincta artista sr.ª F., já vestida para entrar em scena, desappareceu do seu camarim, não se sabe como, suppondo-se que fôra victima de alguma graciosa violencia de um dos nossos mais afamados elegantes.»

Os trinta espectadores, que passeavam no salão, íam receber o seu dinheiro e retiravam-se, murmurando:

— Foi o marquez de Lacroix!

— É um homem de todos os diabos!

— Feliz!

— Amigo do povo!

— Lá isso!... Não o temos melhor.

O marquez deixava qne lhe fizessem esta segunda reputação, por cima da primeira, sem se inquietar com isso, nem reclamar contra o excesso de doudices, que lhe attribuiam. Era viuvo e immensamente rico, segundo se dizia, porque tendo feito uma viagem ao Brazil, na sua mocidade, descobríra uma mina de pedras preciosas. Vivia como principe, dava jantares e bailes magnificos, perdia ao jogo para beneficiar os amigos, e tinha uma filha encantadora, que acabava de saír do collegio, para fazer crescer a agua na bôca a toda a mocidade doirada, que lhe calculava o dote.

Mas, por uma singularidade, que ninguem poderia explicar satisfactoriamente, o marquez de Lacroix, admirado até ao fanatismo, desejado em toda a parte, lisonjeado sempre, celebre por mais de cem acções magnanimas e por milhares de rasgos extravagantes, invejado por todos, e apparentemente feliz, não tinha talvez um unico amigo verdadeiro, e a maioria dos que viviam na sua intimidade não era quem mais sympathisava com elle!

Entremos no seu palacio da rua de Grenelle; subamos a sumptuosa escadaria, coberta com tapetes de Gobelins e ornada com elegantes vasos de alabastro e pórfido, em que vicejam opulentas camelias e rhododen-

dros; passemos a sala de espera, forrada de crystaes em que se reflectem os jorros de agua de uma fonte, que occupa o centro, e cujas bordas de marmore florído parecem obra de fadas; atravessemos os salões espaçosos, onde a opulencia e o bom gosto alliaram a um luxo discreto mil preciosidades artisticas; deixemos á direita a bibliotheca, aberta sobre o jardim inglez, com estantes de pau santo, trabalhadas em estylo gothico, cheias de obras primas da litteratura antiga e moderna, e coroadas por estatuetas de bronze florentino; penetremos no gabinete fronteiro á livraria, onde se acha n'este momento o dono da casa, e vejamos se é possivel descobrir o motivo por que elle captiva mais as pessoas que o tratam menos.

O marquez dá hoje um baile para festejar o anniversario de sua filha, que faz dezeseis annos. Vinte creados, dirigidos por um mordomo conhecedor dos gostos e phantasias de seu amo, espanejam os moveis, os quadros e as estatuas, preparam os lustres, e collocam por toda a parte as mais raras plantas tropicaes, de que habilmente se antecipou a florescencia, em estufas, para isso aquecidas na temperatura da zona tórrida.

No gabinete, onde acabâmos de penetrar, nenhum creado entra sem que o chamem; o

proprio mordomo, nos casos apertados, bate prudentemente e espera que o amo lhe dê ordem para abrir a porta. Ha só uma pessoa para quem a entrada está sempre franca, provavelmente porque a sua presença é desejada; mas, com dolorosa magua do concessionario, essa usa poucas vezes da concessão. É sua filha Hortensia.

O marquez, no momento em que vamos tentar descrevel-o, está sentado n'uma cadeira de espaldar alto, do tempo da renascença, como toda a guarnição do quarto, encostado a um bufete, apoiando a fronte na mão esquerda, a direita estendida sobre a mesa e o olhar fito na folha de um album, que tem aberto diante de si, onde se vê um desenho de paizagem feito a lapis. É homem de quarenta e quatro a quarenta e seis annos, pouco mais ou menos; tem o cabello e o bigode loiros, os olhos verdes, e a testa espaçosa. As suas feições, todas regulares e agradaveis, attrahem e fascinam; mas, á medida que nos familiarisâmos com ellas, sentimos pouco a pouco desvanecer-se a primeira impressão favoravel e transformar-se gradualmente n'um sentimento opposto; na sua physionomia ha alguma cousa de indescriptivel; dir-se-ía que por detraz d'ella está uma ave de rapina, um abutre com mascara humana transparente!

Como o marquez passa por ter muito espirito (na accepção franceza da phrase), tal fama, e as suas acções excepcionaes, justifica a admiração, principalmente das mulheres. É um ente susceptivel talvez de inspirar paixões ardentes, mas não amisade. Os sentimentos suaves e regrados, os meigos affectos, as serenas ternuras dos corações honestos e puros, recuarão diante d'esse rosto de bronze. Só o amor das bacchantes, ou o das selvagens, que não saibam ler a perfidia n'esse olhar metallico, poderão amar ou ter amado sinceramente este homem.

Batem á porta do gabinete e o marquez estremece, como se acordasse de um mau sonho.

— V. ex.ª dá licença? — interroga respeitosamente uma voz.

O fidalgo fechou o livro, metteu-o na gaveta da mesa, e dando á physionomia um ar grave, respondeu:

— Entre.

Entrou o mordomo.

— O senhor marquez sáe?

— Não; consagro o dia todo a minha filha.

— Se vier alguem antes do jantar?

— Não recebo.

— Posso então dispor tambem dos crea-

dos das cocheiras, para os arranjos do jardim?

— De todos.

— V. ex.ª não tem algumas ordens novas a dar-me?

— Basta que se cumpra á risca tudo quanto determinei por escripto, e que não falte cousa nenhuma á noite.

— Fique v. ex.ª descansado.

— Minha filha já desceu?

— Passou agora mesmo para o jardim.

— Bem; póde ir á sua vida.

O servo saíu, fechando a porta.

— No jardim! Sem vir aqui!... É indispensavel que isto acabe por uma vez... O dia de hoje... e a sua idade... Que vida, que viver do inferno!... E lá fóra pensam todos que sou o mais feliz dos homens, e que me divirto, fazendo doudices mais ou menos engraçadas!

Tornou a poisar a cabeça nas mãos, e ficou-se calado alguns momentos. D'ahi a pouco, esfregando a testa, como para afastar uma lembrança importuna, continuou:

— Faz hoje dezoito annos!... Dezoito annos de existencia maldita, que tento aniquilar em vão!... E foi n'este dia que nasceu Hortensia, dois annos depois... e que sua mãe perdeu a rasão, dando-lhe a vida! Foi n'este dia que, após outros dois annos, tor-

nei a ver Chamburg! Dois annos mais, e morre minha mulher! Decorrem outros dois, reapparece Pedro Ayres! Sempre n'este dia, com intervallos fatalmente iguaes, contados hora por hora! Sempre, sempre em 31 de março, de dois em dois annos, desde aquelle successo terrivel, acontece-me algum desastre, soffro um desgosto, recebo uma punhalada ou tenho visões do inferno! Que virá hoje?! São dois os numeros, dezeseis e dezoito, e dividem-se ambos por dois! Sempre este algarismo funesto! Ah! *elles* eram dois!... Porém, *ella* amava-me... devia ter-me perdoado. *Elle* não; elle não perdoará nunca, n'esta vida nem na outra... se outra existe?... Existe, sim, existe, infelizmente! Se á morte succedesse o aniquilamento, não veria eu sempre, n'esta horrivel data, a sombra implacavel e vingadora de Romualdo Goataçára...

O marquez levantou-se aterrado e foi ver se estaria alguem por detraz dos reposteiros.

— Pronunciei o seu nome! Porquê?! Ha dezoito annos que esse nome, fechado no meu cerebro por uma vontade de ferro, não vem escaldar-me os labios! Não o proferi nunca! Nunca! Nunca!

O marquez gritava sem dar por isso, e caminhava pelo gabinete a passos largos, com o rosto livido e o olhar desvairado.

— Nunca! nunca! — proseguia, gesticulando e andando mais depressa. — Todavia... minha mulher soube-o! Descobriu o segredo fatal da origem da minha riqueza, no dia em que nasceu minha filha! Quem lh'o disse?... Ninguem; adivinhou-o; leu-m'o no rosto; entrou com o seu olhar no fundo da minha memoria e... endoudeceu! Duas vezes dois annos depois, sempre em 31 de março! expirou, gritando:

— Dois! Eram dois! Ladrão! Assassino!

O marquez parou, vendo-se n'um espelho, e, não se conhecendo, bradou como um louco furioso:

— Quem ousa entrar aqui sem minha licença?!

Voltou-se com os punhos fechados, e não achando ninguem, tornou a procurar por detraz dos reposteiros. Depois, caíndo em si, foi ver-se novamente ao espelho.

— Era eu!... Como *elles* me põem, cada vez que se repete o horrendo anniversario! *Ella* não... é só *elle*! *Ella* adorava-me! E era realmente bella! Pobre Gertrudes! Inferno! Tambem o seu nome rompe hoje as prisões e me obriga a pronuncial-o! Oh! que desgraça me visitará n'este dia tremendo?! Se elles não estivessem bem mortos, diria que os sinto approximar! São as suas sombras terriveis, que veem recordar-

m'os!... Ai! não me esqueço, não! Tentei até hoje lutar, mas dou-me por vencido! Viajei debalde; procurei inutilmente a morte nas chammas, na agua, debaixo dos cavallos desenfreados, e nas armas dos espadachins de fama! Os nescios julgavam-me atacado de manias generosas, ou extravagantes, quando eu buscava o termo dos meus tormentos! Só o archanjo da vingança me comprehendia, arrancando-me vivo de todos os perigos, para prolongar o meu castigo! Deixei minha filha no collegio até agora, para me arremessar livremente ao meio de todas as devassidões; mas não achei vinho que me embebedasse, nem mulheres que me tirassem a memoria!... Hortensia era a minha ultima esperança... Um anjo de candura e de bondade, que adoro e idolatro com a cegueira de quem não tem outro fito na terra nem no céu! Trago-a para casa, ponho-a, como o Deus que me ha de remir, diante da minha desventura, e reconheço que ella não corresponde á minha affeição, que me evita, que parece ter medo de mim! Oh! desgraçado, desgraçado! Saberá ella, acaso, como sua infeliz mãe, o preço d'esta opulencia e d'este luxo?! Quem poderia dizer-lh'o? Chamburg ou Pedro Ayres? Poucas vezes lhe fallam, e não teem certeza do que eu fiz, nem dos thesouros que obtive!

Mas... se ainda assim fallassem!... Ah! que o demonio os livre d'essa tentação!... E elles?!... Não entregaram Bararoá, o seu protector e amigo?!... Comtudo, não mancharam as mãos no sangue... e eu tinha-me associado tambem á sua infamia!

Um gemido abafado e o ruido de um corpo, que caía á entrada do gabinete, interromperam o longo e doloroso monologo do marquez.

— Quem está ahi?

Não recebendo resposta, abriu o reposteiro e encontrou sua filha sem sentidos.

— Hortensia!... Agua! Agua!

Os creados acudiram todos aos gritos d'elle.

— Depressa! Um medico! Abram essas janellas!

Pegou na joven ao collo, transportou-a para um sophá, e chegou-lhe aos beiços uma colhér de crystal cheia de agua.

— Não bebe! O medico! O medico!

— Ahi vem, senhor marquez. — respondeu o mordomo. — Ía eu mesmo a casa d'elle, quando o guarda-portão me disse que estava um no hotel fronteiro, tratando de uma creança que caíra da janella. Aqui está o senhor doutor.

— Sáiam todos. Entre, senhor; entre.

O medico entrou, cerrando a porta, e di-

rigiu-se á doente, que não dava accordo de si.

O marquez, todo attento para sua filha, não reparou no recemchegado senão quando este pegou na mão da enferma para lhe tomar o pulso.

— Ah! — exclamou Lacroix, esgaseando os olhos e recuando até á parede do fundo.

— Isto não é nada grave — disse o medico, dirigindo-se ao marquez com voz suave e insinuante; — um pouco de repouso, aqui mesmo onde está, lhe deve restituir o socego. Foi uma leve commoção nervosa.

O marquez, fascinado, convulso, com a loucura a beijar-lhe o cerebro, os olhos pregados no rosto do homem, que o examinava com curiosidade á medida que lhe ía fallando, mexia os labios sem articular as palavras e parecia prestes a caír.

— Não se assuste v. ex.ª — continuou o outro. — Affirmo-lhe que não é cousa de cuidado.

— O meu remorso vivo! — gritou finalmente o marquez. — Eu bem o tinha sentido approximar-se! — E caíu sem movimento sobre o tapete.

III

Diogo Peres de Molina

O medico teve um estremecimento rapido; o seu rosto, ha pouco impassivel, contrahiu-se com a expressão do receio e da contrariedade.

—Uma apoplexia?!—murmurou elle, correndo para o marquez e fazendo a si mesmo a pergunta.—Não, felizmente!—continuou comsigo, brilhando-lhe nos olhos estranho lampejo de alegria, depois de terse ajoelhado para tomar-lhe o pulso.—Uma syncope ligeira... simples lipothymia...—Poz-lhe a mão no lado esquerdo do peito, e pareceu comprazer-se um instante, passeiando-a com singular voluptuosidade sobre a região do coração, cujas contracções se achavam suspensas.—Pelo seguro, con-

vem pôr-lhe a cabeça bem ao nivel do tronco... A face está pallida... as veias jugulares quasi vasias... e as carotidas sentem-se apenas!...—Á medida que fallava, collocava o enfermo em posição horisontal, apalpando-lhe o pescoço, o rosto, e a nuca.—Talvez perturbação nervo-cardiaca?...

Tornou a inclinar-se sobre Lacroix, e depois de novas observações, levantou-se, cruzou os braços no peito, e deixou-se ficar immovel, com os olhos fitos no marquez. Ninguem, por mais penetrante que fosse, observando o rosto frio e sereno do medico, poderia dizer se no seu olhar havia sympathia, odio, desdem ou indifferença. Fôra sem duvida a philosophia pratica da sua profissão quem lhe dera tão cedo aquelle ar tranquillo e impenetravel. Não parecia ter mais de trinta e tres ou trinta e quatro annos, com quanto os seus cabellos lisos e curtos, que deviam ter sido negros como as azas dos corvos, começassem a tornar-se grisalhos; o rosto era de um oval gracioso; os olhos pretos, bordados de longas pestanas, e sobrancelhas da mesma côr; a bôca e nariz correctissimos; a pelle fina e macia, mas trigueira como a dos andaluzes de sangue arabe. Usava a barba rapada. Todas as suas feições eram de uma tal regularidade e belleza, que se não fossem tão virilmente

accentuadas e em homem de elevada estatura, poderiam tomar-se pelas de uma mulher formosa. Mas, além d'esse ar varonil, rugas precoces começavam a sulcar-lhe a fronte, indicando grande concentração de espirito, com estudos prolongados, e temperando a suavidade da sua physionomia com o tom grave e um tanto rígido da profissão medica.

Quem o visse na attitude contemplativa em que estava, julgal-o-ía uma estatua, se fosse costume haver estatuas de casaca preta. Um longo suspiro, que ouviu atraz de si, arrancou-o da meditação que parecia absorver-lhe todas as faculdades. Voltou-se e dando com a vista na joven, que se conservára desmaiada no sophá, disse comsigo:

—Ah! não me lembrava d'ella!

Sacou do bolso uma caixinha de pau santo, de fórma cylindrica, e tirando d'ella um frasquinho de crystal dourado, que desarrolhou, deu-o a cheirar á filha do marquez.

—Quem é o senhor?—perguntou Hortensia, fitando no desconhecido um olhar em que se revelava subita e mysteriosa sympathia.

—Sou medico.

—E meu pae?... Ah! que tem elle?!

—Um desmaio, sem gravidade, como o

de v. ex.ª Commoveu-se, persuadido de que o seu estado era perigoso...

—Que doença tão extravagante! Os primeiros ataques que tive foram no collegio, por occasião dos exercicios religiosos para os exames de doutrina; algumas das minhas companheiras tambem soffreram...

—É a syncope convulsiva, por imitação, muito vulgar em París. Afianço-lhe que não tem a menor importancia. Ha muito tempo que saíu do collegio?

—Um mez.

—Provavelmente foi hoje o ultimo ataque. Póde considerar-se curada.

—Quem sabe?!—suspirou a filha de Lacroix, diligenciando sentar-se.—O desmaio de meu pae foi então da mesma natureza que o meu, por imitação?

—Oh!... não.—volveu o medico sorrindo-se melancolicamente.

—Mas elle não volta a si?!—tornou Hortensia com inquietação.—Porque não lhe acode?! Que é dos creados? Faça favor de tocar ahi n'esse botão da campainha.

—Não é preciso. O senhor marquez dormita...

—No chão!

—Não é conveniente removel-o. Vae já reanimar-se.

—Deixe-me pôr-lhe ao menos esta almofada...

—Perdão!—acudiu o medico, detendo-a com gesto respeitoso.—Precisa ter a cabeça ao nivel do corpo.

—É exquisito! E porque me deram a almofada a mim?

—O incómmodo do senhor seu pae é muito diverso; fui eu que lh'o causei, involuntariamente.

—Como?

—Segundo elle diz, tenho a infelicidade de me parecer com alguem, cuja lembrança lhe é penosa.

—Ah!...

O marquez estrebuchou a este tempo violentamente.

—Jesus! Papá? papá? Acuda-lhe, pelo amor de Deus!

—Senhor marquez, socegue!—supplicou o medico, approximando-se d'elle e fallando-lhe com voz insinuante e meiga.—A menina tornou a si; a doença d'ella não tem o menor perigo. Prometto cural-a em dois dias. V. ex.ª assustou-se sem motivo; tranquillise-se.

Lacroix sacudiu outra vez os braços e as pernas; abriu os olhos, como se o outro lhe tivesse applicado a pilha galvanica, ou se o tocasse com alguma vara magica; e vendo-o

tão perto de si, ergueu-se de chofre, e correu para a porta, que communicava com o seu quarto de cama.

—Papá? Papá?! —gritava Hortensia aterrada, querendo mas não ousando seguil-o. —Meu Deus! Que tem elle? E quem é o senhor, que lhe mette medo?! —perguntou, voltando-se para o estrangeiro. Este, que parecia commovido e penalisado com o terror que a sua presença causava ao marquez, respondeu tristemente:

—Já tive a honra de dizer a v. ex.ª qual é a minha profissão.

—Conhece meu pae?

—Não, minha senhora.

—Nunca o tinha visto?

—Foi hoje a primeira vez que recebi o favor de fallar ao senhor marquez de... de?...

—De Lacroix.

—Ah!... Uma celebridade parisiense! Grande coração, alma immensamente generosa! Era exactamente o homem que mais me convinha conhecer em França. Que fatalidade!—proseguiu dolorosamente. —Á fortuna de ter sido chamado a esta casa, succede logo a desgraça de me parecer não sei com quem, que me tira a esperança de aqui voltar!...

O doutor pareceu tão afflicto com esta re-

flexão, que Hortensia teve dó d'elle; todavia, não lhe respondeu. Olhava-lhe para o rosto, como procurando ler-lhe nos olhos a verdade do que affirmava; e sentia-se irresistivelmente attrahida.

—V. ex.ª não percebe bem o alcance da minha magua.—continuou elle.—Vou, provavelmente, parecer-lhe ridiculo; mas inspirar-lhe-hei talvez maior confiança, dizendo-lhe que sou um pobre medico hespanhol...

—Hespanhol?! E falla tão bem a minha lingua!

O doutor inclinou-se, agradecendo. Depois, tornou:

—Nasci em Molina, duas leguas distante de Murcia. Os meus estudos foram muitas vezes interrompidos, com intervallos de annos, em consequencia da politica de meu pae o obrigar a frequentes emigrações. Em 1848, por occasião de se revolucionar em Madrid o regimento de Hespanha, sublevou elle tambem tres esquadrões em Sevilha; abortada a revolta, teve que fugir, pela sexta vez, para Portugal, onde minha mãe e eu o seguimos d'ahi a pouco tempo. Um mez depois falleceu, deixando-me sem meios para concluir a formatura em medicina, que era o sonho de minha boa mãe. Os nossos compatriotas residentes em Lisboa fizeram uma

subscripção, para nos auxiliarem a transportar-nos a Madrid, onde eu tinha um tio materno, que julgavamos abastado. Durante a jornada, sobreveiu uma febre perniciosa, que me arrebatou tambem a minha boa e querida mãe!...

— Que desgraça! — murmurou Hortensia.

— Quando appareci orphão diante de meu tio, elle compadeceu-se da minha situação; e, apesar de ter tido grandes e successivas perdas no seu commercio, sustentou-me durante todo o tempo que me faltava para completar o curso, gastando commigo os ultimos recursos da sua velhice. Eu tinha trinta e dois annos quando me achei dotado com a profissão honrosa de medico; apesar de haver já passado por muitas provas dolorosas, conservava ainda algumas illusões, e por isso me não inquietava com a pobreza. Apenas doutorado, annunciei-me ao publico, persuadido de que no dia seguinte se me encheria a casa de doentes ricos, e que até me faltaria o tempo para acudir aos que me chamassem!... Infelizmente, sem recommendações valiosas, ou sem charlatanismo, ninguem faz hoje carreira; faltaram-me ambas as cousas... e antes de um anno teria morrido de fome, se outra irmã de minha mãe, que reside em Molina, me não tivesse acudido com uma pensão modestissima, para me sustentar, a

mim e ao velho. Resolvi então vir a París tentar fortuna. París, que chamam paraizo das mulheres, purgatorio dos homens, e inferno dos cavallos, é a terra com que sonham todos os estudantes hespanhoes. Obtive uma carta de recommendação para o doutor Andral e parti. Ah! minha senhora, se soubesse como certas circumstancias da vida abatem o amor proprio e a dignidade humana, comprehenderia de certo o motivo por que me humilho a fazer-lhe estas inconvenientes confidencias, logo á primeira vez em que tenho a honra de lhe fallar!... Estou em París ha seis mezes... e apenas tenho conseguido não pedir esmola!...

— Coitado! — murmurou a joven, enternecida.

— Hoje — proseguiu o hespanhol — judiou a sorte novamente commigo. Passava n'esta rua, quando ouvi dizer que se pedia um medico para o hotel fronteiro; corro a toda a pressa, e encontro já o da familia, que me despede com fria polidez! Venho aqui, por outra negaça da fortuna, e o pae de v. ex.ª, que podia recommendar-me a todo París, affiige-se com a minha presença, e...

— Se provar tudo quanto acaba de referir a minha filha — disse Lacroix, que havia momentos o escutava, sem que tivessem dado pela sua entrada — póde contar que

o tornarei rico e celebre, ainda que o senhor seja um... ignorante.

— Oh! senhor marquez!... — exclamou o medico, brilhando-lhe nos olhos a alegria e o reconhecimento. — Beijo-lhe as mãos com viva gratidão. E vou já buscar os documentos. Acreditem v. ex.as que se me queixei tão pouco comedidamente da minha pobreza, não foi porque ella me aterre, ou porque eu me sinta incapaz de lutar com a adversidade; acovarda-me unicamente o estado do infeliz e bondoso ancião, que me sacrificou os seus poucos haveres, confiado em que eu seria o amparo da sua velhice!... e desejo tambem poder um dia ir a Molina provar a outra santa mulher, que lá existe, que não sou ingrato nem mal agradecido.

— Porque não trouxe esses bons parentes? — interrogou Hortensia.

— Como? Com que meios? Só Deus sabe os sacrificios que tive de fazer para me transportar a mim!

— Volte ámanhã — tornou o marquez; — traga as provas do que affirmou, e, em paga d'ellas, terá um amigo que o ajudará a enriquecer em poucos mezes. As suas feições abriram no meu coração chagas dolorosas, que eu julgava inteiramente fechadas... Recordou-me um ente... querido... um irmão, quasi... que eu vi... que per-

di de um modo... bem... bem tragico!

Á medida que deixava ir coando pelos labios cada uma d'estas phrases, Lacroix tinha a vista pregada no medico, observava-o com a maior attenção, espreitando-lhe todos os movimentos, e parecendo dirigir o seu exame especialmente ao pescoço, rosto, fronte e cabeça do seu interlocutor; dir-se-ía que procurava um vestigio, uma prova que confirmasse as suas suspeitas, ao mesmo tempo que estudava a impressão produzida pelas suas palavras.

O outro escutára-o com a maior deferencia, na attitude natural e affectuosa do facultativo, ouvindo queixar o doente. Ou não percebia a indagação de que era objecto ou a desculpava, attribuindo-a á preoccupação do enfermo. Quando este acabou de fallar, volveu-lhe o hespanhol, com o seu ar modesto e a sua voz sempre insinuante:

— Eu não costumo estudar só o physico das pessoas que me fazem a honra de se entregarem aos meus cuidados; applico-me tambem ao moral... Se v. ex.ª se dignar ouvir-me algumas vezes, espero que não reprovará inteiramente o meu systema.

O marquez approximára-se, procurando-lhe sempre no rosto e na cabeça o que quer que fosse. Não descobrindo nenhum signal

ou indicio do que pretendia achar, socegava gradualmente.

— Desculpe-me... e esqueça-se de tudo quanto viu e ouviu. — respondeu elle. — Ha tempo que me sinto atacado da monomania extravagante de certas pessoas, que julgam ver almas do outro mundo! Se isto constasse, afogava-me em ridiculo!

— Esse facto nada tem que mereça zombarias. — respondeu o doutor. — Explica-se perfeitamente o phenomeno d'essas visões ou suppostas apparições por diversos modos: desequilibrio na circulação do sangue, excessos de imaginação, e, sobretudo, por doenças do systema nervoso. Recentemente se publicou em París um livro curiosissimo a este respeito. Havemos de estudar o caso de v. ex.ª e cural-o radicalmente.

— Ah! senhor doutor! — interveiu Hortensia, que até ali estivera calada, escutando-o com vivo interesse. — Se conseguir isso!...

Um olhar severo do marquez interrompeu-a, fazendo-a empallidecer.

— Como se chama? — perguntou elle ao hespanhol, reparando na má impressão que o seu movimento produzíra n'este e na filha.

— Diogo Peres de Molina.

— Peço-lhe o favor de voltar ámanhã, á mesma hora.

Diogo Peres, percebendo que o despediam, comprimentou respeitosamente e saíu do gabinete sem replicar.

O marquez puxou o botão de uma campainha electrica e disse ao creado de quarto, que apparecêra immediatamente:

— Previna o guarda-portão, de que estou sempre em casa quando vier o senhor doutor Diogo Peres de Molina.

Diogo agradeceu novamente, com outra inclinação profunda de cabeça.

— Esquecia-me — tornou Lacroix, caminhando adiante d'elle — perguntar-lhe onde mora, para qualquer caso repentino.

— Rua Mouffetard, n.º 23, 3.º andar.

— Oh! Precisa mudar-se.

— Pago setenta francos cada mez... por casa e comida.

— Dentro em pouco tempo terá doentes que lhe permittam saír para sempre d'esse bairro immundo.

Dizendo isto, o marquez dispunha-se para descer a escada.

— Por quem é, senhor marquez! Muito agradecido por tanta honra e favor!

Quando Diogo Peres saíu, Lacroix, que o tinha visto bem por todos os lados da cabeça, disse comsigo, respirando:

— Nenhum indicio!... Todavia... Estou certissimo que foi na cabeça ou no ros-

to!... As feições são as d'elle!... Apesar de um intervallo de dezoito annos, parece-me que as reconheço... Acaso será possivel haver tanta similhança entre duas pessoas?! O mesmo feitio de cara, olhos, cabello, côr!... Murcia é na Andaluzia?... Sim... n'uma região das mais quentes da Europa... habitantes quasi arabes... morenos, cabellos pretos e lisos... E a segurança com que elle fallou da sua vida, da sua miseria... Tem parentes, dá o nome da terra em que diz ser nascido... É outro, com certeza! O selvagem conhecia as minas de oiro e pedras preciosas... Cem mil vezes mais rico do que eu, podia vir vingar-se do modo que quizesse!... Tudo é facil, n'um paiz civilisado, com os thesouros de que elle podia dispor... se tivesse quem o auxiliasse e instruisse... Mas este é pobre... Impossivel! O outro ficou adormecido no fundo do rio. Vamos ás explicações com Hortensia.

IV

A rua Mouffetard

Quando o doutor Peres de Molina saía de casa de Lacroix, estava uma carruagem parada á porta da rua, e o porteiro, com o *bonnet* na mão, fallava, á portinhola, com a pessoa que vinha dentro.

— O senhor marquez não recebe antes do jantar. — dizia o guarda-portão. — V. ex.ª bem sabe que elle não quer que o contrariem...

— Isso não póde entender-se commigo; abre.

— Desculpe, senhor conde; não me exponha a ralhos merecidos.

— Ah! quem é aquelle homem?!

— O que vae saíndo?

— Sim... Como diabo se chama elle?!

Ó Pedro? — continuou, dirigindo a palavra ao trintanario, que se tinha apeado e estava a fallar com o cocheiro. — Abre, depressa!

— É um medico.

— Medico!

— Aquelle senhor — disse o creado de quarto do marquez, fallando com o guarda-portão — é o doutor Diogo Peres de Molina. Cada vez que elle vier, mande-o subir, ainda que s. ex.ª tenha dito que não recebe ninguem.

— Diogo quê?... — perguntou um homem alto, que acabava de saír do *coupé*.

— Diogo Peres de Molina, senhor conde.

— É um diabo! Elle vem cá ha muitos dias?

— Foi agora a primeira vez.

— Diogo Peres de Molina! medico?!... Vae esperar-me no caes d'Orsay, á porta da Thereza. — ordenou elle ao cocheiro; e partiu rapidamente atraz do medico hespanhol, que seguia pela rua de Grenelle, em direcção ao palacio dos Invalidos. — Como demonio era o nome do selvagem?! — murmurava, caminhando sempre, o sujeito a quem os creados de Lacroix davam o tratamento de conde. — Medico e hespanhol?! O cachorro era esperto!... Ah! Romualdo... Romualdo... Garabába, Garaçára ou Gara-

tára... Parece-me que era uma cousa assim?... É elle, com certeza! Apesar de eu não ter nada que temer da sua apparição, senti um choque desagradavel! Foi como se me dessem com uma bola de bilhar no peito!... É exquisito! Sempre julguei que Lacroix o tivesse aviado... Vejo que apreciava mal, e injustamente, o querido marquez! Mas que diabo vem o indio fazer a París?!... E em casa de Alberto, por quem não deve morrer de amores... Pareceu-me avelhentado!... O nome supposto é facil; porém, medico?!... Elle não veiu cá para comprimentar o marquez... nem a mim. Porque é elle, não tenho a menor duvida! Seria impossivel achar duas caras tão parecidas!... Como e aonde se fez medico?! Dezoito annos davam-lhe tempo de se doutorar tres vezes... mas... Ah! lembro-me agora vagamente de ter ouvido a Lacroix a historia de uma canôa carregada de oiro, que o selvagem trazia das minas e se virou no rio Madeira! Eis como tudo se explica... e me parece claro... Tornou a ir buscar mais, foi estudar em Hespanha, e vem hoje a París... ajustar contas com Lacroix, que lhe fez por lá alguma! Confesso que me não causa nenhum prazer a sua vinda... Preferia antes que o levassem todos os diabos d'aqui para fóra.

Discorrendo assim, o conde approximára-se gradualmente do medico.

— Hum... tão grisalho!... O outro era creançola de quinze annos... e este deve ter quarenta! Fato rapado, chapéu com lustro de suor... Para disfarce, acho porco de mais. Isto cheira a pobreza verdadeira. Não é... Comtudo, tamanha similhança!... Em todo o caso, não o perco de vista... Aonde irá elle dar commigo? Volta para o *boulevard* dos Invalidos... Entra na rua de Varennes... Querem ver que vae aos telegraphos! Não; talvez admirar a fonte de Grenelle... Sobe pela rua do Bac! Estou arranjado!...

O outro caminhava sempre. Entrou na rua de Babylonia, virou para a Velpeau, atravessou a de Sèvres, e metteu pela Dupin:

— Vae á Prisão Militar, ou ao Conselho de Guerra! — rosnava o conde, seguindo-o. Não; passa a rua do Cherche Midi e entra na de Santa Placida... Rua Vaugirard... Já sei; vamos ao Luxemburgo passeiar! Não é má estucha!

O medico tomou para a rua d'Assas.

— Nada de jardim! — murmurou o que o seguia, vendo-o passar na embocadura da rua de Fleurus. — Provavelmente é ao Pantheão que iremos, ver com que foram suppridos os projectos grandiosos de Chenavard!...

Diogo Peres saíu á esquina dos *boulevards* de S. Miguel e Monte Parnaso; encaminhou-se pelo de Port-Royal, e foi até á rua de S. Jacques.

— Que patife! — vociferava o outro — Préga commigo em Valle de Graça!

Enganára-se ainda. Diogo deteve-se apenas um momento, olhando para o hospital; em seguida, metteu pelas Feuillantines, voltou á rua da Arbalete, e parou outro instante, examinando o edificio da Escola de Pharmacia.

— Já não posso! — suspirava o conde, furioso e limpando o suor, que lhe escorria do rosto e do cabello em grossas bagas. — Caminhâmos ha hora e meia... temos andado seguramente duas leguas! Parece-me que o largo?... Mas... depois de tão grande estafa, não ficar sabendo nada, é duro! Lá vae elle internar-se nas profundidades sombrias do Bairro Latino! Decididamente não é o selvagem... Talvez seja professor... Eu já não tenho pernas... Que diabo! Torna para traz?!...

O doutor entrou na rua Mouffetard; dirigiu-se á casa que fazia esquina com a rua Daubenton, defronte da igreja de S. Medardo; empurrou uma porta, e foi subindo a escada carcomida, que se avistava ao fundo do corredor.

— É aqui.—disse comsigo aquelle que o viera seguindo de tão longe. — E era tempo! Agora, toca a tirar informações. Depois, veremos se acho um *fiacre*, que me leve a casa da Thereza. Estou mais morto que vivo!

A rua Mouffetard, no tempo em que se passam os acontecimentos que vamos relatando, pertencia ao duodecimo districto e não ao quinto, como agora succede pela nova divisão administrativa de París moderno. Ainda lá não tinham chegado os energicos revulsivos com que a municipalidade ía já operando renovações maravilhosas n'outros logares do corpo da velha Lutetia; mas as ruas proximas começavam a mudar de nome, reedificando os seus predios, levantando as rendas, e empurrando os estudantes para as viellas do Bairro Latino. A rua Nova de Santa Genoveva, onde Balzac tinha descripto, com mão de mestre, a casa Vauquer, no *Père-Goriot*, passava a chamar-se rua Tournefort; as suas vizinhas imitavam-n'a, alargando-se, limpando a lama secular do solo, e substituindo os velhos edificios por construcções elegantes e confortaveis.

A nova circumscripção administrativa limita o quinto districto pelos *boulevards* de S. Miguel, Port-Royal, S. Marcello e Hospital; e, pela margem do rio, desde o caes de S. Miguel ate á ponte de Austerlitz. Existem

n'esta parte da cidade o Pantheão, a Sorbona, as escolas superiores, os hospitaes, o amphitheatro de anatomia, os collegios Luiz o Grande, Napoleão, Rollin, as igrejas de S. Medardo, S. Thiago, S. Severino, a prisão de Santa Pelagia, o edificio monumental da administração, em frente da Escola de direito, a bibliotheca de Santa Genoveva, a torre de Clovis, Santo Estevão do Monte, o mercado dos vinhos, e muitos mais estabelecimentos e edificios notaveis, destinados uns ás sciencias, letras e artes, outros á industria e ao commercio, e muitos ao serviço do estado e ao culto religioso.

A rua Mouffetard, unida ás de Descartes e Santa Genoveva, corta quasi ao meio este districto, que no anno de 1854, quando tinha o numero doze, era uma verdadeira cidade de sciencia e de miseria. Mas essa rua não conserva hoje do seu passado senão o nome. Os municipios, inimigos de antiguidades e tradições, teem conseguido, á força de cal e macadam, satisfazer as exigencias da civilisação, destruindo todas as feições pittorescas, que caracterisavam aquelle bairro populoso.

As casas de então, destinadas em grande parte a hospedarias de tres tostões por dia, incluindo comida, eram velhas, esguias, negras, esburacadas, de janellas pequenas, sem

vidros nos caixilhos, sem tinta nas madeiras, sem cal ou pinturas nas paredes, desiguaes nas alturas, tortas, ameaçando caír umas sobre outras, verdadeiras parodias de habitações humanas! E que vida se vivia em muitos d'esses antros medonhos! Estudantes, artistas, moços, velhos, gente de todas as jerarchias, que a pobreza nivelava, talentos de todas as especies, homens e mulheres arruinados, que para ali íam morrer na mais abjecta indigencia, e rapazes que lá preparavam o seu futuro, o do seu paiz, e talvez o do mundo!

A população mais industriosa compunha-se de curtidores e correeiros; a mais original, a que dava mais singular feição á rua Mouffetard, era a dos trapeiros e trapeiras de París, que todos se tinham ali reunido! Difficilmente se encontraria um predio em cujas aguas furtadas não habitasse uma familia d'elles, uma mulher, um homem, uma similhança vaga de creatura humana, que se tivesse dedicado áquella profissão, por incapacidade provada para exercer qualquer outra. Pessoas que n'outro tempo tinham sido ricas, e gosado na sociedade uma posição elevada, fama e consideração, derrubadas pelo jogo, pelo vinho, pelas mulheres ou pelo luxo, n'aquelle abysmo da rua Mouffetard, levantavam-se um dia de gancho e sacco

ás costas, para irem procurar, nos sitios onde tinham passeado de carruagem, os objectos deitados fóra pelos seus amigos e amantes da vespera. Algumas caíam lentamente, rolando por todas as rampas do vicio; outras desciam degrau a degrau, parando a cada passo, olhando para traz com magua, mas cedendo sempre á covardia e ao crime, caminhando até chegar ao officio dos envilecidos, e ás residencias ironicas das velhas aguas furtadas.

Mais de cem d'esses miseraveis, que todos tinham uma historia infame ou dolorosa, ali viviam sem pão nem vestidos, cobrindo-se com farrapos apanhados de noite nos monturos, e alimentando-se com aguardente... quando tinham trapos e papeis velhos que vender! Dormiam no chão, sobre o soalho negro e carcomido, ou, os mais ricos, em cima de palha apodrecida, devorados vivos por insectos de todas as especies!

Para uma casa das menos hediondas d'esta rua, tinha ido residir o doutor Diogo Peres de Molina, quando chegou a París, desconhecido, e, ao que parecia, sem dinheiro.

Ao principio julgaram os vizinhos que era mais um dos muitos infelizes, precipitados, pela inconstancia da fortuna, do céu azul da opulencia viciosa no inferno da miseria. O seu ar de moço envelhecido, as rugas pre-

coces, o fato, apesar de cuidadosamente escovado, accusando uso excessivo, e a exiguidade das bagagens, que se reduziam a uma só mala, e essa mesmo com mais livros do que roupa; tudo parecia annunciar aos trapeiros um novo concorrente, e por isso o não viram com bons olhos.

Diogo, porém, não chegou ás aguas furtadas; parou n'um terceiro andar, e não deitou gancho nos primeiros tres dias... Os espiritos começaram por isso a tranquillisar-se. Depois de se ter orientado no bairro, o novo hospede relacionou-se com alguns estudantes, dizendo-lhes qual era a sua profissão e o desejo que tinha de seguir os cursos livres das escolas.

— É medico! — exclamaram todos os trapeiros á uma.— Vamos ter quem nos trate de graça... em caso de apoplexia fulminante.

E desde que constou que o recemchegado não era um rival, e que podia pelo contrario vir ainda a ser util á classe, todas as aguas furtadas lhe votaram mais ou menos sympathias, limitando-se apenas os mais intrataveis a espreitar se elle se esqueceria alguma vez da porta aberta, para lhe irem roubar os livros.

Mas duas ou tres semanas bastaram para que o seu procedimento impressionasse de tal modo os habitantes do bairro, que até

os mais selvagens e embrutecidos se descobriam por fim respeitosamente, quando o viam passar nas escadas ou nas ruas.

Os trapeiros, que todos tinham larga experiencia do mundo, e sabiam que ninguem olhava para elles senão com profundo desprezo, ficaram unanimemente surprehendidos e subjugados. O doutor parecia pobrissimo; ganhava pouco, porque quasi ninguem o conhecia ainda; e, apesar d'isso, repartia tudo quanto ganhava com os que eram mais pobres do que elle!

— Aonde se viu isto?! — diziam os vizinhos. — Grande favor que os ricos dêem do que lhes sobeja!... quando dão. Mas quem é quasi tão necessitado como nós... E em París! Este homem é doudo ou santo.

Effectivamente, o hespanhol, que, segundo confessou em casa do marquez de Lacroix, não tinha lucros sufficientes para acudir ás necessidades de seu velho tio, corria risco de morrer de fome, se não mudasse de bairro ou de systema. A maioria dos seus vizinhos eram uns desgraçados, que não tinham que comer, quanto mais com que pagar as receitas á botica, e as visitas ao medico!

Diogo visitava-os todos gratuitamente, fornecia-lhes os medicamentos, e, por pouco que fosse, achava sempre alguma cousa no bolso do collete para deixar aos mais infelizes. O

modo por que fazia isto, dobrava o valor dos serviços, e obrigava por vezes a derramar lagrimas aos que os recebiam.

— Que alma! — murmuravam as mulheres. — Ah! se houvesse muitos assim, não seriamos tão desgraçadas! Meu Deus! Parece que até me envergonho da vida que tenho tido!...

— Os diabos me levem — diziam brutalmente alguns dos homens — se eu não dava a alma por elle! Livre-se alguem de lhe faltar ao respeito diante de mim!

— E nós quizemos ir-lhe aos livros! — accusavam-se outros.

— Eu cá sou capaz de roubar, mas é para elle!

— Tambem eu!

— Tambem eu!

— Soccorre-nos com um modo, que faz vontade de lhe beijar as mãos!

— E de chorar, palavra de honra!

— Nem a gente se atreve a fallar mal diante d'elle!

— Dizem que é hespanhol?

— Seja o que for; melhor, não o ha.

— Quem dera que os tivessemos tão bons!

— Elle ha de haver, mas eu nunca achei.

— Nem eu.

Era assim por toda a parte. O doutor, com o seu animo generoso e a sua voz insinuante,

deixava atraz de si um perfume de virtude e affecto, que melhorava insensivelmente uma parte dos reprobos sociaes a quem tratava. Ao cabo de seis mezes, sentia-se na rua em que elle vivia notavel modificação nos costumes das pessoas, anteriormente julgadas incorrigiveis. Entre os estudantes, tornára-se tambem popular e respeitado, como sabio e homem de bom conselho em todas as situações graves. Notavam apenas os seus mais intimos, como contraste singular de caracter, que sendo elle immensamente bom e generoso para os pobres, a quem dava a maior parte dos seus modestissimos honorarios, manifestava avidez de ganho quando se lhe deparava algum doente abastado, o que era raro.

— É para ter mais que repartir com os necessitados. — observavam uns.

— Ou por odio aos ricos. — diziam outros.

— Será um ambicioso disfarçado?

— Parvoíce!

— É um original.

— Um philosopho.

— Um phenomeno.

— Homem-sphynge!

— Silencio! É um amigo da humanidade... esfarrapada.

V

Hortensia de Lacroix

O marquez, feitas as reflexões que lhe ouvimos no fim do capitulo terceiro, dirigia-se para o seu gabinete, quando viu a filha entrar á pressa na livraria, fingindo não o ter visto a elle.

— Evita-me! — suspirou o pae, tristemente.

Entrou na bibliotheca, julgando que Hortensia iria, por disfarce, pegar n'algum livro; mas ella, apenas lhe sentiu os passos, saíu, sem olhar para traz, por outra porta que communicava com a sala do bilhar. O rosto do marquez cobriu-se de uma nuvem sombria. A dor e a ira lutavam no seu coração com igual força.

— É evidente — dizia comsigo; — tem

medo de mim!... porque sabe alguma cousa.

Seguiu-a rapidamente. A joven ía subir para os seus quartos; mas vendo encostada a porta da galeria, que conduzia a elles, e não sabendo se teria tempo de a abrir, antes que a avistasse o pae, deu uma corrida nos bicos dos pés, saltou os dois degraus que desciam para o jardim, e metteu-se por uma rua que rodeava o lago e ía ter defronte da sala de jantar, com a esperança de poder entrar por ali, e subir a escada de serviço do segundo andar, sem ser vista pelo marquez.

Este, vendo-a por uma das janellas da casa de bilhar, e adivinhando-lhe talvez a intenção, perdeu a paciencia prudente, que até ali tivera, e gritou-lhe, com a voz tremula de colera:

— Hortensia!

Ouvindo-o, a joven estacou, tornou-se pallida, e começou a tremer, parecendo que ía ter uma nova syncope.

— Minha filha! — exclamou o pae, correndo aterrado e segurando-a nos braços, no momento em que ella se inclinava sobre as bordas do lago. — Minha querida Hortensia! Perdão!...

— Ah!... papá... que susto que me metteu! — disse ella, estremecendo ao contacto do marquez, e reanimando-se, por um supremo esforço, para se lhe tirar dos braços.

— Deixe-me descansar um instante... por favor...

— Espera, filha! Ó João? dá cá uma poltrona! O ferro está frio; não te sentes no banco.

— Obrigada; estou aqui bem.

O marquez tinha-se transformado, como por encanto; a ira fundiu-se ao calor do affecto.

— Sentes-te melhor?

— Estou boa, papá.

— Porque te assustaste?

— Porque... não o esperava... atraz de mim... E ouvi-o gritar de um modo!...

— Perdoas-me? Ah! se tu soubesses, se comprehendesses como te amo, como te estremeço, como só em ti fundo as esperanças de ventura de toda a minha vida!...

— Pois sei, papá; e sou grata á sua bondade...

— Como dizes isso, creança!... Quando tiveres mais idade, póde ser que aprecies então o amor que eu te consagro.

— O papá deixa-me ir lá acima?

As feições de Alberto mudaram novamente de côr. A filha continuou, sem fazer reparo na impressão causada pelas suas palavras:

— O papá mandou-me tantos presentes!... Ainda não os arrumei... E tambem vieram agora cousas, da parte do conde de Chamburg e dos viscondes de Richmond...

—Vamos ao meu gabinete primeiro. Temos que conversar...

Hortensia começou a tremer.

—Vamos, papá... Mas... se isso podesse ficar para logo... ou para ámanhã?...

—Não, filha. Ha de ser hoje; e agora; já.

Deu-lhe o braço, que ella acceitou mais para não caír do que por vontade, e foram para o gabinete.

—Senta-te.

A filha obedeceu em silencio, sem levantar os olhos, e mais assustada ainda do que das outras vezes em que o ouvia, pela solemnidade que elle, n'este momento, punha em cada phrase.

—Hortensia—começou o marquez—fazes hoje dezeseis annos...

—Não me esqueço nunca!—respondeu ella com esforço.—É o anniversario da morte de minha mãe...

—É...—suspirou o marquez, em tom quasi lugubre.—E Deus afaste de ti... e de todos os que amares, tormentos como os que eu tenho supportado n'este dia!

A joven encarou-o timidamente, mas viu-lhe o rosto tão demudado, que tornou logo a baixar os olhos.

—Sou muito desgraçado!—gritou involuntariamente Lacroix, que lhe notára o movimento.

— Desgraçado?! Toda a gente me diz que o papá é o mais feliz dos homens!... — atreveu-se ella a responder.

— E tu acreditas?!

— Eu?...

— Porque foi que desmaiaste, quando vinhas entrando, ha pedaço, no gabinete? — interrogou elle inopinadamente.

Surprehendida por esta pergunta inesperada, Hortensia balbuciou palavras inintelligiveis, e por fim cobriu o rosto com as mãos e principiou a chorar.

— Não chores; tu não sabes mentir; tens querido occultar-me os sentimentos do teu coração, porém á tua franca e leal natureza repugna a hypocrisia... Hortensia, tu não amas teu pae!

— Oh!...

— Não amas, bem sei! — repetiu elle dolorosamente.

— Papá... papá... eu faço diligencia...

— Mas não pódes!

— Hei de poder... deixe-me costumar... ha um mez apenas que saí do collegio... que estou na sua companhia...

— Quando lá vivias, já tentavas inutilmente vencer a... antipathia... o terror que te inspiro! E eu, infeliz! illudia-me, dizendo commigo: Ella é muito creança ainda; não pensa senão em brinquedos, com as pes-

soas da sua idade; mas quando lhe chegar a rasão, e eu a levar para a minha companhia, quando souber que só por ella e para ella vivo, que sem a sua affeição me é inutil a existencia, e que caminharei com os olhos fechados direito ao suicidio...

— Oh! meu querido pae!

— Quando reconhecer que puz toda a minha vida no seu amor filial, que um seu sorriso me dará mais calor do que o sol, e que uma palavra affectuosa da sua bôca fará mais bem á minha alma, para a levar ao céu, do que as vozes de todos os santos, que pedissem por mim a Deus!... Quando ella se convencer de tudo isto, pensava eu credulamente, ver-me-ha com outros olhos; ao egoismo da infancia, que só cuida na satisfação dos proprios prazeres, succederá a generosa abnegação da mocidade, que se dedica; acharei minha filha n'essa creança, que a educação viciosa dos collegios obriga a ver em mim quasi um estranho; ornarei para ella a minha residencia com todos os confortos da riqueza, com os primores das artes e com as obras primas da litteratura, para lhe formar o espirito; terá carruagens elegantes e cavallos magnificos; darei, por amor d'ella, sumptuosos bailes; París inteira caírá aos seus pés, porque eu sei o segredo de dominar essa aristocracia orgulhosa, que pre-

tende dar a lei a todos; minha filha não terá que invejar a ninguem, porque é bella, rica, adorada por seu pae, e em breve será rainha em todos os salões...

—Meu pae!—exclamou a joven, interrompendo-o e caíndo de joelhos.—Sou indigna da sua bondade...

—Confessas—volveu elle consternado e sem a levantar—que não pódes amar-me, que não ha no teu coração a mais tenue parcella de affecto por teu infeliz pae, que a minha ternura não te causa senão desgosto?! Oh!—continuou com desespero e raiva—eu sou capaz de fazer milagres para lhe agradar, de lhe dar o meu sangue por um sorriso, a minha alma pelo seu carinho filial, e ella!... Mas que sabes tu, desgraçada?!—bradou com impetuosidade crescente, dando um passo para a filha, que instantaneamente caíu sentada e tremendo de medo.—Que sabes da minha vida, para teres horror de mim?! Que infames calumnias te disseram, que palavras absurdas me ouviste proferir n'algum desvario da estranha doença nervosa, que por vezes me tem accommettido?! Quem te inspirou o desnaturado sentimento, que te obriga a detestar-me?! Acaso entendeste, aos quatro annos de idade, as terriveis mas falsas accusações de tua mãe, em seus ultimos momentos!? Acreditaste a voz da demencia ou da vingança covarde?!

Hortensia ergueu-se de um pulo, como se alguma secreta mola a tivesse levantado do chão e a atirasse ao ar.

— Senhor marquez! — bradou ella, como transfigurada pela indignação. — Os moribundos não mentem, e os mortos não podem defender-se!

O marquez recuou um passo, e curvou a cabeça, aterrado, diante do olhar de sua filha. A creança, que momentos antes estremecia e mudava de côr a cada palavra d'elle, tinha desapparecido e fôra substituida por uma bella mulher, de elevada estatura, de rosto nobre e energicamente accentuado, em cujo olhar brilhava o clarão dos sublimes incendios, ateados no coração humano pelo amor da justiça e da verdade.

— Sabe tudo! — pensou o marquez, como fulminado.

— Minha mãe era uma pobre orphã, sem instrucção, que v. ex.ª desposou n'um momento de enthusiasmo. Passadas as primeiras impressões, reconheceu que ella não estava á altura das suas phantasias, e maltratou-a brutalmente...

— Quem diz isso?!

— Eu, a filha da victima.

— Victima!... tu és tambem minha filha.

— Sou... mas a minha affeição não se

compra com palacios, ostentosamente mobilados, nem com presentes valiosos; adquire-se por meios mais simples...

— Não sabe nada! — reflectiu Lacroix com intima alegria. — Temi que o tratante do Chamburg... mas não... — Tomando depois um modo mais affectuoso, disse á filha: — Não creias no que te disse alguem mal intencionado. Confesso que entre mim e tua mãe se revelou incompatibilidade de genios, depois do nosso casamento... Porém, é falsissimo que eu a tratasse mal. Sabes que ella teve a desgraça de perder a rasão...

— Engana-se, senhor, minha mãe nunca esteve louca.

O marquez teve um calefrio.

— Quem t'o disse?

— Ella.

— Oh!... Mas, filha, todos os infelizes, que caem n'esse triste estado, affirmam que estão em seu perfeito juizo.

— Quando não teem quem lhes metta medo, depois de lhes haver jurado amor eterno. Minha mãe tinha adivinhado ou surprehendido não sei que segredo horrendo, e receiou pela existencia...

— Ah!

— Fingiu-se louca por isso.

— Sabe!... já vejo que sabe! — tornou a dizer comsigo o marquez consternado.

E acrescentou em voz alta:

— Como sabes isso, se apenas tinhas quatro annos, quando a perdemos?

— O que vi e ouvi n'essa idade não se esquece mais.

O marquez sentou-se e perguntou-lhe com ar de idiota:

— Então que viste tu, filha?

— O que vi, senhor marquez?! Vi que o conde de Chamburg entrava no quarto de minha mãe, com o consentimento de v. ex.ª

— Um amigo intimo...

— E contra vontade d'ella, que se abraçava a mim, e não me largava, a louca, emquanto elle não saía! Ao tempo que isto se passava em sua casa, ía v. ex.ª para um palacete da rua de S. Victor...

— Oh!... Perdôa-me, querida! Confesso que fiz mal, que fui extravagante, mau, indigno do amor de tua santa mãe; porque tua mãe era uma santa!...

O marquez levantou-se, parecendo enternecido, mas ao mesmo tempo dizia comsigo:

— Não sabe nada!

Approximou-se de Hortensia, e continuou, em voz alta, e cada vez mais apparentemente commovido:

— Fui um ingrato! Não a merecia, nem soube aprecial-a!... Chamburg dominava-me... É um selvagem, um cynico!... Es-

tive por vezes tentado a commetter um crime... para me livrar da sua perniciosa influencia. Não o fiz por amor de tua mãe, que preferia supportar as insolencias d'elle... porque tinha confiança em si e na sua invulneravel virtude.

Hortensia olhava para o pae sem pestanejar, altiva, severa, como o juiz, que ouvindo as allegações do réu, não deixando perceber se crê ou não nas palavras com que este pretende justificar-se.

— O que posso jurar-te — continuou Lacroix — é que estive sempre persuadido de que tua mãe enlouquecêra no dia do teu nascimento; e que sinceramente me arrependo dos desgostos, que lhe dei.

— Jura isso, meu pae?

— Pela tua vida, que é o dom mais precioso, que Deus me concedeu!

— Basta. Farei diligencia por merecer que me perdôe a liberdade com que lhe fallei.

O marquez, agora com verdadeira commoção, approximou-se e quiz beijar-lhe as mãos. Ella, porém, abraçou-o pela primeira vez sem repulsão.

— Hortensia! Querida do meu coração! — bradou elle, reconhecendo esta mudança favoravel. — Deus te pague o bem, que me fizeste. Sei que não sou merecedor da tua ternura; que atormentei injustamente a mi-

nha pobre mulher: mas não fui tão culpado como me julgavas. Se deixava entrar Chamburg, era por suppor que elle a distrahiria com os seus disparates... Pobre Martha! Ella achava-lhe graça, ao principio!...

— Emquanto não soube da traição feita no Brazil...

— Ah!... É esse o terrivel segredo, que tua mãe penetrára?! — perguntou o marquez, afastando-se da filha, para a ver melhor, quando respondesse. — Foi isso que lhe ouviste?!

— Foi...

— Só?... Só isso? — interrogou com hesitação.

— É pouco?! Pois ha mais?...

— Não... Foi horrivel!... Martha accusava-me?... Pensei que me calumniasse por ter enlouquecido, quando nas convulsões da morte me chamava... ladrão... e assassino, bradando: Dois! Eram dois!...

Lacroix tornára-se livido, e cobríra-se de suor frio, quando disse estas palavras. Reparando porém na impressão que produzia sobre a filha, continuou mais pausadamente:

— Eram effectivamente dois... um homem e uma mulher... que se amavam ternamente... Eu tive a maior culpa... soube da conspiração, podia tel-a feito abortar, denunciando-a... mas repugnou-me o papel

de delator!... Eis o meu crime, Hortensia; a causa dos meus remorsos, dos meus somnos agitados por sonhos terriveis, dos gritos, que tua mãe me ouvia soltar ás vezes, e que a levaram talvez a fingir-se louca, por temer que eu quizesse assassinal-a! Faz hoje dezoito annos...

— Hoje!

— Hoje. O conde de Chamburg, Pedro Ayres, e outros entregaram a um bando de assassinos o seu protector e amigo, que eu podia ter salvo, se não fossem os meus vãos escrupulos de não querer acceitar o papel de denunciante! Os infames atraiçoavam-n'o para o roubar, fingindo todavia que era para se vingarem d'elle os ter humilhado diante de um indio, que se parecia com o doutor hespanhol...

— Ah!... Agora comprehendo!

— Mas o que não sabes é que depois que perdi tua mãe, arrependido do meu vil proceder com ella, e dilacerado pelos remorsos do crime, que deixei commetter, tenho procurado a morte por todos os modos, sem conseguir que ella me livre da existencia! Em París julgam-me um excentrico, um original extravagante, que se atira diante de cavallos desbocados e ao meio de incendios pavorosos por simples divertimento!... Pois bem, minha querida Hortensia — continuou

Lacroix, emendando a tempo a tolice, que ía fazer em confessar que não era a generosidade quem lhe inspirava as bellas acções, que lhe deram fama — cada vez que o amor dos meus similhantes me tem feito praticar actos temerarios, confesso-te que, depois dos perigos passados, lastimo não ter morrido n'elles!

— Oh!

— Seria sinceramente chorado... até por minha filha.

— Meu pae!... Peço-lhe perdão de o ter obrigado a dar-me tantas explicações: o meu coração reconhecido lh'as pagará todas. Mas... para que eu devéras me esqueça dos aggravos feitos a minha mãe, e para que lh'os perdôe em nome d'ella, diga-me se por amor de mim, se promettendo-lhe eu amal-o com a mais santa devoção filial, é capaz do enorme sacrificio que vou pedir-lhe?...

— De todos, excepto o de me privar de ti. Desesperado de achar a morte como termo dos meus remorsos, imaginei que, intrincheirando-me no mais puro e ardente amor de pae, Deus se compadeceria de mim...

— Se eu lhe supplicar que venda este palacio com tudo que tem dentro?...

— Será vendido immediatamente.

— Que reduza a dinheiro todos os valores, que possue, e que m'os entregue?...

— Tudo te darei.

— Se eu quizer com esse dinheiro fundar hospitaes e asylos, applicando-o todo em beneficio dos pobres e dos enfermos, e reservando para nós sómente dois quartos n'um dos hospicios que fundarmos, com o encargo de nos sustentarem n'elle até que Deus nos leve d'esta vida, acaso meu pae terá animo para sacrificar a sua riqueza?

— Só por ti desejava a opulencia. Queres ser pobre, sejamos pobres; queres viver n'um asylo, para lá iremos. Comtanto que me ames e te não separes nunca de mim, farei tudo o que quizeres. Já te disse que sem ti, vou direito ao suicidio. Tornei-me odioso a mim mesmo, tenho tédio da vida, e comquanto reconheça que ha outros peiores do que eu, sinto que a tua affeição póde tornar-me melhor... e a falta d'ella o mais perverso dos homens.

— Obrigada, meu pae!... Minha mãe — proseguiu, com gesto e voz solemnes — levante-se, em nome da justiça divina, e interrogue o senhor marquez.

Lacroix sentiu eriçarem-se-lhe os cabellos e arripiarem-se-lhe as carnes; olhou para todos os lados, como se receiasse ver surgir de algum canto do gabinete o espectro da mulher, fallecida doze annos antes; e após um momento de silencio, assaltou-o a idéa

de que a filha tivesse endoudecido. Dirigindo a vista para ella, que se conservára tambem silenciosa, o seu terror não teve limites. As feições de Hortensia haviam mudado inteiramente, recordando por tal modo as de sua mãe, que elle julgou ser esta e não aquella quem via diante de si. O olhar tinha uma fixidez terrivel; a fronte enrugára-se; os labios entreabriam-se, como para dar ordens; as azas do nariz, ligeiramente contrahidas, indicavam a força imperiosa da vontade; a côr mate, a attitude espectral, tudo tornava a illusão tão perfeita que Alberto murmurou involuntariamente:

— Martha!

— Senhor marquez—respondeu uma voz, que parecia tirar-lhe todas as duvidas, que ainda podesse ter:—As suas riquezas proveem do crime commettido pelos miseraveis, que entregaram o seu protector aos assassinos?

— Não. — respondeu elle, fascinado pelo phantasma, que suppunha estar vendo.

— Jura por alma de Martha?

— Juro... por alma de Martha!

— E pela vida de Hortensia?

— E pela vida de Hortensia.

— Meu pae! — exclamou a joven, retomando com pasmosa mobilidade a sua natural physionomia — perdôe á sua filha, como eu lhe perdôo em nome de minha mãe.

O marquez olhou-a com grande espanto, procurando-lhe no rosto os signaes caracteristicos, que momentos antes o levaram a tomal-a pelo espectro da mãe. Tudo tinha desapparecido. Lacroix não viu senão sua filha, fada de dezeseis annos, que lhe abria os braços, offerecendo o rosto, córado pela alegria, para receber sem repugnancia o primeiro beijo paterno.

VI

Um baile na rua de Grenelle

Desde o meio da rua de Grenelle até á esplanada dos Invalidos girava immensa multidão de curiosos, admirando as riquissimas equipagens dos convidados do marquez de Lacroix, a illuminação do palacio, e o brilho das pedras preciosas, que resplandeciam do interior das carruagens, quando estas passavam como relampagos, levadas por fogosos cavallos. A população d'aquelle bairro de París commovia-se sempre que ouvia a noticia de que o marquez ía dar um baile, e preparava-se para esta noite, como se tambem fosse convidada. Como já se disse n'outro capitulo, o fidalgo era o homem mais popular do seu tempo: arriscára a vida em muitas occasiões pela gente do povo; e as suas ex-

travagancias de bom gosto captaram-lhe as sympathias da sociedade elegante e viciosa. Por isso os operarios, que podiam deitar fato novo, nunca deixavam de o fazer nos dias festivos do marquez; e emquanto os ricos lhe enchiam as salas, os pobres, endomingados, invadiam-lhe o pateo, onde aquelles se apeavam das carruagens, davam vivas ao dono da casa, e applaudiam com palmas e bravos as *toilettes* mais elegantes e extraordinarias, e as caras mais formosas.

Hortensia estava de pé, na primeira sala, ao lado de seu pae, recebendo os convidados, a quem o marquez a apresentava. Era a primeira vez que ella via um baile; e, comquanto a mulher parisiense não se admire nunca de cousa nenhuma, a filha de Lacroix, vestida com elegante simplicidade pela melhor modista de París, contemplava com vivo pasmo os trajos esplendidos e a formosura das mulheres, que desfilavam diante d'ella. Via perpassar, agitando-se voluptuosamente, ondas de seda, rios de pedrarias, figuras aerias e vaporosas, que lhe dirigiam a palavra sorrindo, e pareciam ter tido a complacencia de baixar á terra por um instante, unicamente para lhe darem um beijo! Eram bellezas de todos os feitios, mas de uma só côr, olhos de todas as especies, scintillantes de jubilo, procurando avidamente o prazer,

onde quer que elle estivesse, e recebendo-o como quem toma o que é seu. As idades perdiam-se na caracterisação artistica do rosto; não havia mães; os cincoenta annos confundiam-se com os vinte: descobríra-se nos toucadores o segredo da juventude eterna, e ninguem se poupára a fadigas e despezas para usar d'elle com largueza. Os homens, pela maior parte vestindo fardas bordadas, com os peitos cobertos de constellações, inclinavam-se graciosamente para a joven Lacroix; os velhos diziam-lhe em voz alta cousas que a faziam sorrir; os moços, palavras de admiração, em voz baixa, que a obrigavam a córar. Ella julgava-se momentaneamente transportada a um conto de fadas; pensava assistir a uma revista de legiões phantasticas, e temia ás vezes respirar com força, receiosa de que um sopro dissipasse aquellas visões encantadoras. Sentia-se alegre, feliz, commovida; tinha alliviado o coração das suspeitas de que a sua riqueza fôra mal adquirida, e gosava com delicias o mundo novo, que seu pae lhe abria, como se entrasse as portas do paraiso.

Ah! se ella podesse imaginar de que immundicias eram feitas as almas da maioria da gente, que a cercava!... Se podesse saber os calculos infames de muitos homens, que lhe diziam finezas, e o odio e a inveja,

que inspiravam a sua idade, innocencia, graça e riqueza ás mulheres que lhe sorriam!... Fugiria com terror para longe d'essa sociedade, que tanto a deslumbrava.

— Que te parece isto, minha filha? — interrogou o marquez, que se estava comprazendo com o espanto d'ella.

— Maravilhoso!

— Gostas?

— Se gosto?! O que é pena é ter de se acabar!

— Daremos dois bailes todos os invernos. Eu costumava dar um só, quando a viscondessa de Richmond vinha fazer as honras d'elle; mas agora — continuou sorrindo — que tenho dona de casa, e que estas festas a alegram, daremos mais algum.

— Os outros teem sido tão animados e bonitos como este?

— Oh!... a senhora minha filha não sabe que hoje é o dia dos seus annos e que eu tinha de apresental-a a toda essa gente? Não sabe que temos nas nossas salas tudo quanto ha de mais illustre na capital da França? O ministerio, a côrte, e espero que venha tambem o principe Napoleão...

— O principe!

— Prometteu-me que viria. Está ahi a primeira nobreza, o bairro de S. Germano e a calçada de Antin reunidos! Politicos,

jornalistas, a litteratura e as sciencias....

— Que é isto?!

— É o povo que enche o pateo e as avenidas da casa, e que applaude algumas das pessoas mais formosas ou mais garridamente vestidas, que veem para o nosso baile. Estes parisienses são impagaveis, e ninguem os impede de se manifestarem sempre originalmente!

— É o principe!

— Ah! que honra!...

Foram recebel-o. E Hortensia, instruida pelo pae, acceitou-lhe o braço e foi com elle dar um passeio á roda de todas as salas. Acabava de o deixar na do jogo, quando se ouviram no pateo applausos mais ruidosos e prolongados do que os anteriores.

— Será Luiz Bonaparte? — perguntou Hortensia ao pae.

— Não me atrevi a convidal-o. Alguma belleza celebre... ou...

A voz prendeu-se-lhe na garganta, e elle tornou-se fulo de colera. Acabava de ver entrar a duqueza de Montefiori, que se dizia viuva e italiana, provavelmente por fallar muito mal o francez, e que, apesar de recebida em algumas salas da calçada de Antin, gosava de reputação duvidosa.

— Patife de Chamburg! — rosnou Lacroix — expor-me a um escandalo!

A duqueza leu-lhe no rosto a desagradavel impressão, que n'elle produzia a sua presença, e disse-lhe, sorrindo, quando se lhe approximou:

— Querido marquez, agradeço-lhe a delicada attenção que teve, mandando-me dizer pelo conde de Chamburg que se não consolaria com a minha falta. Adeus, linda joia — continuou, dirigindo-se a Hortensia, que a encarava com admiração profunda. — É galante! O seu baile está verdadeiramente esplendido! — proseguiu, apoderando-se do braço de Lacroix, e obrigando o marquez a entrar com ella n'outra sala. — Não vejo senão pessoas distinctas! Ah! o principe tambem!...

— Mas, senhora duqueza—volveu Alberto, furioso — não posso deixar o meu posto; estou recebendo os convidados e apresentando minha filha...

— É verdade! — exclamou ella, voltando com o marquez muito depressa para traz. — Apresente-nos: a querida pequena ficava sem saber quem eu sou.

— A senhora duqueza de Montefiori — disse Lacroix com despeito, indicando-a á filha.

Ao mesmo tempo entrou o conde de Chamburg, que era o sujeito, que seguíra pela manhã o doutor Molina. O marquez dirigiu-se lo-

go a elle e disse-lhe rapidamente em voz baixa:

— Isto não se faz! Para que a deixaste vir hoje? Quando eu vivia só, era outro caso.

— Cuidei que estavas encantado! — volveu Chamburg sarcasticamente.

— Escolhes bem as occasiões para gracejar!

— Já sei que viste bicho. Tambem eu...

— Logo fallaremos. Vê se me livras d'ella e se a convences a ir-se embora.

— Isso dava nas vistas! Não te inquietes, que tens cá muitas peccadoras da mesma força. Mau! Não te irrites. Sériamente, eu não fui que a convidei. Mas tu sabes que ella é levada de todos os diabos: em se lhe mettendo uma cousa na cabeça, e se essa cousa for a idéa de ir a um baile, nem uma locomotiva a puxar para traz, com toda a força do vapor, seria capaz de a fazer voltar!

— Some-a, ao menos, ahi por algum canto.

— Descansa; vou interessal-a no jogo; bem deves lembrar-te se ella gosta de ganhar?!

— Offerece-lhe mil francos, se se quizer ir embora.

A duqueza, que estava conversando com Hortensia, ouviu as ultimas palavras de Lacroix, e disse, dando o braço a Chamburg:

— Conde, leve-me a mostrar o meu vestido, que mandei fazer de proposito para o

baile d'esta linda marquezinha. Custou-me cinco mil francos... — acrescentou, lançando ao marquez um olhar cruel. — Mas que ovação que eu tive á porta! Não ouviram cá em cima?

— Leva-a.—supplicou o marquez ao ouvido do outro. — Dize-lhe que acceito o preço, mas que não torne a minha casa. Está toda a gente a olhar para ella.

— Bem vês que era um escandalo monstruoso e ninguem mais a recebia!... Entretanto, vou imaginar o meio...

Afastaram-se. A duqueza era uma mulher de trinta annos, que affirmava ter vinte, dizendo que as desgraças da sua infancia a tinham avelhentado prematuramente. Era formosa, mas vulgar; tinha porém um modo tão especial de se vestir, que attrahia as vistas e lhe franqueava muitas portas, que sem essa circumstancia se lhe fechariam. Ha gente que é recebida em toda a parte, sabendo vestir bem, e não se lhe pergunta a sua origem, comtanto que vá de carruagem. A duqueza tinha trens magnificos, um palacete no caes d'Orsay, e dizia-se viuva do duque de Montefiori, napolitano, que lhe deixára muita riqueza. Isto não estava bem averiguado; porém começava a transpirar que Chamburg a tratava familiarmente pelo nome de Thereza, diante dos seus lacaios.

— Tenho que lhe pedir ámanhã um favor, papá — disse Hortensia ao pae, quando ficaram outro momento sós.

— Dize já.

— Agora, não.

— Dize. Se é cousa que eu te possa fazer, terei ámanhã remorsos de ter deixado passar tanto tempo, sem cumprir a tua vontade.

— Para que tem relações com este homem?

— Chamburg?

— Sim; e com o visconde de Richmond tambem... Dois miseraveis...

— Ah! minha querida Hortensia! Elles são como a maior parte dos homens, que ahi vês sorrindo, dansando, dizendo banalidades ás mulheres... e roubando ao jogo, quando podem.

— Que diz, papá!

— A verdade, infelizmente. Se eu me separar d'estes, não faltarão outros peiores, que venham substituil-os. Como não é possivel viver só, acceito aquelles que já conheço, e sei do que são capazes ou incapazes.

O rosto da filha annuviou-se.

— Tão infames são os homens?!

— E as mulheres, filha! Tem paciencia... Na sociedade em que vivemos é preciso fe-

char os olhos e deixarmo-nos ir no turbilhão, que nos leva! Para que é desilludir-te tão cedo?! Fallemos de outra cousa.

Hortensia ficára triste. Como era possivel que entre aquella gente risonha e descuidosa, que parecia ter a alma nas palavras suaves e musicaes, com que reciprocamente se comprimentava, houvesse corações mais hediondos e repugnantes do que as chagas gangrenadas dos moribundos? Que especie de selvagens eram esses, podres por dentro e dourados por fóra, como certos fructos das praias do mar Morto, que podiam commetter crimes e torpezas de toda a especie, e entrar n'um baile com a aureola da felicidade e da alegria na fronte?! Só seu pae tinha sonhos terriveis, quando dormia, e visões assustadoras, estando acordado! De que natureza eram então as faltas, erros ou atrocidades, que elle praticára, para ter perdido o repouso e ser dia e noite dilacerado por pungentes remorsos?!...

Tinham entrado os ultimos convidados e o marquez afastára-se, dizendo á filha palavras que ella não ouviu; a orchestra enviava a todas as salas as suas torrentes de harmonia; e nas bancas de jogo amontoavam-se cartuchos de oiro e notas do banco de França. Os mil clarões dos lustres, reflectindo-se nos adereços de pedrarias, nas commendas e me-

dalhas esmaltadas, no oiro das fardas, e nos olhos ardentes das mulheres apaixonadas pela dansa, davam áquella immensa reunião um aspecto arrebatador e deslumbrante. As plantas raras, que por toda a parte ostentavam a sua maravilhosa florescencia, juntavam aos cheiros das suaves essencias de toucador os seus inebriantes perfumes. Porém Hortensia não via, não ouvia, nem sentia nada d'isto, absorvida pelas suas reflexões dolorosas! De repente, outra mão tocou levemente a sua, e uma voz melodiosa perguntou-lhe:

—V. ex.ª faz-me a honra de dansar commigo uma quadrilha?

Ella ergueu os olhos, e sentiu a par de uma grande admiração uma alegria immensa, vendo diante de si o doutor Diogo Peres de Molina.

—Ah!... com muito gosto.

—Vae começar.

Deram-se as mãos e entraram na sala immediata. O doutor, apesar de ter dobrada idade d'ella, tivera a habilidade, que ninguem lhe supporia, vendo-o pela manhã tão grave e austero, de se vestir e pentear com tanta simplicidade e bom gosto que apenas parecia ter vinte e cinco annos. A sua estatura alta e flexivel, o ar nobre e distincto, a elegancia dos ademanes, a facilidade e distinc-

ção com que caminhava, chamaram instantaneamente para elle e para a sua companheira as attenções de toda a gente. Era um par tão admiravelmente combinado, apesar da desproporção das idades, que um murmurio de admiração saudou a sua entrada na contradansa, que se estava preparando. A côr morena de Diogo e o branco mate de Hortensia alliavam-se do mesmo modo que as suas physionomias representavam a graça unida á força.

Todos se interrogavam, perguntando quem era o par da filha de Lacroix; mas ninguem o conhecia.

— É mexicano?

— Hespanhol?

— Arabe?

— Egypcio?

— Brazileiro?

— Indio inglez?

— Filho de Abdel-Kader?

— Ou de Abdul-Azis?

Não sabiam. As mulheres dardejavam sobre Hortensia olhares, que desejavam ser settas ensopadas em urari; os homens olhavam para a casaca do medico e pareciam ler no córte d'ella:

— Hausemann, alfaiate do imperador, Palais Royal; trezentos francos.

O principe Napoleão, que dansava com a

condessa de Morny, tomou Diogo e Hortensia por *vis-à-vis*, com o intuito de honrar a filha do dono da casa. Esta distincção pareceu revelar aos curiosos que o principe francez sabia quem era o outro, e não duvidava tomal-o por parceiro.

Vendo-o dansar, todos se persuadiram que era effectivamente um principe, concedendo que todos os principes dansem bem. Para não affrontarem o primo do imperador não deram a Diogo uma demonstração solemne, com palmas e bravos.

—Quem é aquelle estrangeiro illustre, que está a dansar com sua filha? — perguntaram a Lacroix, que passava do seu gabinete para a livraria, onde o estavam esperando Chamburg e Richmond.

O marquez foi ver e teve uma vertigem, que mal pôde aguentar sem caír.

— É... é... é elle!

— Anda cá, marquez? — lhe disse o conde de Chamburg, vindo tomal-o pelo braço. — Estamos ha immenso tempo á tua espera.

— Olha.

— Bem sei.

— Como? Bem sabes o quê?

— Desconfias que é elle?

— Desconfio... mas quem diabo o convidou?!

— Eu.

— Tu! Conhecel-o?!

— Não; convidei-o da tua parte e trouxe-o commigo.

— Estavas hoje feliz!

— Não te assanhes; a Thereza já lá vae para casa, com uma enxaqueca. Toda a gente teve muito dó d'ella, e com rasão, coitada! Perder um baile d'estes! Deves-lhe cinco mil francos.

— Não é elle...

— Porquê?

— Dansa admiravelmente! E minha filha... anda contentissima! Fizeste bem de o trazer.

— Então, abraça-me... e vamos conversar.

VII

Conferencia entre amigos velhos

O conde de Chamburg tinha parado pela manhã na rua Mouffetard, defronte da casa onde entrára o doutor Molina, e olhava á roda de si, pensando no modo de tirar informações, quando viu saír um trapeiro da escada d'esse predio.

— Amigo — lhe disse o conde: — ha aqui alguem, que lhe quer dar com que viver oito dias, a troco de um pequeno serviço.

O trapeiro olhou-o de soslaio e respondeu:

— Hum... Chamburg... má firma!

— Hein? Conheces-me?

— Fui o teu amigo Bernardo.

— Bernardo?... Não conheço.

— Podéra! Apanhaste-me ao jogo quanto eu possuia!... Agora, que não tenho um centesimo, que estou sujo e roto, como diabo me has de conhecer?! Dá cá d'ahi uns cobres, para eu beber uma pinga, anda.

O conde olhou para elle attentamente, e, depois de alguns segundos de hesitação, deitou-lhe na alcofa uma moeda de oiro.

— Toma lá.

— Uma loura! Ólé! O fidalgo teve a noite feliz?! Ou quer trabalho fino?! Prompto, meu coronel! Ás armas, cidadãos! Rufae, tambores! Ran, plan! Ran, plan! Rataplan, plan, plan! Ran...

— Quem é aquelle sujeito que entrou na escada, quando tu saíste?

— Oh! oh! Logo vi que o nosso principe a trazia fisgada! Louras!... Este Chamburg é esperto, e sempre fez de mim o que quiz, quando íamos ambos ceiar á Rocha Cancale. Lembras-te, velhaco? Depois do Champagne? Ui!

— Responde, ou dá cá o meu dinheiro.

— Não; lá isso!... As pessoas de bem não fazem d'essas falcatruas.

— Quem é o homem?

— Queres-lhe mal? Advirto-te caridosamente, que elle é adorado no bairro: se lhe tocares n'um cabello, põem-se-te as tripas ao sol, em plenos *boulevards*.... Eu mesmo me

encarregarei da cousa, á falta de outros mais artistas.

— É para bem do teu doutor, que tomo informações.

— Então lá vae. O doutor é hespanhol; frequenta a Sorbona, a escola de medicina, o Jardim das plantas, segue todos os cursos superiores! Não se percebe como lhe chega o tempo para estudar tanto, ver doentes, e cural-os... Porque, ao contrario dos outros medicos, este cura, não mata. Ainda n'outro dia virou um collega meu dò avêsso, limpou-lhe o buxo, e tornou a pôl-o direito. Sabe tudo! É um santo ou um diabo, não sei bem; mas darei a vida por elle, quando for preciso. Aqui está tudo quanto posso dizer. Ganhei honradamente o dinheiro e vou gastal-o.

O trapeiro enterrou na cabeça o velho chapéu de abas rotas, deitou fóra a alcofa e o gancho, e enfiou na primeira taberna, que ficava a dois passos da igreja de S. Medardo.

Chamburg entrou na escada, perguntou em que andar morava o doutor Molina, e bateu-lhe á porta. Diogo veiu pessoalmente abrir.

— O senhor doutor Diogo Peres de Molina?

— Sou eu, senhor; queira entrar.

— Não me conhece?

O medico olhou com mais attenção para o conde, passou para o lado d'onde a luz o favorecia, para ver melhor, e tendo-o examinado detidamente, respondeu:

— Não tenho essa honra.

— Chamo-me Chamburg.

— Cham...?

— Burg.

— Sou estrangeiro, senhor; estou em París ha apenas seis mezes...

— O senhor doutor não veiu ha poucas horas de casa do marquez de Lacroix?

— Tive esse prazer.

— Que tratou com elle?

— Ir ámanhã levar-lhe uns documentos.

— O marquez não lhe disse que dava hoje um baile?

— Não me recordo...

— Pois eu venho da parte d'elle, reparar essa omissão.

— Queira ter a bondade de se explicar.

— O marquez não o convidou para esta noite?!

— A mim?!

Os olhos do medico illuminaram-se; mas como elle estava de costas voltadas para a janella, o conde não percebeu.

—Venho expressamente pedir-lhe que não falte.

— Oh!... É impossivel! — concluiu melancolicamente o hespanhol, depois de curto silencio.

— Porquê?

— Sou pobre... a minha guarda roupa não me permitte acceitar.

— Que diabo de difficuldade com que o senhor vem!... Se eu não temesse... offender o seu melindre...

— Emprestava-me uma casaca? Muito agradecido. Eu preciso tudo... E estou costumado a não fazer cousa nenhuma que não possa fazer muito bem.

— Deixemo-nos de ceremonias. O senhor é medico? Paga-me depois em visitas... quando eu estiver velho e proximo a morrer. Aqui estão quinhentos francos; venha commigo ao Palais Royal; veste-se ali do que ha de melhor e mais bem feito. Á noite virei buscal-o na minha carruagem.

— Mas que empenho tem o senhor marquez em que eu vá ao seu baile?!

— Bem se vê que o senhor é mais dado á sciencia do que á sociedade mundana dos profanos! O empenho de ter nas suas salas mais um homem distincto e elegante. Que magnificas fórmas para uma casaca de Hausemann! Venha d'ahi.

— É uma extravagancia!...

— Vamos.

Saíram. Chamburg vestiu-o com a mais pura e irreprehensivel elegancia; levou-o ao baile; e agora está referindo todos os pormenores, que acabâmos de narrar, ao marquez de Lacroix e ao visconde de Richmond, reunidos com elle a um canto da livraria.

— Eu não me posso demorar. — disse o marquez, logo que Chamburg acabou de fallar. — Minha filha é uma creança... tenho o dever de velar pela alegria dos meus convidados... Dize depressa com que fim o convidaste em meu nome.

— Não percebes? Lembrou-me que, estando nós tres reunidos, seria impossivel enganarmo-nos todos.

— Qual é a tua opinião?

— A primeira impressão parecia indestructivel! Juraria que era o selvagem do Amazonas.

— Tambem eu! — apoiou Lacroix.

— Depois — volveu Chamburg — persuadi-me de que estava em erro.

— O mesmo me aconteceu a mim—confirmou o marquez.

— Todavia—tornou o conde —ha momentos em que me parece tão evidente ser elle, tão infallivel, que volto á primeira opinião.

— Tal e qual como eu!—murmurou Lacroix, indo espreitar da porta da bibliotheca para a primeira sala.

— E tu, Pedro Ayres? Qual é o teu voto?

— Horrivel! Horrivel — exclamou o visconde de Richmond, como se estivesse sonhando.

— Lá está elle a pensar na maldita scena do canal do lago Autaz! Sacode-o! Tu ainda ensandeces a valer!...

O visconde levantou-se e perguntou:

—Vossês que diziam?

— Pensas que o hespanhol é o nosso indio do rio Madeira?

— Tenho certeza.

— Em que te fundas?

— Em que é impossivel haver duas pessoas tão parecidas.

— Nunca leste o romance do visconde d'Arlincourt, intitulado *As Duas Idas?*

— Nunca leio senão livros de sciencia.

— Por aquelle estudo parece que todos temos outro eu, de carne e osso...

— Sabem que mais? — interrompeu o marquez —Vamos, cada um por seu lado, examinal-o bem; estudemol-o em tudo, sempre com prudencia... Se fôr o selvagem, que audaciosamente vem ao nosso encontro, é porque se julga impenetravel e pretende vingar-se.

— Eu não o temo. — disse desdenhosamente Chamburg.—É um pobretão!... E, além d'isso, que diabo lhe fiz eu?!

— Que lhe fizeste, Chamburg?!—acudiu Pedro Ayres. — O mesmo que nós.

— A elle nada. — insistiu o conde.

— Mas se referir o que fizemos ao outro?

— Nós?! Foram os cabanos.

— Ah! Chamburg! Foi horrivel! horrivel!...

— Horrivel é esse estupido estribilho de sandeu, que tu arranjaste! Percebe-se que foste roubado por quem te ensinou philosophia.

Dizendo isto, o conde encaminhava-se para a porta.

— Em todo o caso — acrescentou, voltando atraz — não gósto d'elle; e penso que já o provei, andando hoje duas leguas a pé e fazendo tudo mais que sabem! Convenho portanto em que tornemos logo aqui para nos communicarmos os mutuos resultados das nossas observações. É verdade — proseguiu, dirigindo-se a Lacroix — que sería feito da irmã?

O marquez fez-se pallido, quiz disfarçar a perturbação vendo as horas no relogio, e balbuciou a final:

— Não sei.

— Se nós encontrassemos tambem por ahi alguma mulher, que se parecesse com ella — insistiu o conde, sem afastar a vista do

rosto do seu amigo — cessariam todas as duvidas.

— Certamente! — respondeu Alberto com visivel constrangimento.

— Agora já sei por que elle tem medo — dizia comsigo Chamburg, encaminhando-se para as salas de baile. — A historia que nos impingiu (quando foi alcançar-nos no Amazonas), dizendo que pensára melhor e se resolvêra a fugir comnosco, sem esperar a pequena, era uma completa... historia. O cachorro deu cabo d'ella!... O que eu não percebo é como arranjou tanta riqueza, devendo ter menos do que nós!

— Horrivel! Horrivel! — dizia em voz alta o visconde de Richmond, olhando para as estantes da livraria, ao tempo em que Lacroix saía por outra porta.

— Horrivel, senhor visconde?! Uma estante tão bonita!

Pedro Ayres voltou-se, e viu Hortensia de Lacroix, que andava procurando o pae, conduzida pelo braço de Diogo Peres de Molina.

— Perdão... Ah! és tu, marquezinha?! E... o senhor capitão Romualdo?! Porque feliz acaso?...

Hortensia, que olhava com admiração para o visconde, voltou-se para o seu companheiro, como perguntando-lhe se conhecia o outro,

e o que significavam aquelle nome e a qualificação com que era tratado. O rosto do doutor exprimia o mais vivo espanto, e com o olhar interrogava tambem a joven.

— É doudo? — interrogou elle em voz baixa.

— Parece. — voltou Hortensia no mesmo tom. E continuou, dirigindo-se a Pedro Ayres e apresentando-lhe graciosamente o medico: — O senhor doutor Diogo Peres de Molina... O senhor visconde de Richmond.

Os dois inclinaram-se.

— Horrivel de similhança! — rosnou Pedro Ayres. E logo em seguida, reparando talvez que passava por incivil, acrescentou em voz alta: — Desculpe o meu equivoco, senhor doutor; tinha-o tomado por outro.

—Vou suppondo que me pareço com toda a gente! — respondeu Molina sorrindo. — Primeiro causo uma syncope ao senhor marquez; depois produzo sensação quasi analoga no senhor conde de Chamburg; agora sou feito capitão Reginaldo por v. ex.ª! Acaso serei, sem o saber, personagem de algum romance interessante? Vae-me nascendo a curiosidade de saber as aventuras do heroe ou heroes, cujas feições venho aqui recordar, penso que pouco agradavelmente?...

— Trata-se apenas — respondeu Pedro Ayres, picado pela ironia, que julgava contida

nas palavras do hespanhol — trata-se de um selvagem, que morreu no Brazil.

— Ah!...

— Oh!... senhor conde! — exclamou Hortensia — o que diz não é amavel!

— Deixe, minha senhora; talvez o senhor visconde seja sectario da nova theoria dos espiritistas, e julgue que eu sou uma encarnação do seu amigo.

— Peço-lhe perdão, doutor; reconheço que fui grosseiro; mas não tive intenção de offendel-o.

O medico em vez de responder, fingiu que estava lendo os rotulos dos livros.

— O melhor que v. ex.ª póde fazer é tomar o senhor doutor Diogo Peres de Molina para seu medico. Quasi toda a gente que está no baile se alistou já no numero dos seus doentes.

O hespanhol voltou-se profundamente commovido, pegou nas mãos de Hortensia, e disse-lhe, com os olhos fitos nos d'ella:

— V. ex.ª enriqueceu-me esta noite!

— Preveni os designios de meu pae.

— E quem sabe se tambem os da Providencia?! — replicou o doutor com uma voz, que sobresaltou a joven Lacroix. Depois continuou logo n'outro tom: — Quem me diria hontem de manhã, quando passava casualmente por esta casa, sem olhar sequer para

ella, e sem saber quem a habitava, que hoje viria achar aqui a fortuna?!

—Visto que todos o escolhem para medico—tornou o visconde—peço-lhe o favor de inscrever tambem na sua lista os nomes dos viscondes de Richmond, e de ir ámanhã ver minha mulher, que não póde vir ao baile.

—Ámanhã é impossivel.

—Ah!

—Sinto contrariar a v. ex.ª... mas...—tirou uma carteirinha do bolso, abriu-a, e mostrando-a a Pedro Ayres:—Queira ler...

O visconde lançou a vista á folha aberta e leu em voz alta:

—«Principe Napoleão, condessa de Morny, duqueza de Chablais, marqueza de La Roche Jacquelin, duques de Mouchi, princeza de Talleyrand La Motte... «Já me não admiro!...

—Duzentas visitas, pedidas todas para ámanhã!

—Mas é impossivel!—observou Hortensia.

—Todavia, prometti...

—Morrerá estafado!

—Paciencia. Cumprirei o meu dever. O que não posso é prometter a mais ninguem.

—Tome sempre nota do meu nome e vá quando pudér—insistiu o visconde.

— Rua? — interrogou Diogo, tirando um lapis da carteira.

— De Babylonia, 6.

— Hortensia? — chamou o marquez, entrando.—Vae á sala azul ter com a princeza de la Rochechouart, que te quer ver. Não desappareças do baile, filha. Tens-te divertido?

— Muitissimo, papá.

O marquez deu-lhe um beijo, olhando para Diogo.

— Vae.

Hortensia saíu, e ao mesmo tempo entrou Chamburg.

— Então, doutor? — interrogou o conde — As cousas correm a seu gosto?

— O senhor marquez cumpriu a sua palavra... ou antes, foi a sua graciosissima filha que se apressou a ir adiante dos desejos de seu pae...

— Sei que ella o tem recommendado calorosamente, com o empenho e sinceridade que se não fingem aos dezeseis annos... Oh! — exclamou, cedendo a um impulso involuntario de receio e de amor paterno — Queira-lhe sempre bem!

— Juro pela minha fé de homem honrado, por tudo quanto amei e quanto amo, que me não esquecerei jamais do que ella fez por mim, e que não hesitarei nunca em sacrificar-lhe a minha vida.

Apesar de profundamente desconfiado, o marquez reconheceu a sinceridade d'aquellas palavras, e, como era pae extremoso, antes de tudo, estendeu a mão ao medico e apertou a d'elle com reconhecimento.

— Acredito-o... e agradeço-lhe. — E pensou, quasi resignado — Se for elle, assassina-me, talvez... mas poupará minha filha.

— O senhor marquez antecipou-se, recommendando-me aos seus amigos: permitta, pois que eu me antecipe tambem, entregando-lhe hoje os documentos, que devia trazer ámanhã.

— Oh!... doutor... Já os não preciso.

— Embora: veja-os sempre. É bom saber com quem se trata. A minha certidão de idade... attestados das escolas de Madrid... carta de formatura... diploma de doutoramento... passaporte, authenticado pelo ministro da minha nação, em París. Aqui lh'os deixo... Ah! perdão! Ouço a orchestra e prometti esta walsa á princeza de Lavergne.

Saíu a correr e os tres amigos olharam uns para os outros.

— Escusam de ler os papeis — disse o visconde de Richmond. — Só asnos podem pensar que este homem seja o nosso.

— Eu cá não leio — disse o conde. — E

quem me embaçar, ha de ser bem matreiro!...

—Vejamos sempre. — respondeu o marquez. — Tambem não creio, mas... por curiosidade...

— Dar-se-ha caso que elle tambem arranjasse o irmão?!... — pensava Chamburg, examinando Lacroix, á medida que este lia os documentos. — Alegra-se!... É certo.

— Tudo corrente! — notou o marquez, que tinha concluido a revista dos papeis e se esforçava por encobrir a alegria.

— Por conseguinte?... — interrogou Chamburg.

— Não é o homem. Que te parece, visconde?

— Já disse; julgo-o um medico ambicioso, que tem a singularidade de saber apresentar-se bem nos bailes e de apanhar os doentes de assalto.

— E tu que dizes, Chamburg?

— Que sinto correr para os bufetes, e que é tempo de irmos ceiar.

VIII

Consequencias

Decorreram seis mezes. Em París bastam seis dias para se esquecerem os mais extraordinarios acontecimentos e as maiores celebridades. Os parisienses não gostam nem podem occupar-se do mesmo assumpto por mais de uma semana. A visita dos soberanos alliados distrahe-os um dia; a do sultão, dois; a do schá da Persia, tres. De Izabeis, Christinas, Affonsos, Carlos, Migueis e quejandos, não fazem caso: d'essas e d'esses teem por lá aos centos, nos *boulevards*, e ninguem olha para elles senão alguma costureira ou auctor de *vaudeville*. París foi tomada pelos prussianos por se ter demorado o cerco muito tempo: os habitantes perderam o gosto da novidade, aborreceram-se,

esqueceram-se do que estavam fazendo, pensaram n'outra cousa, e os inimigos foram entrando. Para aquelle povo alegre e voluvel não ha nada interessante senão com a condição de ser transitorio!

Unicamente o marquez de Lacroix e o doutor Diogo Peres de Molina conseguiram ser exceptuados da lei commum; o primeiro pelas circumstancias já referidas, e o segundo porque dansava admiravelmente e curava todos os seus doentes. Dansar bem, para as francezas, é a primeira qualidade do homem moço; não deixar morrer é obrigação do medico, se bem que algumas pessoas, *mais parisienses*, achavam um pouco monotona a circumstancia de escaparem todos os enfermos tratados pelo hespanhol.

O certo é que na primavera de 1855 o doutor Molina era ainda considerado em todos os salões como a principal novidade dos bailes do ultimo inverno. As mulheres encareciam a graça dos seus movimentos e a distincção das suas maneiras; os homens, a quem alliviára do rheumatismo, fallavam d'elle com enthusiasmo; e os doentes, que restituíra á vida e á saude, não concordavam com a opinião dos que o accusavam de monotonia pelos ter salvado todos.

A fama comprazia-se em apregoar-lhe o nome de tal modo aureolado pelos trium-

phos, que até os mais illustres collegas francezes desejaram conhecel-o, e ficaram encantados com a sua modestia e saber. A fortuna, como era natural, seguíra de perto a fama. Seis mezes depois do primeiro baile do marquez de Lacroix, onde fôra apresentado pela joven Hortensia a toda a gente illustre e opulenta, o doutor achava-se confortavelmente installado n'um palacete da rua de Varennes, tendo montado o serviço da sua casa com um cozinheiro, um creado de mesa e outro de quarto, um cocheiro, um trintanario, e dois moços de cavallariça, que tinham a seu cargo o tratamento de seis cavallos magnificos e a limpeza de tres carruagens.

Diogo Peres parecia ter nascido no meio de todas aquellas commodidades. Ficava-lhe bem a riqueza: nem o ensoberbecia nem o humilhava. Mostrara-se ao principio humilde, avido de ganho, exageradamente ambicioso; porém, logo que a fortuna começou a sorrir-lhe, modificou aquelles defeitos, que destoavam da sua physionomia, e poz-se inteiramente de accordo com o ar nobre e distincto que todos lhe notavam. Tornou-se mais modesto, sem affectação, e mostrava-se grato, sem baixeza, a todas as pessoas que contribuiam para a sua popularidade, aliás bem merecida pela até ali feliz e extraordinaria circumstancia de ter curado todos os seus

doentes. Mas a nenhuma pessoa manifestava tão vivo reconhecimento como á joven marquezinha, titulo que todos davam á filha de Lacroix.

Hortensia testemunhara-lhe subita sympathia, desde a primeira vez que o viu; e este facto pareceu fazer no animo do medico um abalo profundo. Depois, quando ella o lançou no caminho da riqueza, Diogo Peres como que deixou consummar-se no seu espirito a revolução mysteriosa, que n'elle começára a operar a presença da joven. Sentiu-se attrahido, conheceu que attrahia, e deixou-se ir sem resistencia, convencido de que poderia parar quando quizesse, para oppor os seus designios aos designios da Providencia.

Quanto ao marquez, via com alegria indizivel a affeição de Diogo por sua filha; e, sem se inquietar com a natureza d'esse sentimento, que sabia ser correspondido, e com as desproporções de idades, dizia comsigo:

— Amor ou amisade, gosta d'ella e não é provavel que tente assassinar o pae para agradar á filha, nem que vingue n'esta os aggravos que tem de mim... Se fôr elle!

Vê-se que, apesar dos documentos apresentados pelo medico para justificar a sua identidade, e da certeza que, na noite do baile, pareciam ter d'ella Chamburg, Pedro Ayres e o proprio Lacroix, este ultimo tornára a

suspeitar que Diogo usava de nome supposto, e que era o indio Romualdo Goataçára, assassinado por elle na provincia do Amazonas. Mas os receios do marquez tinham tomado gradualmente um singular caracter. Ao mesmo tempo que temia o medico, quando se persuadia ser elle a sua victima, não podia afastal-o de si; chamava-o, se estava ausente; demorava-o com pretextos futeis; e acabou por lhe pedir que viesse morar na sua companhia!

— Agradeço a sua bondade, senhor marquez...

— Tratemo-nos por tu...

— Oh!

— Fazemos pouca differença nas idades. Eu tenho quarenta e quatro...

— Eu trinta e quatro.

— Dez annos?!

— Dez annos.

— É extraordinario!... Porém, não importa; desejo, preciso que nos tratemos por tu... como convem entre amigos... Porque tu és meu amigo, não é verdade?

— Duvída?

— És?

— Não acredita?

— Como acreditar, se não me tratas familiarmente?!

—Visto que... exiges...

— Aperta-me esta mão com a franqueza propria dos corações leaes.

— Que novo devaneio é esse?

— Aperta.

— Aqui está!

— Vem morar comnosco.

— É impossivel. A casa dos medicos pertence quasi ao povo; invadem-n'a os doentes a toda a hora... e eu conservo os meus trapeiros da rua Mouffetard...

— Despede-os.

— Nunca! Infelizes! Se os trato é porque não podem pagar... Primeiro deixarei todos os ricos do que um necessitado. Isto não é virtude; criei-me com elles.

— Perdoa; e deixa-os vir.

— Não; alguns são repugnantes, hediondos, bebados.

— E para que os toleras?!

— Foram os primeiros freguezes que tive em París.

— São frescos!

— Amam-me; dariam a vida por mim.

— Tem rasão, senhor doutor; conserve-os. — disse Hortensia, que entrava e ouvíra o final da discussão.

— Pede-lhe que venha morar comnosco. Temos casa de mais. Elle habitará nos quartos do rez do chão, sem nos incommodar...

— Era bom!

— Tambem v. ex.ª?!

— Por que não ha de vir?

— E os doentes? Se os encontra alguma vez?! Ha muitos que as pessoas sensiveis, como v. ex.ª, não podem ver sem se affligirèm!

— Quando tiver d'esses, depois de cá estar, avise-me; hei de ir sempre vel-os e diligenciarei consolal-os.

— Doutor, se resistes a isto, é porque não tens coração! — E beijou a filha com ternura.

—Veremos. Preciso pensar. Acho grandes inconvenientes!...

— O principal é a sua pouca vontade.

D'ali em diante ainda maior se tornou a intimidade, sem que todavia se desvanecessem nem diminuissem os terrores de Lacroix. Pelo contrario, dir-se-ía que quanto mais via o medico, mais se persuadia de que era o indio; e mais o queria ver, talvez com a esperança de que elle alguma vez se trahisse. A presença de Molina atormentava-o dolorosamente; e, comtudo, sentia-se como que irresistivelmente preso ao hespanhol. Acompanhava-o ás visitas, e logo que o via livre, trazia-o comsigo, dava-lhe de jantar, ía com elle para o theatro, levava-o a casa, e passava a maior parte da noite a olhar para elle com singular fixidez.

Diogo fingia não perceber a especie de fascinação que exercia no marquez; mas algumas pessoas começavam a notal-a, especialmente Hortensia, Pedro Ayres e Chamburg. Estes ultimos estavam porém convencidos de que o medico era realmente hespanhol, e que se impunha a Lacroix, abusando da circumstancia de se parecerem as suas feições com as de Romualdo.

O marquez, desde o dia em que tirou a filha do collegio, deixou para sempre a vida airada, que vivêra muitos annos. As extravagancias, que se festejavam n'elle como concepções do genio parisiense, e que não eram senão desejos de fugir ao remorso, acabaram inteiramente, e começou a ganhar em consideração o que perdia em celebridade. Era riquissimo, dava festas brilhantes, possuia bons cavallos e uma filha para casar, e por isso não faltou quem se lembrasse de pedir ao imperador que confirmasse o titulo de marquezinha, que todos davam a Hortensia. O principe Napoleão teve a amabilidade de querer encarregar-se de levar o diploma. Foi um modo delicado de pagar as duas ceias das noites de baile, e ninguem lhe ficou querendo mal por isso.

Hortensia não tinha pensado ainda que era preferivel ser marquezinha a valer, a receber esse titulo como um favor gracioso das

pessoas amigas; ficou portanto muito admirada, quando o principe lhe disse que já não podia assignar-se Hortensia.

— Porquê?!

— Porque o imperador dignou-se fazel-a marqueza... E eu apressei-me a vir trazer-lhe o diploma para ter o gosto de lhe dar os parabens primeiro que qualquer outra pessoa.

Quando o principe saíu, entrou Diogo. Hortensia teve então um rapido assomo de vaidade feminina, bem natural na sua idade, e disse ao medico:

— Devia ter vindo hoje um pouco mais cedo, para me felicitar antes de mais ninguem.

— Teve algum motivo de jubilo?

— Veja. — E deu-lhe o papel que tinha na mão.

Diogo leu e tornou a entregar-lh'o, perguntando:

— Para que serve isto?

— Mas... — começou ella com despeito — para ser marqueza.

— Não percebo a utilidade. Para mim será sempre Hortensia Lacroix.

— Pois sim... não digo que não... comtudo... para quem for menos desdenhoso, serei marqueza.

O medico fitou os olhos nos d'ella e pro-

curou ler-lhe no pensamento a significação d'aquellas palavras. A marquezinha porém baixou os seus, córando, como se estivesse arrependida do que tinha dito.

—Venho despedir-me. — disse elle de repente.

Ella encarou-o com espanto, quasi com susto, e perguntou:

— Despedir-se de quem? Para onde vae?

Entrou o marquez ao mesmo tempo, e disse á filha:

— Deixa-nos um instante. Preciso fallar com o doutor, sobre negocios particulares.

— Diz elle que vem despedir-se!

— Como despedir-se?!

—Vou a Hespanha.

— A Hespanha! — exclamaram o pae e filha.

— Sabem que tenho lá os velhos que me ajudaram a concluir o curso medico. Apenas adquiri meios, mandei pedir a meu tio que viesse. Respondeu-me que estava adoentado, porém que partiria assim que se julgasse em estado de fazer a jornada. Foi passando o tempo; as suas cartas tornavam-se cada vez mais raras, e a final deixaram de vir ha perto de dois mezes...

O marquez, ouvindo estas palavras, córou como se fosse culpado pela falta dos correios.

— Coitado! Estará mais doente... — disse Hortensia.

— Eu devia ter partido, apenas as noticias me faltaram; mas todos os dias esperava o velho... E commetti a incrivel falta de não lhe mandar dinheiro, persuadido de que a venda da mobilia daria bem para as despezas da viagem. Preciso ir immediatamente.

— Eu acompanho-te. — atalhou o marquez. — E devo confessar-te que mandei um expresso a Madrid tomar informações, na rua de Alcalá.

— Ah! — interrogou o doutor. — Morreu?

— Ninguem conhecia Affonso Peres de Molina! — volveu o marquez, procurando ler-lhe no rosto a impressão causada por estas palavras.

— E a Molina foi tambem?

— Não; mas tencionava mandal-o agora.

—V. ex.ª ainda tem duvidas, ainda me confunde com selvagens?! — tornou o medico ironicamente — Meu pobre tio! Falleceu, de certo!... É mais um motivo que me obriga a partir. Provavelmente — continuou olhando para Hortensia — tarde voltarei a França, visto que a minha presença incommóda... importuna o senhor marquez.

— Que, dizes desgraçado?! — exclamou Alberto com dor e colera — Pois não percebes que me é impossivel separar-me de ti? Não vês que me sinto preso ao teu rosto como o forçado á cadeia, como a sombra ao corpo, e como o ass... e como... como o criminoso ao remorso! Eu, que apenas me abstive de ser denunciante! Condemnado a um tormento d'estes! As tuas feições são as mesmas do homem que... que eu vi... assassinar!

— Rasão de mais para nos separarmos.

— Se isso fosse possivel! — tornou o marquez com exaltação crescente. — Mas não é! Não é!...

— Papá!...

— Marquez! Então!... Se não fossem as suas insensatas desconfianças, já eu o teria curado d'esses accessos nervosos. Porque não quer confiar-se de mim?

— Porque tenho medo!

— De quê?

— Que me envenenes! — gritou Lacroix como desvairado. — Que te vingues de mim!

— Oh! papá! Jesus! Diga-lhe alguma cousa que o socegue...

— Marquez! — ordenou grave e imperiosamente o medico — é preciso saber dominar esses vãos e absurdos terrores, que podem fazer com que alguem o julgue mais

culpado do que realmente foi. Deixe-me ir ao meu paiz. Á volta — proseguiu sorrindo-se — prometto dar-lhe todas as garantias, que quizer, de que sou incapaz de attentar contra a sua vida. Entregue-se a mim cegamente e verá.

— Pois bem; seja. Iremos a Madrid... Porque eu não te deixo ir sem mim.

— E eu, papá? E eu?!

— Tu?...

— Fico aqui só?!

— Porquê?... Tambem querias ir?

— Ver a Hespanha, na primavera?! A terra das lendas, dos romances, das mouras encantadas, dos cavalleiros andantes?! Granada, Alhambra, Sevilha!... Oh!

— Pois vaes tambem.

Hortensia bateu as palmas, beijou o pae, e esteve quasi abraçando o medico. Este sorriu-se, dizendo:

— N'esse caso não ha que pôr mais duvidas. Iremos todos tres.

— Agora — disse o marquez á filha — deixa-nos um momento, porque temos que fallar.

Hortensia saíu.

IX

Cousas sem nome

O visconde de Richmond era um dos muitos milhares de aventureiros, que costumam ir a París gastar o dinheiro bem ou mal adquirido n'outras partes. Ninguem sabe quem são, nem d'onde veem, mas quasi toda a gente os recebe, se se apresentam casados authenticamente com bonitas mulheres, e se sustentam as apparencias da posição, que inculcam ter.

Dizia-se vagamente que o visconde era de origem hespanhola ou brazileira; que se educára em Inglaterra, onde fizera largos estudos nas sciencias physicas; que fôra depois mandado secretamente pelo governo d'aquelle paiz ás provincias do Pará e Amazonas; e que, para acobertar ali os seus in-

tuitos, se fizera passar por official de marinha dos Estados Unidos da America. Os amigos do visconde acrescentavam que levára ás suas ordens Guilherme Chamburg, outro aventureiro francez, allemão ou suisso, e que no Brazil tinham enriquecido ambos mysteriosamente; que, voltando á Europa, Chamburg obtivera do governo de Luiz Filippe o titulo de conde, por influencia de Lacroix, que vinha das mesmas partes ainda mais rico do que elles, por ter descoberto uma mina de pedras preciosas, e que se fizera a si marquez; que Pedro Ayres exigíra da Inglaterra o titulo de visconde, em paga dos serviços feitos áquelle paiz, ameaçando, se não lh'o dessem, com a publicação de uma memoria, em que revelaria a natureza dos estudos que foi emprehender ao Brazil; que o governo inglez, para o calar, lhe dera o titulo de Richmond, mas que o mandára saír do seu territorio. Os amigos mais intimos e dedicados affirmavam ainda que Pedro Ayres se não escandalisou com essa ordem severa, porque tinha combinado com Lacroix e Chamburg ir viver com elles em París; que, antes de saír de Londres, casára com uma mulher joven e formosissima, a qual tinha sido primeiro raptada por um saltimbanco, disfarçado em principe russo.

Verdades ou calumnias, nenhuma d'estas

asserções impediu que os viscondes de Richmond fossem acolhidos com agrado pela boa sociedade de Paris. O marido era rico, e a mulher bella e original, como verdadeira filha de Albion. Não se lhes exigia mais nada. Emquanto ella dansava ou fazia *heart's music* (musica do coração), elle jogava, referia episodios das suas viagens, e descrevia as maravilhas das regiões tropicaes com toda a poesia da sciencia. Mas chegado a um ponto das suas interessantes narrativas, perturbava-se, perdia o fio e murmurava:

— Horrivel! horrivel!

D'ahi a pedaço, reparando no effeito que produzia sobre os ouvintes, exclamava em inglez:

— All right! (Perfeitamente!)

E passava a fallar de outra cousa. Os amigos diziam que aquelle capitulo de viagem, que ficava sempre inedito, e lhe arrancava esses dois gritos involuntarios, era o segredo da sua riqueza. A maioria dos conhecidos chamava-lhe excentrico; Chamburg acrescentava que fôra um susto, que lhe tinham mettido em pequeno, e que por isso elle se tornára metade homem de sciencia e metade idiota.

A viscondessa achava muito quem desculpasse o visconde por amor d'ella; e este deixou passar bastantes annos sem acceitar o

ridiculo papel de tyranno. Ao tempo em que se passam os successos, que vamos narrando, a mulher de Pedro Ayres entrára nos trinta e quatro annos; mas a sua belleza lutava gloriosamente com a idade, conservando todo o esplendor do sol do meio dia. Era como uma grande rosa pallida, que abríra lentamente, e se ostentava em toda a pompa e galas da plena florescencia.

Já se disse que ella costumava fazer as honras da casa, nos bailes do marquez de Lacroix, emquanto Hortensia estava no collegio. D'esse facto, aliás simples, tirou a gente de má lingua as consequencias, que eram de prever n'uma sociedade, em que a mulher formosa se julga infeliz e deshonrada, não dando um collega ao marido. O visconde mostrou-se agastado. Tardiamente acudia a pugnar pelo credito da esposa e pelo proprio; mas, ou porque tivesse motivos de queixa do marquez, ou porque lhe chegasse emfim o aborrecimento de fazer sempre a mesma parte de marido condescendente, retirou-a de casa d'elle. Algumas pessoas explicavam o afastamento por influencias de Chamburg, dizendo que este se achava interessado na vida intima de Pedro Ayres desde a morte da marqueza.

As relações do visconde com Lacroix foram, pois, gradualmente esfriando durante o

inverno, e estavam quasi extinctas na primavera.

A duqueza de Montefiori tolerava os abusos do conde, mas fazia-o pagar-lh'os a dinheiro, ameaçando-o com escandalos estrondosos logo que elle não satisfizesse o menor dos seus caprichos. Chamburg não era homem, que se prendesse com o que dizia o mundo, farto de saber como vive a maioria da gente rica; mas não queria afastar-se da viscondessa, para que o seu amigo Lacroix se não approximasse de novo. Todavia, as exigencias da duqueza tornaram-se tão exorbitantes que elle viu-se obrigado, dois dias antes d'aquelle em que Diogo ía annunciar ao marquez a sua partida para Hespanha, a declarar que não lhe pagava mais contas de modistas, e que pozesse ponto final nas suas despezas exageradas.

A duqueza calou-se; peitou os creados de Pedro Ayres e entrou nos quartos d'este ás duas horas da noite. O visconde, que estava ainda de pé, procurando talvez a quadratura do circulo, ficou furioso:

— Oh!... a senhora duqueza!... A estas horas?!

— Sua mulher?

— Minha mulher?... deve estar dormindo.

— E v. ex.ª véla!... para que não a perturbem. Isso é de homem delicado.

— Senhora... Thereza! Se veiu aqui para me fazer algum curso de moral, da sua especialidade, previno-a...

— O sr. visconde, com toda a sua sciencia, não passa de um valete de copas!

— Valete de?... Mas, sériamente, incommodou-se a saír de madrugada para vir insultar-me?!

— Não sabe que o embaçam escandalosamente?!

— E esta!

— Vá ver...

— A senhora não quer mais nada?

— A sua tolerancia provém talvez de julgar que Chamburg adora a viscondessa, poupando a v. ex.ª o trabalho de a aturar, não é verdade?

— Ora!...

— Pois saiba que o patife lhe apanha a ella o dinheiro, que me dá a mim.

— Hein? Como?! Explique-se!... Cachorros! Dar-se-ha caso que me roubem! Oh! isso sería...

— Horrivel! horrivel! — disse a duqueza sarcasticamente.

O visconde ardia devéras e não admittia gracejos. O dinheiro era a sua corda sensivel. Antes de ser sabio era avarento como seis judeus sovinas. Lembrava-se com sincero horror do preço por que tinha pago a

riqueza, e estremecia com a idéa de tornar-se pobre na velhice. Ter sempre presente a imagem de um certo Bararoá, assassinado no Amazonas, no canal do lago Autaz, á sua vista, e ficar sem o fructo do crime a que se associára?! Seria duplamente atroz!

— A senhora duqueza ou Thereza, ou que diabo é v. ex.ª, póde provar que...

— Perdão — interrompeu magestosamente a napolitana; — não nos percamos o respeito. Vim aqui para me vingar de Chamburg e não para fazer serviços a quem não saberia reconhecel-os. A viscondessa rouba-o desde muito tempo, e o conde sustenta-me com o dinheiro que ella lhe dá. Já vê que a cousa é bastante engenhosa; teem-se duas mulheres pelo preço de uma, sem se fazer despeza!... Confesse que o seu amigo é homem de imaginação.

— Infames! infames! — gritava o visconde, enfiando no corredor dos aposentos da mulher — mato-os ambos!...

— Nada de escandalo, Pedro! — lhe gritou o marquez de Lacroix, pondo-se diante d'elle com um rewolver na mão. — Trataremos o negocio entre nós, quando e como quizeres... visto que só commigo embirras!

O visconde, que esperava encontrar Chamburg, ficou embatucado diante do marquez.

Mas a allusão venenosa d'este feriu-o cruelmente.

— Canalha! — gritou elle.

— Que trapalhada! — exclamou Thereza, que viera atraz de Pedro, para gosar da sua vingança. — Querem ver que eu fiz asneira! Já não estou aqui bem! — E dirigiu-se para a escada, antes que os dois dessem por ella.

— Genoveva — disse o marquez para uma creada, que viera atraz d'elle, alumiando-o: — apresente os meus respeitos á senhora viscondessa, e diga-lhe que talvez seja prudente fechar-se por dentro. Seu amo não está bom da cabeça esta noite, provavelmente por lhe ter falhado uma vez mais a quadratura do circulo; e por isso me atrevo a dar este conselho em casa d'elle.

— Canalha! — repetiu, cuspindo, Pedro Ayres, que voltou para o seu gabinete de trabalho, profundamente anojado. — Que sucia de selvagens que são os amigos de hoje!... Perdi todo o trabalho d'esta noite, mas alguem m'o ha de pagar!

No dia seguinte, ao tempo em que Hortensia Lacroix recebia o seu titulo de marqueza, entregavam ao pae o seguinte bilhete:

— «Scena de escandalo vergonhosa!... Arrombou-me a porta e veiu mostrar-me um grande livro, que diz ser o das suas contas,

accusando-me de lhe ter roubado mais de cem mil francos! Que infamia! Em que os podia eu ter gasto?! Diz que os quer para ali, senão que vae contar á querida Hortensia não sei que atrocidades, e que depois me mata! Monstro! Que me importa a vida, que tenho preza á d'elle?! Ah! meu querido amigo, se alguma vez pensou na sorte da mulher de coração condemnada a supportar o jugo de um cynico depravado, deve compadecer-se de mim... Calo-me para não o affligir... Eu bem sei o que elle quer: imagina que posso arranjar-lhe os cem mil francos para saciar a sua cobiça, e atormenta-me para que lh'os dê. Se eu ainda tivesse os meus brilhantes, iria empenhal-os... mas a miseria, em que elle me deixa viver, obrigou-me a vendel-os ha muito tempo... Que vergonha, meu amigo!... Oh! sou muito infeliz, muito infeliz! E Deus sabe o que me espera! Cem mil francos! Onde os hei de eu ir buscar?! Não se admire, se ouvir dizer que me suicidei para não me aviltar a meus proprios olhos. Adeus.»

O marquez, depois de ler esta carta, saía para ir procurar Diogo, quando o achou na sala da livraria com a marquezinha. Tinha lançado a vista á roda de si e não víra outro amigo, dedicado como aquelle, que o attrahia e fascinava, de quem tinha quasi

medo, e do qual todavia não podia separar-se.

— Doutor — disse Lacroix, apenas ficaram sós — tenho que fazer-te uma confidencia melindrosa.

— Os segredos de importancia nunca se confiam a outrem.

— Preciso de um homem seguro... e, apesar das apprehensões, que me inspira a tua similhança...

— Adiante! Isso já não é mania, é parvoíce.

— Preciso de ti.

— É por onde deviamos ter começado.

— Estou n'uma situação embaraçosa.

— Se é dinheiro, tenho em casa vinte e cinco mil francos.

— Não é isso. Ouve-me e aconselha-me.

Alberto de Lacroix referiu, com todos os pormenores, a historia da noite, e mostrou a carta que recebêra. O medico fazia caretas medonhas durante a narrativa.

— Que te parece? — perguntou Lacroix, concluindo.

— Que é muito mais grato á vista e deleitavel ao coração contemplar as mesas anatomicas, quando estão cobertas de fragmentos humanos, tactear as chagas dos leprosos e os cadaveres começados a corroer pelos bichos, do que olhar de relance para a podridão social do nosso tempo.

— Não moralisemos, porque não melhorariamos cousa nenhuma. Receio que elle a mate...

O medico encarou-o com espanto, e perguntou-lhe:

— O marquez diz isso sériamente?!

— Emfim... que devo fazer?

— Que tinha resolvido?

— Mandar-lhe o dinheiro, que trazia aqui em notas do banco de França... e contava comtigo para lá ires. Na tua qualidade de medico, tens a porta sempre franca.

— Effectivamente, é uma solução como qualquer outra... — E pegou nos maços de notas, que Alberto lhe apresentava.

— Resta a segunda parte da tua missão...

— Qual?

— A do duello.

— Ah!

— Combina isso como entenderes.

— Não é crivel, se o homem se atascar na immundicia de receber isto, que queira bater-se com quem lh'o dá.

— Como ha de saber-lhe a origem?

— Grande difficuldade! Acaso o conde de Chamburg seria capaz de se despojar de similhante somma, ainda mesmo que fosse para livrar Jesus Christo da cruz?!

— Entrego-me nas tuas mãos.

— Talvez que não te arrependas... vol-

veu o medico, tornando a tratal-o familiarmente—e que eu possa provar-te, mais cedo do que esperava, quanto a tua vida me é preciosa.

O marquez fixou os olhos nos d'elle.

—Realmente?! Para que te serviria a minha vida?

—Procuro dia e noite os meios de a prolongar. Podesse eu dar-te duzentos annos!...

—Para quê?!—interrogou o marquez com uma especie de terror inexplicavel.

—Para te provar a minha gratidão—respondeu o doutor, saíndo.

—Não é por isso, com certeza!—pensava Lacroix—Mas... com tanto que eu viva, e tenha minha filha commigo... o resto, pouco importa.

A viscondessa de Richmond, antes de ter escripto ao marquez, mandára este bilhete a Chamburg:

—«A duqueza de Montefiori veiu esta noite dizer a meu marido, que eu dava ao conde o dinheiro com que a sustenta! Se foi para ella que me obrigou a vender os meus brilhantes, substituindo-os por outros falsos, não lhe perdoarei nunca! O visconde aproveitou a denuncia para vir com os livros de despeza, affirmando estar n'elles a prova de eu lhe ter gasto cincoenta mil francos sem seu consentimento, e protestando

que, se eu os não repuzer, me assassina, e denuncia o conde á policia, por abuso de confiança. Venha immediatamente.» —

O conde não se fez esperar. A duqueza de Montefiori, prevendo algum acontecimento desagradavel, em resultado da sua tentativa de vingança, fôra da casa de Pedro Ayres direita á de Chamburg, e referiu a este o que fizera e o que víra.

— Perdôa, conde; o ciume é capaz de tudo.

— Bem sei; deixa-me dormir. Ámanhã pensarei n'isso.

Recebendo a carta da viscondessa, Chamburg correu a fallar-lhe.

— Que havemos de fazer?! — perguntou ella, assim que o viu entrar. — Os seus negocios estão agora em melhores condições? Póde dar-me os cincoenta mil francos que elle pede? E os meus brilhantes?! O conde bem sabe que se não lhe damos dinheiro, temos grandes desgostos! É certo que os emprestimos que lhe tenho feito, foram applicados em proveito d'essa ridicula aventureira?!

Chamburg sentou-se placidamente no sophá; cruzou uma perna por cima da outra, afagou a pera e o bigode, e exclamou, como se fallasse só comsigo:

— Como diabo hei de eu arranjar dez mil francos para pagar ámanhã uma letra?!

— Não conte commigo! Eu preciso cinco vezes mais... E os meus brilhantes... tambem os meus bri...

— Ah! — gritou o conde, levantando-se radiante de alegria e dirigindo-se a uma secretária — Achei a cousa. — Poz-se a escrever rapidamente, e, tendo concluido, disse á viscondessa, que olhava para elle admirada:
— Copie, encantadora viscondessa. A sua letra ingleza e corrida parece ter sido inventada de proposito para estes bellos lances!

Era a carta, que momentos depois foi entregue a Lacroix.

— Oh! — balbuciou, rubra de pejo, a formosa ingleza, que acabava de a ler. — Não me presto para uma acção d'estas! Seria vil, torpe, infamissimo!...

O conde tinha ido novamente sentar-se, e ouvia-a sorrindo-se complacentemente.

— É verdade, é... Tem rasão, senhora viscondessa... Não é bonito... e... se houvesse outro meio melhor, creia que eu tambem não hesitaria em adoptal-o. Mas não ha. Estamos ambos sem dinheiro... V. ex.ª precisa cincoenta mil francos, para não passar por graves desgostos?... Eu limito as minhas exigencias á quinta parte d'essa quantia... Comtudo, aproveitava a occasião de arranjar conta redonda, para ir desempe-

nhar os seus adereços. O marquez póde bem com essa bagatella... e logo que eu tenha a minha casa a direito, virei trazer-lhe os cem mil francos, para se lhe restituirem...

— Diz isso sériamente, Guilherme?

— Palavra de honra! A viscondessa imagina que um homem que se intitula conde de Chamburg desceria a estas combinações repugnantes, se não fosse obrigado pelas circumstancias, e se não tivesse o firme proposito de reparar o mal na primeira occasião?! Não costumo brincar com cousas sérias. Ainda mais — continuou elle, vendo que a viscondessa hesitava — tenciono declarar ao marquez, que fui eu quem a aconselhou a dar este passo, para livral-a da colera de seu marido.

A viscondessa sentou-se e copiou a carta.

— O conde seria indigno da minha estima, se não cumprisse o que me promette! — disse ella, fechando o sobrescripto.

— Levo esta prova para justificar v. ex.ª diante de Alberto — volveu elle, mettendo o seu rascunho na algibeira. — É verdade — acrescentou com indifferença — como estava o marquez aqui, a similhante hora?

— Ainda não lh'o disse? Veiu informar-me do resultado da ida a Madrid de um parente meu, que foi fazer indagações ácerca do tio do doutor Molina.

— E então?

— Não se descobriu tal tio! O marquez saía bastante inquieto, quando meu marido appareceu e se insultaram mutuamente.

— Diabo! Teremos duello?

— Duvido.

— Eu venho logo saber o resultado da carta. Qualquer que seja a resposta, não tome nenhuma resolução emquanto eu não voltar.

— Pois sim.

O visconde estava com gente quando Chamburg saíu, e por isso não pôde ir ter com a mulher senão passada uma hora.

— O dinheiro? — interrogou elle, apenas entrou.

— Senhor visconde, o plano que v. ex.ª imaginou é vilissimo!

— Deu-o?

— Julga que descerei jamais a tamanha baixeza?!

— Foi buscal-o ou não?

— A cobiça torna-o insensato!

— Os meus cincoenta mil francos?...

— Não me provoque!... Se não me conhece ainda bem, trema de me conhecer!

O visconde apalpou a algibeira, procurando a chave da burra; e como a sentiu ali, sorriu desdenhosamente.

— Deixemo-nos de ameaças. Bem sabe

que já me não póde encobrir a perversidade e vilania do seu coração. Nunca a inquietei por causa das suas affeições... senão a proposito do patife do Lacroix, que me apanhou tres mil francos ao jogo... Tenho-a deixado viver á sua vontade...

— Quer dizer, na miseria?

— A senhora recompensava-me, abusando do meu somno para me tirar a chave da burra! E com que fim?! Para dar o meu dinheiro a um desavergonhado, que se não pejava de recebel-o de uma mulher... e de o ir dar a outra! Ladrão! E o caso é que nunca me tinha lembrado d'esse meio!... Aquelle tratante tem muita habilidade!... Pena é dar-lhe para o mal!

— Está ali o senhor doutor Diogo Peres, que quer fallar á senhora. — annunciou o creado.

— Manda entrar. — ordenou o visconde.

X

O regato faz-se rio

Diogo Peres cumprimentou os dois e ficou calado, esperando que Pedro saísse.

— Estamos de perfeita saude, doutor — disse este; — mas, é sempre com prazer que o vemos n'esta casa.

O medico inclinou-se, sem responder.

— Queira sentar-se. — tornou o visconde, indicando-lhe uma poltrona.

— Vim de carruagem. — volveu o outro laconicamente.

— Esteja como quizer.

Diogo impacientou-se.

— A senhora viscondessa faz-me a honra de me conceder um momento de attenção, em particular?

A viscondessa olhou para o marido, como

convidando-o a que saísse; mas este respondeu por ella ao doutor:

— Minha mulher não tem segredos para commigo.

— Felicito-o. — respondeu Diogo seccamente.

— Acceito e agradeço o cumprimento. — volveu com modo mais amavel o visconde, que fingiu não ter percebido a ironia.

— Mas, senhor — atalhou a mulher, começando a irritar-se: — não creio que tenha feito proposito de passar por incivil ou pouco delicado? Já ouviu o doutor dizer que me quer fallar a sós... e então...

— Então?... Desde quando o marido não póde ouvir as conversas de sua mulher com outro homem?

— Desde que praticou actos que o fizeram perder a confiança e estima d'ella.

— Estou em minha casa; tenho a lei a meu favor, e minha mulher ha de sujeitar-se á minha auctoridade, ainda quando eu me compraza em parecer ridiculo aos estranhos.

— Peço perdão — interveiu Diogo; — não desejo presencear scenas de luta domestica. Venho da parte do marquez de Lacroix... — continuou, mostrando á viscondessa os embrulhos que trazia.

Os olhos de Pedro dilataram-se enorme-

mente. A sua cubiça insaciavel pareceu adivinhar o conteúdo d'aquelles pacotes. Farejára as notas de banco tão admiravelmente, como os cães de raça fina farejam as perdizes a distancia de tres kilometros!

— Se traz o dinheiro — disse elle, confiando-se ao acaso — bem sabe que é para mim, que m'o roubaram, e que...

Diogo sentiu-se profundamente vexado, e teve nojo d'elle.

— Ahi o tem! — disse com desprezo, e atirando-lhe com o embrulho quasi á cara.

— Que faz, doutor?! — gritou a viscondessa, querendo apanhar as notas. — Não é para elle... todo!

Mas antes que tivesse tido tempo de se approximar do marido, já este se havia apoderado do dinheiro, e corria com elle para os seus aposentos como o lobo faminto corre para a deveza com o cordeiro roubado.

— Metade! — gritava a mulher, seguindo-o, com desespero e raiva; — metade é para mim! Guarde os cincoenta mil, embora não sejam seus!... Se tenho gasto, é porque empenhei os bri... Dê-me os outros cincoenta...

A voz perdeu-se nos corredores. Diogo, espantado de tantas ignominias, murmurou:

— São bem asquerosos os selvagens que produz a civilisação!

Voltou-se para saír e viu, dois passos atraz de si, um homem parado, com as feições tão transtornadas pela colera que elle não o conheceu á primeira vista. Era Chamburg.

— É preciso ser parvo para fazer o que o senhor fez! — rugiu o conde, caminhando para elle com os punhos fechados.

Diogo recuou um passo, fitou os olhos com sinistra expressão nos do seu interlocutor, e respondeu-lhe:

— Quem lhe deu o direito de julgar as minhas acções, e de me apreciar como se eu fôra seu igual?

— Pois quem é o senhor? — interrogou o outro, detendo-se, contido pelo olhar d'elle, mas ainda n'uma attitude aggressiva. — Quem o mandou dar o dinheiro áquelle abutre?...

— Ah! — volveu o medico, n'um tom indefinivel. — Era talvez para repartír?! Agora é que eu comprehendo a minha imprudencia!

— Então repare-a.

— Como?

— Exigindo do visconde a restituição.

— Oh! sería muito comico!

— É o seu dever, visto que o dinheiro não é todo para elle.

— Provavelmente, foi o senhor quem fez

a combinação?... Ora veja como o acaso collaborou com o visconde! Os usurarios são sempre assim felizes!...

—Não perca tempo com gracejos. Vá pedir o dinheiro...

—E se eu não quizer?

—Alguem o obrigará.

—Quem?

—Eu, com os diabos!—berrou Chamburg, fulo de raiva.—Se duvída, achato-o já aqui!

—Ah! o senhor é irascivel?! Isso não é bom; sobretudo na sua idade!... Tome cautela! Os regatos convertem-se ás vezes em rios com as inundações. A colera é uma onda de sangue...

—Biltre!—vociferou o conde, querendo dar-lhe uma bofetada.—Diverte-se commigo?!

Diogo agarrou-lhe a mão no ar, e disse-lhe, sem perder a serenidade, mas retomando o olhar terrivelmente fulminante, que lhe havia lançado momentos antes.

—Esse gesto custar-lhe-ha a vida. Se d'aqui a duas horas não estiver com duas testemunhas e duas espadas na alameda de Passy, á entrada do bosque de Bolonha, ámanhã saberá a muito nobre e elegante sociedade de París que o conde de Chamburg é o mais abjecto e o mais covarde dos ho-

mens que ella recebe em seu seio apodrecido.

Largou-lhe o braço e saíu. Ao mesmo tempo entravam por outra porta Pedro Ayres e a mulher.

— Patife, cynico, descarado! — gritou o visconde, dirigindo-se a Chamburg, que ficára como petrificado. — Que fizeste dos brilhantes de minha mulher?

— O olhar é o d'elle! D'esta vez não me engano!...

— Os brilhantes?! Onde os tens?

—Vae buscar as tuas espadas de combate.

— Cuidas que me bato comtigo? O que eu quero são os meus brilhantes.

— Manda pôr a carruagem; mette-as dentro, e vem ter commigo a casa. Serás minha testemunha. Vou arranjar outra... e fazer algumas disposições, porque não sei o que li no olhar d'aquelle diabo!

— Guilherme! — exclamou a viscondessa, abraçando-se a elle. — Não consinto que te exponhas... que se exponha — emendou, reparando que estava na presença do marido. —Visconde, peça-lhe que não vá; faça-me ainda essa fineza. Bem sabe que não me consolarei nunca, se elle morrer! — acrescentou chorando.

— Não vás, menino; se ella não quer que

arrisques a pelle, deves fazer-lhe a vontade. Mas, em todo o caso, traze-me os brilhantes que lá tens.

— Dei-os á Montefiori.

— Canalha! — grunhiu o visconde.

— Infame! — bradou a viscondessa, parando de chorar. — E eu que tinha pena de o deixar ir!

— Se eu morrer, como é provavel, lego-lhes tudo quanto tenho; será bem mais que os brilhantes!

— Oh! meu querido amigo!— soluçou Pedro, enternecendo-se.—Então vae depressa; e não percas esse palpite! Faze diligencia; põe-te a geito, para que o outro te apanhe por bom sitio!

Duas horas depois a carruagem de Pedro parava na alameda de Passy, á entrada do bosque de Bolonha. O cocheiro de Diogo, que já ali estava, indicou a Chamburg o caminho que seu amo tomára, acompanhado por dois amigos. O conde e as suas testemunhas seguiram para o interior da floresta, e foram ter a uma pequena clareira, onde estavam os outros sentados. Apenas se avistaram, os padrinhos de Diogo Peres reuniram-se aos de Chamburg, e começaram a tratar das condições do duello.

Os dois adversarios passeiavam, cada um do seu lado, a distancia de trinta passos.

Chamburg fumava com impaciencia febril, e de vez em quando olhava por baixo para o medico. Este conservava a sua usual serenidade e parecia não ver aquelle, nem dar importancia ao que se estava combinando.

Os padrinhos do hespanhol, que eram estudantes de medicina, tinham tambem levado espadas, assim como os de Chamburg, escondidas sob os capotes. Depois de breve conferencia entre os quatro, resolveu-se que o combate duraria até caír um dos adversarios, quer a ferida fosse mortal quer não; que descansariam uma só vez, e que se algum d'elles fosse desarmado, esperaria o outro que se lhe restituisse a arma. Estabelecidos estes pontos, escolheram as espadas á sorte, que recaíu nas de Pedro Ayres, e communicaram aos interessados as decisões que se tinham tomado. Estes despiram-se immediatamente, ficando em mangas de camisa. Os quatro padrinhos examinaram novamente as espadas escolhidas, cada uma por sua vez, e tendo-se verificado a perfeita igualdade de ambas, tiraram ainda á sorte qual devia ser dada ao conde e a que tocaria ao medico. Preenchida essa ultima formalidade, que attestava os probos escrupulos das testemunhas, entregaram as armas aos dois adversarios, que caminharam gravemente um para o outro.

— Perdão! — supplicou Pedro Ayres. — Conde, ouve-me um instante.

Diogo parou, no logar onde estava; o outro voltou atraz, muito contrariado.

— Dize, depressa.

— Chamburg — começou o visconde de Richmond, com a voz cortada pela commoção: — a cubiça e a avareza cegam-me ás vezes... Tu tens abusado da minha confiança... mas... eu sou teu amigo, e esqueço-me de tudo...

— Acaba! — volveu o conde, mais impaciente.

— Guarda o teu dinheiro; não te exijo sequer que me pagues os brilhantes da viscondessa. Comprar-lhe-hei outros... Dá desculpas a esse homem, e vamos embora. Tenho medo, por ti.

— Cala-te! — ordenou Chamburg, encolerisado, porque se sentia enternecer, provavelmente pela primeira vez na vida. — Cala-te, que me fazes fraquejar!... Mas perdoa-me. Só agora sinto que sou muito peior do que tu!

Apertou-lhe a mão, e foi rapidamente ao encontro do hespanhol, que o esperava com a maior paciencia e cortezia. Antes de cruzarem os ferros, Diogo cortejou com a espada o seu adversario e as quatro testemunhas. Depois, pondo-se em guarda, disse

áquelle, que principiou logo a atacal-o:

— Conde de Chamburg, devi-lhe um favor, feito não sei com que intenção; e, apesar de lhe ter pago o dinheiro que me emprestou, não cruzaria nunca a minha espada com a sua, se não fosse o insulto que hontem recebi... Comquanto o não queira para amigo, repugna-me derramar o seu sangue... Desculpe-se da injuria que quiz fazer-me, e dou-lhe a minha palavra de honra, que não o julgarei covarde...

— Mas julgo-te eu assim! — respondeu o conde, atirando-lhe uma cutilada.

— N'esse caso—volveu o medico, aparando o golpe — não devo ter mais escrupulos.

Travou-se então rijo o combate. Chamburg era dextro e valente, mas colerico. Acommettia com furor, e guardava-se mal por causa da impetuosidade com que atacava. Diogo, pelo contrario, defendia-se com inexcedivel sangue frio; pelejava como se estivesse dando uma lição de esgrima, diante de espectadores entendidos; não se descobria nunca; todo o seu jogo era gracioso, artistico e floreado; dir-se-ía que o seu unico empenho era avaliar a sciencia do seu contrario, e que se esforçava para não o offender. O outro percebeu ou suspeitou que era tratado com desdem, e enfureceu-se mais ainda.

— Com os demonios! Parece que o senhor está a fingir que me poupa!

—Vae ver.

O conde partíra a fundo com toda a força; o medico varreu a estocada, e, com a rapidez do relampago, enterrou-lhe a espada no peito até aos copos, dizendo-lhe a meia voz, quando elle caía:

— Por Ambrosio Ayres Bararoá!

— Pedro? — bradou Chamburg, baqueando no chão como o pinheiro derrubado pelo lenhador. — Pedro?!

Todas as testemunhas correram para elle ao tempo que Diogo se estava já vestindo.

— Chamburg?! Meu amigo? — exclamou Pedro, ajoelhando aos pés do moribundo e querendo levantar-lhe a cabeça.

— É... é... — murmurou Chamburg, esbogalhando os olhos.

— É o quê? Acudam-lhe!

— Ambro... Am!... — saíu-lhe pela bôca um jacto de sangue espumoso, rangeu os dentes, e exhalou a vida n'um suspiro.

— Horrivel! horrivel! — gritou o visconde, erguendo-se para fugir.

— Está morto. Fujamos! — disse, depois de o ter examinado, um dos estudantes de medicina.

Diogo Peres, que tinha escripto uma hora antes ao marquez de Lacroix, largou os seus dois amigos na barreira, e partiu a todo o galope dos seus cavallos para a estação do caminho de ferro d'Orleans.

XI

Viagens por terra

Hortensia, prevenida por seu pae de que podiam ter necessidade de partir immediatamente para Hespanha, arrumou á pressa as malas, ajudada pelas creadas e pelo mordomo. O marquez não lhe communicou o conteúdo da carta que recebeu de Diogo, mas ficára assombrado com a leitura d'ella, e dissera simplesmente:

— Talvez partamos dentro em duas horas.

— Com tanta rapidez?! Porquê, papá?

— O doutor tinha resolvido ir hoje; fez disposições, que já não póde alterar quando soube que íamos com elle; e agora manda-me dizer, que talvez parta no primeiro comboio, e que estejamos promptos á primeira voz.

A marquezinha não quiz saber mais. Uma hora depois, as bagagens partiam para a estação n'uma carroça, levada por dois possantes cavallos normandos a grande galope.

Ao mesmo tempo, um estudante de medicina, vindo da parte de Diogo, participava ao marquez o resultado do duello, e dava-lhe um bilhete de visita, em que o hespanhol escrevêra a lapis, por baixo do seu nome:

—«Esperarei um instante, em Bordéus.»—

O estudante saíu, e Lacroix sentou-se a meditar.

—Matou-o!... Logo, é elle! Comtudo, fui eu o causador d'este duello... Expoz a sua vida por mim!... E dizia-me na carta, que ficava tudo arranjado, com relação a Pedro Ayres!... Estou persuadido, que tambem me ha de chegar a minha vez!... Porque me poupará elle?! Por amor de Hortensia?! Não vou; deixal-o ir, e que volte quando quizer... Porém... se o perco de vista, arranja outro falso tio... porque era falso... apesar das cartas não m'o terem revelado. Commetti um abuso ignobil... e fiquei com as mesmas dúvidas! Oh! dava tudo quanto tenho a quem me descobrisse prova infallivel de que esse homem não é Romualdo Goataçára!... Como se livrou de morrer afogado?! E a punhalada?! Com que

mysteriosas plantas a curaria?! E a cicatriz?! Ainda não tive occasião de o ver tomar banho, para lhe examinar o pescoço... Vamos; é indispensavel que passemos uma estação nas praias do mar!... Forçoso me é correr atraz do meu tormento!... Ah! se eu podesse separar-me d'elle!... Arrancal-o d'aqui!... — gritou dolorosamente, arranhando o peito com a mão que metteu por dentro da roupa, como se pretendesse agarrar o coração. — Matou Chamburg!... Pobre Chamburg! Tão vaidoso, tão... Se elle não o convidasse n'aquelle dia para o meu baile, talvez que não acontecesse... E se minha filha não tivesse tido o desmaio, não viria tambem a minha casa!... E d'ahi, quem sabe?! São destinos! O meu é este castigo maldito! Sinto-o chamar por mim, e vou sem querer! É o remorso que me leva! Partamos! Hortensia? Hortensia?

— Papá?

— Vamos.

A filha achou-o pallido, com os olhos incovados e o rosto contrahido; e, apesar de costumada ás crises successivas por que o via passar, assustou-se.

— Que tem, papá?!

— Nada.

— Aconteceu alguma cousa?

— Não; partamos.

Já não alcançaram o expresso, que levava Diogo; e só em Bordéus conseguiram reunir-se a este. A viagem tinha reanimado Lacroix; a vista dos campos, que se íam cobrindo de verdura e de flores; as planicies immensas da região bordaleza; o ar fino e puro das montanhas, que se erguiam ao longe como barreiras de anil; a variedade dos costumes e das comidas dos hoteis; e, principalmente, a alegria de Hortensia, que tudo achava novo, lindo e divertido, restituiram a tranquillidade de espirito ao marquez. Comtudo, não foi sem grande commoção que se approximou de Diogo, quando chegou ao hotel em que este o esperava, em Bordéus. Olhava para o medico, cheio de supersticioso terror, e reconhecia de novo que na sua presença lhe seria sempre impossivel estar alegre ou socegado. Mas sentia-se fatalmente attrahido para elle por uma força mysteriosa, um poder desconhecido que lhe quebrava a vontade.

— Ah! doutor! — gritou Hortensia, correndo para este e apertando-lhe cordealmente as mãos. — Parece que tem vindo a fugir de nós! Se é de proposito, fico-lhe muito agradecida.

— Sabe o motivo da minha pressa, e deve desculpar-me. Se meu tio tiver morrido, uma hora ou um minuto antes de eu chegar, nun-

ca me perdoarei por não ter ido a tempo.

— Tem rasão; partamos.

— Diogo — disse Lacroix, chamando-o de parte: — conta-me como as cousas se passaram.

— Não fallaste com a pessoa que te mandei? Era uma das minhas testemunhas.

— Mas explica-me... Elle era forte na espada! Tu sabes algum golpe secreto?...

— Não sei; tinha sido insultado.

— Foi só por isso? Palavra de honra?

— Está a tocar a campainha. Anda.

— Um instante ainda. Juro-te, pela vida de minha filha, que me resignarei á sorte que me tiveres destinado, se me dizes a verdade: tu és Romualdo Goataçára?

— Que mania! — respondeu o medico. — Não me disseste já uma vez ser esse o nome de um selvagem, que viste morrer não sei aonde?

— Sim; mas se elle não tiver morrido?

— Se não tiver morrido?! É porque estará vivo.

— És tu!

— Tiras das minhas palavras conclusões estupidas!

— És tu?! — supplicava Lacroix, quasi com lagrimas. — Mata-me, porém dize que és tu.

— Que queres que eu responda a um doudo?

— Papá? Doutor? A diligencia parte sem nós!

Saíram a correr. O marquez, durante o resto da jornada, fazia de vez em quando um gesto de intelligencia a Diogo, que queria dizer:

— És tu?!

Este, encolhia os hombros, ao principio, e por fim limitava-se a responder com um sorriso de escarneo. Ao mesmo tempo explicava a Hortensia os nomes dos logares por onde passavam, a historia das povoações, se a tinham; e fazia-lhe notar as magnificencias da natureza e os aspectos grandiosos dos Pyrenéos.

A marquezinha ía radiante de alegria. Viajar é a suprema ventura da gente moça; porém, viajar na companhia de um homem instruido, sympathico, amavel e amado, deve ser para a mulher o ideal da felicidade. Diogo sabia tudo, explicava com igual facilidade as maravilhas de Deus e as dos homens; era poeta, artista, versado nas sciencias, nas letras e nas artes; a cada passo descobria bellezas novas nas encostas das montanhas e nas bordas das torrentes que atravessavam, deleitando Hortensia com as descripções d'ellas e amenisando-lhe sem cessar as aspere-

zas do caminho. Os outros companheiros de jornada ouviam-n'o tambem com prazer e admiração. Para muitos d'elles eram familiares os sitios pittorescos por que passavam; mas nunca os tinham visto como agora, nem reparado nas formosuras que o seu intelligente companheiro lhes ía revelando e que os maravilhavam como se realmente fossem cousas desconhecidas para elles.

Quando atravessaram os logares mais suspeitos das montanhas, lembrou-se o marquez de que podia o homem que elle julgava ser Romualdo Goataçára tel-o attrahido áquelles ermos, para se vingar, e tremeu por sua filha.

— Porque não seriam os outros viajantes assassinos comprados pelo indio do Amazonas? — pensava Lacroix. — O postilhão e os proprios machos que puxavam a diligencia, não tinham ar de quem andasse n'aquella vida por gosto ou por necessidade! Que tremenda imprudencia não fôra a de emprehender similhante jornada com a marquezinha?! Infelizmente, como o erro estava feito, tratou de estudar, pelas caras dos companheiros, algum d'estes, que lhe parecesse digno de confiança, para lhe recommendar mais a filha em occasião opportuna.

Entretanto a conversação amena e aprazivel do medico fazia diminuir rapidamente

as distancias, sem que ninguem desse por isso. Passaram os desfiladeiros sombrios; as povoações succederam-se umas ás outras; e Lacroix não pôde deixar de admirar-se, quando ouviu dizer que íam entrar em Madrid, sem que o supposto ou verdadeiro indio mostrasse o menor indicio de querer assassinal-o.

Apenas se apearam da diligencia e installaram a marquezinha no magnifico hotel dos Principes, metteram-se, Diogo e Lacroix, n'uma carruagem, e foram á casa da rua de Alcalá, onde o medico dizia ter deixado seu tio, um anno antes.

— É aqui. — disse elle ao marquez.

— Effectivamente, deve ter sido a esta casa que veiu o meu agente. — respondeu Alberto, que tirára do bolso uma carteira, e consultava os apontamentos n'ella escriptos.

— Entremos.

— Persistes em affirmar...

— Que eu sou eu? — volveu Diogo, rindo. — Começo a ter duvidas... És capaz de me convencer do contrario! Vamos; d'aqui a pouco terás provas, que próvem.

Subiram ao ultimo andar, e bateram.

— O senhor Affonso Peres de Molina?

— Não conheço.—respondeu uma velha, que abríra a porta.

— Desculpe — insistiu Diogo; — ha um anno que saí de Hespanha, e deixei-o n'esta casa.

— Já veiu cá outro sujeito de França, procurar por elle ha dias. Eu móro aqui desde o mez passado, e não ouvi nunca esse nome a ninguem.

—Vamos ao senhorio. — lembrou o marquez.

— Dizes bem.

— É no primeiro andar. — ensinou a velha.

— Perguntaremos tambem aos outros moradores de baixo...

São todos novos. — tornou a mulher. — O proprietario herdou o predio ha pouco tempo; fez uns concertos, e aproveitou a occasião de levantar as rendas. Todos os inquilinos antigos se mudaram por isso.

— Interroguemol-o sempre.—disse o medico tristemente. —Vejo que ha de ser custoso dar com o pobre velho... se ainda for vivo!

Desceram, acharam o senhorio, e interrogaram-n'o.

— Affonso Peres de Molina? Um velho bandido, um picaro, que o diabo deve ter levado, senão está na serra Morena, de trabuco...

— Senhor!... É meu tio.

— Felicito-o! Ficou-me devendo um semestre...

— Dê cá o recibo.

— Hein?! Sério? O senhor quer pagar? Faz bem; uma vez que elle era seu tio, procede como bom sobrinho e como homem delicado. Isso é de cavalheiro! Aqui está; são apenas cem duros.

— A renda annual?

— Era antigamente... agora... bem vê que fiz obras... e augmentei.

— Pago sem discutir, se me disser para onde foi o bom velho.

— Oh! senhor!... Condições?! Não esperava por essa! Se os proprietarios tivessem obrigação de saber para onde vão os inquilinos!... Eu logo vi que tudo isto não passava de conversa!

— Ahi tem o seu dinheiro.

— Ah! perdão... Retiro as expressões... Muito agradecido... Bello procedimento, na verdade! Ora espere... Será o senhor certo sobrinho, medico, em que elle me fallava?!

— Sou esse mesmo.

— Então, a final, era verdade?! Estava em París?

— Sim, senhor.

— E fez fortuna, effectivamente?!... Pobre homem! Cuidei que fossem pantominices d'elle, para eu não o pôr fóra! Coita-

do!... Sempre lhe quero dizer, que procure no hospital...

—No hospital?!

—Infelizmente!... Elle ía bem mal!... mas... ás vezes...

—Corramos, marquez!

—Perdôem v. ex.as, que eu não sabia com quem tratava! Marquezes! Se tenho esperado ao velho—continuou, depois dos dois saírem, o avido proprietario;—fazia agora um negocião. Fiz asneira em não dizer que eram duzentos duros! Assim mesmo não foi mausinho!... Duas vezes mais! E apanhei a mobiliasita, que ainda me serve em casa!... Se a reclamarem, peço aluguer do tempo que a guardei. Eu creio que o outro estoirou no hospital... E se não estoirou, foi por sua culpa.

No hospital disseram, que o pobre Affonso Peres estivera ali apenas quinze dias, e que ao fim d'elles lhe deram alta. Nada mais se podia colher dos assentos de entrada e saída.

—Existe o enfermeiro que tratou d'elle? —perguntou Diogo.

—Sim, senhor.

—Tem a bondade de m'o indicar?

O enfermeiro lembrou-se vagamente de ter ouvido dizer ao enfermo, que não tendo recursos para viver em Madrid, nem para ir a França, onde tinha um filho... ou pri-

mo, iria mendigando até chegar á terra da sua naturalidade.

— Molina?

— Parece-me que foi esse nome que lhe ouvi pronunciar...

No dia seguinte partiram os tres viajantes para Murcia, com grande pezar de Hortensia, que apenas entrevíra a capital de Hespanha, atravessando-a. Mas que extraordinarias recordações lhe deixaram essas vinte horas de parada ali! Durante o dia viu aquelle povo, fidalgo por excellencia, passeando nas ruas com o ar altivo dos paladinos invenciveis. Bellas mulheres, com a pittoresca mantilha preta e olhos negros, que dardejavam raios; homens cheios de garbo, caminhando de cabeça erguida, como se fossem á conquista do mundo; mendigos esfarrapados, dando-se reciprocamente o tratamento de dom, não pedindo, mas acceitando a esmola com hombridade, e dizendo nobremente aos que lh'a davam:

— Graças, cavalleiro. — Ou, se fallavam com mulher:

— Muitas graças, senhorita. Se precisar de um homem para limpar-lhe a rua de pretendentes importunos, honre Dom Inigo Lopes de Huelva y Saavedra, que beija as suas mãos.

E mostravam uma navalha sevilhana de

meio metro, que empunhavam com inexcedivel graça á vista da policia.

De tarde, a marquezinha e os seus companheiros passeiaram no Prado, em caleche descoberto, e pararam junto á Fonte Castelhana, admirando o movimento e a alegria dos outros passeiantes. Muitos homens moços cumprimentavam Diogo Peres. Eram os seus antigos condiscipulos. Alguns íam fallar-lhe, e o marquez escutava-os avidamente.

—Não ha duvida—pensava Lacroix;—estudou em Madrid. Apesar d'isso... é elle!

Á noite foram ao theatro do Principe, e viram representar um drama de Garcia Gutierrez, por Mathilde Diez e João Romea. Hortensia ficou encantada com a peça e com os artistas; mas o que principalmente a maravilhou foi o manejo do leque nas mãos das hespanholas. O *espirito* parisiense afigurou-se-lhe uma semsaboria diante do *salero* madrileno. Sentiu-se pequena, humilde e envergonhada; reconheceu que era necessario nascer na ardente e bella terra de Hespanha para ter olhos que soubessem fazer parar um homem na carreira, e dedos que fizessem fallar as ventarolas. Para não parecer ridicula, metteu o leque na algibeira e protestou não tornar a servir-se d'elle emquanto estivesse n'aquelle paiz extraordinario.

De Murcia partiram logo para Molina, que fica a pouco mais de duas leguas. Na estrada, sombreada toda de amoreiras, andavam muitos rapazes apanhando folhas d'essas arvores para sustento dos bichos de seda. Diogo dirigiu-se a um d'elles, depois de ter feito parar a carruagem.

— Tu és de Molina?

O rapaz coçou a cabeça, empurrando o barrete para a nuca; relanceou a vista para os companheiros, que se íam pondo todos em attitude de fuga, e respondeu a custo:

— Penso que sim.

— Conheces lá o tio Affonso Peres?

— O tio Affonso Peres?! — Olhou novamente para os camaradas e repetiu-lhes: — Affonso Peres?!

Os outros responderam como um echo:

— Affonso Peres?!

Diogo atirou-lhes algumas moedas de prata, perguntando outra vez:

— Conhecem?

Antes de responderem, os jovens colhedores de folhas de amoreira arremessaram-se ao chão, rolando uns por cima dos outros para apanharem o dinheiro; esmurraram-se prodigamente, e depois de se terem levantado e recolhido cada um d'elles o que tinha achado ou tirado aos menos fortes, disse o primeiro interrogado:

— Conhecemos.
— Está lá?
— Está.
— É um velho?
— Velho? Será o beiço-rachado?
— Ou o bombeiro?
— Affonso Peres? Só se é o Thiago?
— Não — acudiu outro; — ha de ser talvez o Garcia Dorme-em-pé.
— Ou o tio Romero Furtado?
— Elle é sacristão?

Diogo perdeu a paciencia, e gritou ao cocheiro que fosse para diante. Hortensia ria, com grande gosto, dos disparates ou velhacadas dos garotos.

— São engraçadissimos! — exclamava a marquezinha. — Apesar do doutor não ter ficado contente, confesso que me diverti immenso com elles!

Chegaram á cidade, e pararam em frente de uma casa, que o medico indicou ao cocheiro. As portas e janellas estavam fechadas, mas a chaminé deitava fumo.

— Eis a casa em que habitava a minha familia — disse Diogo, que parecia commovido. E accrescentou mais baixo, como se não desejasse que o ouvissem: — Quando eu tinha familia.

— Tem gente dentro — affirmou Horten-

sia. — Sabe o rifão francez: Não ha fumo sem fogo?

— Tem-se visto o contrario — acudiu o marquez, que não perdia de vista o seu companheiro.

Bateram, entreabriu-se uma janella e perguntaram de dentro, em andaluz cerrado:

— Quem é, e que quer?

— Mora aqui o tio Affonso Peres?

— Dioguito! — gritou a mesma voz, ao tempo que se abria a porta.

— Tia Domingas! — respondeu Diogo, descendo da carruagem, e caíndo nos braços da mulher, a quem dera este nome.

XII

A tia Domingas

— Dioguito da minha alma! — gritava a hespanhola, sempre no mais vasconço dialecto dos andaluzes, escondendo o rosto no seio do medico. — Já tinha perdido a esperança de tornar a ver-te!

— Pois aqui estou, boa tia Domingas! — volveu o doutor, correspondendo aos affagos d'ella com igual affecto.

Hortensia, commovida por esta scena intima, recostára-se no fundo da carruagem, para não perturbar com a presença de uma estrangeira as expansivas demonstrações dos que lhe pareciam tia e sobrinho; porém o marquez, que julgava ter motivos para ser menos delicado, e não conseguira ainda ver a cara da mulher, prestava a maior atten-

ção ao dialogo e aos gestos dos dois interlocutores. O som da voz da andaluza agitára-o violentamente. Apesar de a ouvir fallar n'uma lingua estranha, que lhe parecia ser a d'ella, achava-lhe notas, que lhe revolviam o coração como se fossem pontas de punhaes.

— E o velho, tia Domingas? — interrogou Diogo, quasi a medo: — Voltou?

— Ah! Não sabes?! — disse Domingas, erguendo para elle os olhos. — Tres dias...

— Gertrudes! — gritou o marquez, vendo-lhe o rosto e saltando da carruagem.

A mulher teve um estremecimento imperceptivel, tornou-se livida, e voltando-se para o doutor, que permanecia impassivel, perguntou:

— Quem é que vem comtigo?

— Gertrudes! — repetiu Lacroix. — Cuidam que me enganam?! Aqui está a prova!

Dizendo isto, deitou-lhe as mãos ao seio, e rasgou-lhe com rapidez incrivel o vestido e a camisa, deixando-lhe o peito descoberto até á cintura.

— Ah! — bradou desesperado — tambem falta a cicatriz!

— Villão! — gritou a hespanhola, rubra de vergonha e correndo para dentro.

— Meu pae! — exclamára Hortensia indignada.

— Senhor marquez — lhe disse friamente Diogo — acaba de fazer um grave insulto a minha tia, e apesar de ella ter passado ha muito tempo dos cincoenta annos...

— Passado dos cincoenta?! É verdade!... tem rasão... devia ter apenas trinta e dois ou trinta e tres!

— Apesar de se tratar de uma pobre velha andaluza — proseguiu o medico — o senhor marquez deu-me o direito...

— De me matar? Bem sei... Pois acabemos com isto! É um beneficio, que me faz!...

— Cale-se. Não vê que sua filha está chorando?! Entremos: o escandalo completa-se com o ajuntamento de gente á porta!... Perdôo-lhe, porque vejo que tem doudice insanavel... Mas é forçoso que nos separemos para sempre. Minha tia — continuou, fallando á porta de um quarto, onde se tinha fechado a dona da casa — perdôe ao senhor marquez de Lacroix, que padece de alienação mental, e anda a viajar para ver se melhora.

— Não me deixe só com elle; não me desampare! — supplicava Hortensia em voz baixa a Diogo, quando este a levava pelo braço para dentro de casa.

O marquez sentára-se na sala, cabisbaixo e humilhado, sem comtudo querer ceder á evidencia.

— É Romualdo Goataçára! — teimava comsigo. — E a irmã... não; ella teria trinta e tres annos, quando muito, se hoje vivesse... Só o inferno podia vomitar estes demonios para meu castigo!...

— Tia Domingas? — chamaram da rua. — Quer que vamos buscar o alcaide para prender esses picaros?

A andaluza correu á porta, já com outro fato.

— Quê?!

— O homem que lhe rasgou a camisa não se mette na cadeia?

— Na cadeia? Quem?! — interrogou Diogo.

— É amigo de Dioguito — disse a mulher.

— Dioguito?!

— Sim; filho do coronel Paulo Peres.

Diogo atirou um punhado de dinheiro em prata á multidão de populares, dizendo-lhes:

— Aqui não ha que prender ninguem. O meu amigo tem ataques de nervos e anda a viajar por meu conselho para se curar. É o senhor marquez de Lacroix. Vão beber á saude d'elle.

— E do Dioguito — acrescentou Domingas.

— Ah! sim... — respondeu um dos do povo. — Dioguito é filho do coronel?...

— De dom Pablo — confirmou outro.

— É verdade — acrescentou terceiro. — Homem valente como S. Thiago! Olhando tres vezes para uma parede, rachava-a!

—Os telhados caíam, ouvindo-o fallar mais alto!

— Uma vez em que elle espirrou, no jardim botanico de Murcia, rebentaram todos os peixes que havia no lago!

— Caramba!

— Que homem!

— E Dioguito é filho d'elle?!

— Filho do valente.

— Então, viva Dioguito!

— Viva Dioguito! E vamos... beber.

— Val de peñas!

— Manzanilla!

— E Xerez de la Frontera!

Logo que se dissolveu o ajuntamento, a tia Domingas trocou com o sobrinho um rapido olhar de intelligencia; fechou a porta e voltaram ambos para dentro. O marquez espreitava-os, dissimuladamente, da sala, onde se tinha sentado. Hortensia olhava consternada para o pae, e não ousava dizer-lhe nada.

— E o tio Affonso? — perguntou o medico.

— Pobresito! — murmurou Domingas. — Quando eu soube que elle tinha entrado no hospital, vendi a terra da vessada e mettime ao caminho de Madrid.

— Foi mais previdente e generosa do que eu! — suspirou Diogo. — Sempre boa!

— Como tu não escrevias, tencionava ir com teu tio procurar-te a França.

— Escrevi sempre; a elle e á tia Domingas.

— Não se receberam as cartas!

— Dar-se-ha caso que alguem as interceptasse?! — volveu Diogo, olhando para o marquez com ar severo.

Lacroix baixou os olhos, envergonhado. A velha proseguiu:

— Quando ía para entrar na diligencia de Murcia, um pobre homem estendeu-me a mão, para que lhe desse esmola. Ah! Dioguito da minha alma: não sei como não morri de pena! Era elle...

— O tio Affonso?!

— O tio Affonso!... coberto de farrapos, faminto, um esqueleto!

Diogo parecia vivamente commovido. A tia continuou:

— Tres dias depois de chegar aqui...

— Acabe...

— A terceira cruz, á direita, indo pela rua do lado do norte do cemiterio de Molina, entre dois cyprestes...

— Basta! — lhe gritou Diogo, encaminhando-se para a porta.

O marquez, cessando um instante de o

tomar pelo indio Goataçára, levantou-se e seguiu-o. Hortensia tentava occultar as lagrimas; e Domingas, vendo-a chorar, approximou-se e contemplou-a com tão singular expressão que a joven teve medo d'ella.

— Papá?! Doutor?! — chamou a marquezinha com voz tremula.

Os dois porém íam já longe e não a ouviram. A hespanhola continuava a miral-a com uma especie de sorriso, que não se poderia dizer se era sardonico, sinistro, melancolico ou sympathico, porque tinha de tudo isso a um tempo. Hortensia correu para a porta da rua, no intuito de gritar por soccorro.

— Não tenha medo de mim — lhe disse a tia Domingas, detendo-a com gesto affectuoso.

A filha de Lacroix aprendêra a lingua hespanhola, mas custava-lhe a entender o dialecto andaluz. Comtudo, percebeu a palavra *medo*, e voltou immediatamente para traz.

— Medo, eu?! Porquê? Nunca fiz mal a ninguem, e não creio que haja pessoa capaz de me offender sem eu a ter provocado. A innocencia deve ser respeitada mais do que em parte alguma n'esta nobre terra de Hespanha.

A tia de Diogo Peres ouviu-a com admiração, e depois de curto silencio replicou em puro castelhano:

— Nada tem que receiar, senhora: está em casa de gente leal e hospitaleira, e viaja na companhia de Diogo Peres, que possue um dos maiores corações, que tem tido o mundo!... Mas não se fie nunca na armadura da innocencia, apesar de ella ser dada por Deus. Esteja sempre em guarda, sobretudo contra o homem por quem sentir sympathias. Descance: aqui está o seu quarto. Vou tratar do jantar.

A filha de Lacroix teve um grande sobresalto com os conselhos da tia Domingas.

— Porque lhe diria ella aquillo?! — pensava a joven marqueza. — Haveria n'essas palavras alguma allusão ao passado de seu pae? Ou á sua affeição por Diogo? Mas Diogo era sobrinho... e como podia a hespanhola adivinhar a inclinação de Hortensia? Seria o medico realmente o homem, que o marquez suppunha? Com que fim se approximaria d'ella n'esse caso? Era fingida a sua amisade, calculadas as provas de delicadeza, que d'elle recebia todos os dias?! Não podia ser. Os falsos e fingidos affectos distinguem-se sempre dos verdadeiros... Pelo marquez não mostrava Diogo muita inclinação; mas por ella?! Uma mulher, qualquer

que seja a sua idade e condição, não se engana jamais em cousas do coração. Diogo amava-a, embora nunca lh'o tivesse dito: logo, não podia ser seu inimigo!

A marquezinha não via na vida d'elle nada de mysterioso. Tinha uma historia clara e simples: infancia attribulada pelas opiniões politicas do pae; mocidade de miseria e de estudo; e, por fim, a gloria e a riqueza, premiando-lhe os talentos. Em que se fundavam as duvidas do marquez? Na similhança das feições com outro! Somos todos filhos de Adão e Eva; é natural que muitas pessoas se pareçam com outras... Demais, ali estava a terra da sua naturalidade, a casa da sua familia, e a sua ultima parenta, a tia Domingas, andaluza cerrada... que fallava admiravelmente a lingua de Cervantes! Só este ultimo pormenor lhe pareceu um tanto extraordinario. Por que motivo conversaria ella com o sobrinho no dialecto da Andaluzia? Talvez por habito, por costume de familia... Quanto á correcção com que se exprimia em castelhano, explicava-se. Diogo era sabio, o pae fôra general, e Domingas tivera a educação propria da sua classe.

Ao mesmo tempo que fazia estas reflexões, Hortensia olhava para a dona da casa, que andava sem parar de um para outro lado, tratando do jantar dos seus hospedes.

A marqueza notou que as feições da hespanhola se pareciam extraordinariamente com as de Diogo. Tinha o mesmo olhar intelligente, a mesma expressão de physionomia, igual côr de pelle, cabellos similhantes e (facto singular!) inteiramente pretos, apesar de ella dever ter bons vinte annos mais do que o sobrinho e o cabello d'este principiar a branquecer! Até a voz de Domingas se parecia por vezes com a do medico, sobretudo quando tomava o tom affectuoso! O seu parentesco era incontestavel para todas as pessoas, que os vissem; e muita gente affirmaria serem mãe e filho, se não fosse publico e notorio que a mãe de Diogo fallecêra em Badajoz, e que a tia Domingas passava por ser a mais virtuosa donzella do antigo reino de Murcia.

— O senhor doutor Diogo nasceu aqui? — perguntou Hortensia, n'uma das voltas em que a dona da casa se approximou d'ella.

— Aqui — respondeu a outra como um echo.

— A senhora é tia direita?

— Direita.

— Deve ter-lhe custado muito viver separada d'elle.

— Muito.

— O senhor doutor é tão bom, tão amigo dos seus parentes!...

— É.

— A senhora sabe que elle tem tido a rara felicidade de não lhe morrer em França nenhum doente?

— Ah!

Domingas, que respondêra até ali com visivel desejo de evitar a conversação, chegouse para a marquezinha.

— Cura todos! — insistiu a joven Lacroix.

— Devem gostar muito d'elle? — interrogou a hespanhola.

— Se gostam! Não lhe chega o tempo para ir a toda a gente, que o chama; e ganha quanto quer.

— Dinheiro! — resmungou Domingas com desdem.

— E amisade, consideração, respeito e sympathia de todos, que o conhecem.

— Ah! — balbuciou a tia do medico, humedecendo-se-lhe os olhos. — Dioguito querido!

— Mas... — continuou Hortensia, sem saber d'onde lhe vinha audacia para o que ía dizendo — parece que ha perigo em se lhe querer bem... de certo modo...

— Ao Dioguito?!

— Sim... A tia Domingas... Dá licença que a trate assim?... como se eu fôra tambem sua sobrinha?

— Que gosto me dá, senhorita!

— A tia Domingas disse-me, ha poucos minutos, que desconfiasse do homem por quem tivesse sympathias...

A hespanhola encarou-a como se não a tivesse entendido. Após breves instantes, illuminou-se-lhe o rosto, ergueu os olhos como se fizesse a Deus alguma supplica extraordinaria, e exclamou, abraçando a joven franceza:

— Não era a elle que me referia, filha! Oh! d'esse não ha que receiar! e a tia Domingas será sempre bem amiga dos que amarem sinceramente o seu... Dioguito! — beijou o rosto da marquezinha, que baixou os olhos, fazendo-se muito vermelha, e proseguiu: — Quero-lhe como se fosse meu filho! Se gostas de Diogo, é preciso que elle te ame...

— Oh! tia Domingas...

— É preciso que saiba...

— Nunca!

— Eu lh'o direi.

— Seria abusar cruelmente da simplicidade com que lhe abri o meu coração! — exclamou a marquezinha, chorando.

— Mas, querida da minha alma, eu amo-te já tanto como a elle! Desde que me disseste o teu segredo, chamo-te minha filha... e ainda não sei quem tu és! Como imagi-

nas pois, que te darei desgostos?! Não, não; se não queres que elle o saiba, calo-me; que é impossivel não terem os seus olhos penetrantes entrado já no fundo do teu peito. Ah! tu não sabes que Deus parece ter-lhe dado o segredo de ler no pensamento alheio?!

— Cale-se! Ahi vem elle! E jure-me, boa tia Domingas, jure que não lhe diz nada!

— Juro! Pela sua vida!

Diogo fôra direito ao cemiterio, que ficava por detraz da igreja, a pouca distancia da casa da familia Peres. O marquez seguíra-o silencioso até á entrada. Chegando ali, pegou-lhe na mão e encarou-o. As feições do medico estavam mudadas: não se poderia dizer se as tinha alterado a dor e o desespero, ou se n'ellas se reflectia a recordação de algum successo doloroso, que o atormentava n'aquelle momento. Lacroix arrependeu-se de o ter detido, mas não podendo já recuar, disse-lhe:

— Doutor Diogo Peres, perdoa-me tudo. Dize que me perdoas, e eu faço o protesto solemne de nunca mais te importunar d'aqui em diante, veja o que vir e saiba o que souber.

Diogo empurrou-o para o lado e passou sem responder, seguindo as indicações da tia Domingas. O marquez acompanhou-o; mas teria andado apenas uma duzia de me-

tros, quando o outro se voltou, detendo-o com gesto imperioso e dizendo-lhe severamente:

— Estamos no cemiterio, senhor marquez de Lacroix; não perturbemos o repouso dos mortos.

Alberto ficou onde estava. Diogo Peres deu ainda alguns passos, e parou diante de uma cruz de pedra, collocada entre dois cyprestes. Ao pé da cruz havia uma campa com esta inscripção eloquente e modesta:

EMQUANTO O TEMPO NÃO APAGAR ESTAS
LETRAS E NÃO DESFIZER ESTA PEDRA, REDUZINDO-A A PÓ COMO O QUE ELLA COBRE,
EIS O QUE RESTA DE AFFONSO PERES.
TU QUE ME INTERROGAS,
ESPERA A TUA VEZ.

Diogo leu e releu este original epitaphio sem consciencia do que elle dizia. O seu pensamento parecia estar muito longe de todos os mortos, que o rodeavam no cemiterio de Molina. Cruzou os braços no peito, e, com os olhos fitos na campa de Affonso Peres, ficou-se quasi meia hora absorvido em profundo meditar. O marquez, que o observava de longe, não ousou approximar-se novamente, persuadido de que ali dormia com effeito o ultimo somno algum ente que-

rido do medico. Após largo espaço, este olhou á roda de si, como se despertasse, viu Lacroix, e fez-lhe signal para que viesse.

Quando o marquez chegou, indicou-lhe a sepultura e encaminhou-se para a porta emquanto elle ficava lendo o epitaphio.

— Agora parece-me que posso ter certeza de que não é o outro! — pensava Alberto, apressando o passo para alcançal-o. — Dá-se a similhança... não, dão-se as similhanças incriveis! Porém o caso é que não passam d'isso, e eu tenho feito papeis miseraveis! Meu caro Diogo — continuou em voz alta, caminhando já a par do medico — tenho sido immensamente ridiculo, mas estou curado... e de todo o coração t'o agradeço.

— Isso será finalmente serio?

— Palavra de honra! Agora vamos viajar. Mostra-me o teu paiz: Hortensia deseja ver Granada, Cordova e Sevilha. Voltaremos a Madrid, e iremos depois passar a estação dos banhos em Portugal.

— Em Portugal?!

— Dizem que vae todos os annos bastante gente de Hespanha para a foz do Tejo. Minha filha deve gostar muito; e, se não tens motivo que se opponha a esta resolução, não tornaremos a París antes do inverno. De maio em diante París é insupportavel.

— Dentro em poucos minutos terei tomado as providencias necessarias para garantir o futuro de minha tia. Depois, irei para onde quizerem.

Chegavam a casa, e Hortensia, que os víra de longe pela janella aberta, ouviu as ultimas palavras.

— A tia Domingas póde ir comnosco para París — disse ella a Diogo.

— Para França, eu?! — exclamou a hespanhola no seu andaluz campesino.

— Porque não?! — tornou Hortensia, que a ía entendendo. — Dava-me tanto gosto com isso! Iria morar com o senhor doutor no andar de baixo da nossa casa, e estariamos sempre juntas.

— Pelo que vejo — notou Lacroix, dirigindo-se a Domingas — Hortensia conseguiu que seu pae fosse perdoado? Peço-lhe eu tambem que me perdôe o accesso de loucura com que a insultei, tomando-a por outra pessoa. E declaro que só acreditarei na sinceridade do perdão, se a senhora fizer a vontade a minha filha.

Domingas olhava para Diogo, como consultando-o; porém o medico, talvez para não influir na resolução d'ella, tinha tirado a carteira do bolso e tomava apontamentos a lapis.

— Doutor — lhe disse a marquezinha com

meiguice — faça-me esta fineza mais: consinta que sua tia nos acompanhe.

— Depende da vontade d'ella: eu não posso exigir-lhe o sacrificio dos seus habitos e costumes. Bem vê que a vida de París não é a mesma, que se vive n'este canto da Hespanha. Minha tia nasceu nas encostas da serra Nevada: é uma andaluza bisonha, que só esteve duas vezes em Madrid, ha muito tempo...

— Apesar d'isso, falla admiravelmente hespanhol! — observou a marquezinha; — e talvez que saiba o francez tão bem ou melhor do que nós?

O medico relanceou á tia um olhar de interrogação, que a fez baixar os olhos. O marquez, que notára casualmente os movimentos de ambos, sentiu renascerem-lhe vagas suspeitas.

— A tia Domingas teve uma educação esmerada, assim como minha mãe — disse Diogo; — mas o afastamento em que vive, desde muitos annos, do trato das pessoas illustradas, deve ter influido nos seus conhecimentos...

—Vejamos — disse Hortensia, dirigindo a palavra em francez á tia do medico: — Entende-me perfeitamente, e sabe que não saio d'aqui sem a levar commigo, não é verdade?

— Se Dioguito consentir... — respondeu a outra, na mesma lingua.

— Bravo! Já vê que a levâmos, sem ella fazer sacrificio! Não admitto desculpas, doutor! Bem sabe que sou uma creatura perdida de mimos, e ainda me não conhece bem, se quer oppor-se á minha vontade!

— Estou capaz de querer conhecel-a...

— Atreva-se! — replicou a joven, meio despeitada.

— N'esse tom é impossivel. Que a tia Domingas resolva como entender.

— Queres que vá? — perguntou a tia a medo.

— Arranje as suas cousas! — lhe gritou Hortensia. — Eu sou quem manda, agora, e já resolvi que vae. Não vê que até lhe convem muito a elle?! Quem o ha de tratar, se adoecer? Quem ha de acarinhar os pobres doentes, que o forem consultar? As creadas mercenarias?! É preciso que eu esteja aqui a explicar-lhes que fazem muita conta um ao outro?!...

— Mas, filha da minha alma — exclamou a hespanhola enternecida — que bem que tu fazes tudo! Vou: não te zangues, Dioguito. Se não tinhas conveniencia em que eu fosse, não trouxesses cá esta pequena feiticeira... que me... que... que eu amo tanto, pae do céu!

E a boa mulher correu para a sala de jantar, com receio de que lhe vissem as lagrimas.

— Chore, querida tia Domingas! Chore á sua vontade. D'esses corações é que eu gósto! Papá, muito obrigada por me ter trazido! Veja o que eu vim achar tão longe! Era exactamente o que me faltava! uma amiga assim!... Agora, a Alhambra parecer-me-ha mais bella, e toda a Hespanha mais formosa!

O marquez abraçou-a e beijou-a com ternura.

— Esquece-te das minhas tolices, porque eu penso que estou curado.—Olhou para Diogo, que contemplava Hortensia com olhar indescriptivel, e disse-lhe: — Diogo Peres de Molina, promette-me que serás seu protector, se eu morrer primeiro do que tu.

— Já o affirmei uma vez — respondeu solemnemente o medico; — mas repito que sacrificarei tudo pela sua felicidade. Juro-o pela minha alma, em cuja immortalidade creio como em Deus que m'a deu!

XIII

Na Serra Morena

Á margem do mar Mediterraneo, em frente do cabo S. Martinho, começa uma cadeia de montanhas conhecida sob a designação de *systema marianico (Mariani Montes)*, que atravessando o SO. da Hespanha, vae mergulhar-se no Atlantico junto ao cabo de S. Vicente, no Algarve.

Esta enorme cordilheira, entre as intendencias de Jaen e da Mancha, n'uma parte da antiga Betica e do califado de Cordova, onde o seu aspecto é mais alpestre e bravio, toma o nome de Serra Morena. Para todos os lados correm ali grandes espinhaços, arterias entumecidas da terra, que parecem prestes a romper-se e a repuxar torrentes de granito nos profundos despenha-

deiros, que as cercam. As vertentes de Jaen lançam as suas aguas no Guadalquibir: o Guadiana recebe as que se precipitam em cascatas numerosas e espumantes do lado da Mancha. No seculo passado tentou-se povoar aquelles ermos, fundando n'elles aldeias e villas, com estrangeiros, pela maior parte allemães e suissos; e chamam-se ainda hoje colonias da Serra Morena as principaes povoações, que n'ella existem.

Desde remotas eras, aquelles logares já celebrados no *D. Quixote*, pelo famoso Miguel de Cervantes, teem sido mal assombrados e predilectos de salteadores; mas nem por isso os viajantes, amigos de paizagens pittorescas e grandiosas, deixam de atravessal-os em digressões de recreio. Os casos successivos de roubos e mortes não conseguem que alguem torça caminho, do mesmo modo que por morrer muita gente na guerra nunca faltam soldados para novas batalhas. Parece até que a má fama da Serra Morena só tem servido em todos os tempos para lhe attrahir maior numero de curiosos, dos que percorrem o mundo em busca de aventuras! Todavia, força é confessar que as lendas tragicas e romanescas, até na terra classica dos salteadores encartados, se vão apagando rapidamente. O progresso dá cabo de toda a poesia, com as suas estradas lar-

gas e direitas, e com os seus caminhos de ferro e telegraphos electricos, que são a ruina dos ladrões.

Os inglezes, que se incommodam a saír da sua ilha pacifica e nevoenta, para procurarem no continente alguma commoção, que lhes torne supportavel a vida, passam hoje inconsolaveis pela magnifica estrada real de Madrid para a Andaluzia, através da Serra Morena, sem encontrarem quem os roube! Debalde algum mais teimoso se apeia, nos sitios solitarios da montanha; manda a carruagem esperal-o para as colonias Carlota ou Carolina; embrenha-se nos maciços de verdura, onde se penitenciou o fidalgo da Mancha; mette-se pelas quebradas sombrias, por onde andaram Dorothéa, o barbeiro, e o cura; entra em todas as grutas, que habitára Cardénio; põe-se a contar em voz alta centos de libras, fazendo tinir o oiro sobre as pedras, e deixa-se adormecer de proposito em logar onde dê na vista... Esforços inuteis! Quando acorda, o cocheiro e o dono da hospedaria, que não querem perder o freguez, estão ao pé d'elle, armados de clavinas, para allegarem o serviço de lhe terem velado o somno, com intuitos de o defender dos bandidos ausentes!

— O senhor deixa-se adormecer d'esse modo nos descampados, com a bolsa cheia

de oiro ao lado! — diz um, dando-lhe as libras intactas.

— E com a carteira a rebentar de notas do banco de Hespanha! — acrescenta outro, restituindo-lh'a.

O inglez, furioso, mette o dinheiro na algibeira, e vae para os hoteis, onde o roubam polidamente, com grande indignação da parte d'elle, que preferia ter sido assaltado na montanha. Mas nada viu ali que o commovesse e enthusiasmasse. Nem trabucos, nem facas, nem pistolas! Se quer encontrar homens de caras patibulares, com rewolver no cinto e navalha de meio metro na mão, tem de ir procural-os ás ruas das cidades, no centro da civilisação!

Os conductores de carruagens, os postilhões, e os donos das hospedarias, desejosos de serem uteis e agradaveis aos inglezes, que vão de proposito á Hespanha procurar salteadores, já por vezes se teem associado com alguns amigos, representando scenas innocentes de assalto aos viajantes: roubam-n'os, repartem o dinheiro, e deixam-n'os amarrados no meio da serra, em noites tempestuosas de inverno. No dia seguinte não falta quem tenha a caridade de os ir soltar, e faz gosto, depois, vêr a satisfação com que, nos hoteis ou n'outras diligencias, referem o caso com to-

dos os pormenores, aos proprios que os assaltaram!

No tempo em que o marquez de Lacroix viajou por ali, com sua filha e o doutor Diogo Peres de Molina, as cousas nem sempre se passavam tão theatralmente como agora. Advirta-se, comtudo, que hoje mesmo acontece ainda n'aquelle e em outros pontos da patria do Cid ser-se acommettido e roubado por ladrões verdadeiros; mas já não se chamam salteadores, como d'antes. O progresso natural dos tempos faz com que agora se dê o nome de carlistas aos bandidos hespanhoes. São, talvez, abusos de linguagem.

Depois de ter percorrido quasi toda a Andaluzia, a marquezinha Hortensia de Lacroix, que não quizera ir embarcar a Cadiz para fazer a viagem por mar até Lisboa, tambem se recusou a voltar a Madrid. Assentou por isso o marquez em que se dirigissem a Cidade Real, onde tinham mandado esperar as bagagens, e de lá tomariam a estrada de Portugal por Badajoz.

Diogo observou que do logar onde estavam teriam de passar a Serra Morena pelos peiores caminhos, e que não respondia pela segurança dos viajantes. Lacroix tornou então a propor á filha que fossem embarcar em Carthagena, que ficava perto.

— Prefiro os salteadores — respondeu ella. — Tenho medo do mar.

— O Mediterraneo é um lago!

—Bem o vi, no dia em que fomos a Cadiz.

— Simples acaso — disse Diogo. — N'este tempo é raro que elle se embraveça.

— Quero antes os perigos de terra.

Não conseguindo que ella cedesse, pozeram-se a caminho, com manifesta má vontade do medico. Apesar de poderem ir de carruagem, Hortensia preferiu, pela originalidade do vehiculo, metter-se com a tia Domingas n'uma liteira, em fórma de caixa, pendente de duas mulas possantes. O marquez e Diogo, vestidos á hespanhola, cavalgavam um de cada lado, tambem em valentes muares; seguindo atraz uma creada da marquezinha, e dois creados, igualmente montados em animaes da mesma especie. Os homens íam todos armados de rewolveres; e os creados levavam, alem d'isso, cada um seu bacamarte, que diziam ter comprado por dedicação aos novos amos.

A ascensão fez-se sem accidente notavel até uma aldeola fronteira á colonia da Carolina, onde jantaram. Diogo foi de parecer que deviam ficar ali n'aquella noite; porém um dos creados, que se dizia natural de Ubeda e pratico das localidades, afiançou que tinham muito tempo de passar com sol

para alem da serra, e que achava isso preferivel a irem no dia seguinte de madrugada, hora propicia para malfeitores, que em geral madrugavam muito por aquelles sitios. Como a hospedaria em que estavam não era das mais convidativas, Hortensia e o pae concordaram em seguir as indicações do servo, contra a opinião do medico.

— Que necessidade tens de assustar minha filha e tua tia? — disse Lacroix em voz baixa a Diogo, quando se punham a cavallo.

— Por amor d'ellas é que me inquieto. Se seguissemos a estrada real, iria sem cuidados... Ha muito tempo que não se falla por aqui em assaltos aos viajantes, e isso faz-me receiar ainda mais do que se tivesse havido algum caso recente.

O creado, que lhe estava pegando no estribo, tirou o chapéu e objectou respeitosamente:

— O senhor doutor dá-me licença?... Temos tempo de ir ficar do outro lado da venda de Cardena, tomando por este atalho. Agora não acontecem d'esses casos, porque anda por ahi muita gente com os estudos do caminho de ferro...

— Os trabalhos estão ainda bem longe d'estes sitios! — replicou Diogo. — Mas succeda o que succeder, se não me matarem pelas costas, as damas passarão a salvo.

Entraram n'um atalho, que atravessava a

estrada real, denominada outr'ora *caminho do dinheiro*, em consequencia de ser por ali que passavam de Sevilha para Madrid as barras de oiro e prata vindas da America, guardadas dos ladrões unicamente pela bandeira de Castella, pendente dos pescoços das mulas. Bons tempos! Ao metterem-se no desvio os dois creados trocaram um olhar, que não escapou a Diogo. Quando a comitiva se approximava de uma garganta parallela ao passo de Despenha Perros, perdeu-se o caminho, e só perto do sol posto se tornou a entrar n'elle.

Diogo tinha dito em francêz a Lacroix, que seguisse sempre com a vista um dos creados, emquanto elle vigiava o outro.

— Porquê? — interrogou Alberto, espantado.

—Vi-os fazerem um ao outro signaes, que m'os tornam suspeitos. Lá fica um para traz! Anselmo?—gritou elle:—Anda para diante.

— Já vou, senhor doutor.

—Vem immediatamente.

Como o servo não obedecesse logo, voltou atraz e disse, fallando com os dois:

— Já nos perdemos uma vez, e não quero que isso nos torne a succeder, sobretudo agora que está o sol quasi a sumir-se. Passem ambos para a frente, que é o posto natural dos guias.

— Mas, senhor...

— Hesitam? — O medico tinha tirado o revolver do bolso e apontou-o a Anselmo. — Declaro que os farei arrepender, se me desobedecem n'este momento.

Os dois, como se estivessem combinados, partiram ambos a galope, e desappareceram n'uma quebrada, á esquerda do caminho.

— Segura a mula! — gritou Diogo á creada, que era levada pela sua cavalgadura atraz dos fugitivos. — Segura! Puxa-lhe as rédeas! Assim; víra! Anda para diante, depressa, e nem uma palavra! Passa para traz, marquez! Vamos tocar os bichos a valer, para começarmos a descida antes da noite. — Apenas Lacroix se collocou a par d'elle, acrescentou, em voz mais baixa, depois de ter ordenado á creada que seguisse a liteira: — Provavelmente vamos ser acommettidos: os guias fugiram...

— Ah!...

— Silencio!

— Cuidei que tinham ido fazer algum recado teu!

— Pois não viste que os quiz obrigar a vir para a frente?!

— É verdade, vi... mas não julgava que tivessem fugido! Ai, a minha querida filha!

— Cala-te! Ella escusa de saber...

— Vamos, que já não vejo a liteira.

— Pare, senhor marquez dom Alberto de Lacroix! — gritou uma voz.

— Faça alto, cavalheiro dom Diogo!

Os dois viajantes, ouvindo estas intimações inesperadas, estenderam as mãos em que empunhavam os rewolveres engatilhados. Em roda d'elles levantaram-se ao mesmo tempo vinte homens, que pareciam ter saído de alçapões mysteriosos, armados de bacamartes que lhes apontavam.

— Nada de sarrabulhada! — ordenou a mesma voz, que primeiro se ouvíra.—Tragam a marquezinha.

Diogo e Lacroix olharam para o lado d'onde ella partiu e viram sobre um cerro proximo Anselmo, seu ex-guia e creado, com o outro companheiro, que lhe trazia respeitosamente o bacamarte.

— Traidor! — exclamou Diogo, apontando-lhe o rewolver.

— Prudencia! cavalheiro!—gritou um dos bandidos, batendo-lhe no punho com o cano do bacamarte e fazendo-lhe caír a pistola.— O capitão já disse que não quer sarrabulho!

— Capitão!—disse Lacroix em francez.— O patife era capitão de ladrões!

— Foi-nos recommendado pelo estalajadeiro! — respondeu Diogo na mesma lingua.—Pobre Hortensia!—acrescentou mais baixo.

A liteira voltára para traz, cercada por outros seis ou oito homens. Domingas vociferava, descompondo-os em andaduz; Hortensia admirava em silencio as maneiras attenciosas dos assaltantes e sorria de vez em quando, com as phrases vehementes da sua companheira, que eram por vezes tão pittorescas como as caras dos salteadores. A creada chorava em altos gritos sobre a mula, que parecia aborrecer-se do berreiro, sacudindo frequentemente as orelhas.

— Cavalheiros e senhoras — disse Anselmo, approximando-se em ar de quem ía fazer um discurso politico: — tenho que lhes pedir perdão da maneira um tanto descortez com que os deixei por alguns minutos, e do modo por que tomo a liberdade de os convidar para passarem uma noite commigo...

— Se é dinheiro que quer — interrompeu o marquez — dar-lhe-hemos quanto trazemos e deixe-nos passar.

— Eu sei que estou tratando com cavalheiros — respondeu o outro, sem se perturbar; — mas é necessario prevenil-os de que eu não sou somenos.

—Tratante! —murmurou Alberto em francez.

—Não nos assanhemos — proseguiu o exguia; — e emquanto conversâmos, caminhe-

mos por outro carreiro, que vae ter aos nossos dominios. Ás vezes destacam-se da estrada por este atalho algumas companhias dos regimentos de cavallaria de Cordova, que se querem intrometter nos meus negocios. Evitemos os importunos. Ora, muito bem: o dinheiro que v. ex.as trazem comsigo, certo está e contei com elle desde que nos pozemos a caminho...

— Miseravel!

— Oh! senhor marquez!... Não me trate assim diante da minha gente, que não gosta que me desattendam. Estes cavalheiros são muito ciosos da honra e dignidade do seu chefe. E teem rasão: estimo-os muito; e encarrego-me de lhes procurar meios para elles poderem fazer boa figura na sociedade. Previno-o, pois, de que se arrisca a ser desacatado, se continuar a dirigir-me epithetos pouco amaveis; alem d'isso, por cada injuria, terá de me pagar mais mil duros.

— Como se entende isso?

— Os tempos estão desgraçadissimos, senhores! Vê-se um homem de bem na triste necessidade de se fingir creado, ou guia de viajantes, para poder descobrir gente capaz de se resgatar. O nosso negocio póde considerar-se perdido na Hespanha! — continuou elle em tom lamentavel. — Estradas

limpas, caminhos de ferro... e já não passam pelas serras senão picaros pobretões! Acreditarão v. ex.as, que estivemos todo este inverno sem apparecer cousa que prestasse?! Fomos espoliados, roubados covardemente pela falta de freguezes ricos! Só isto explica a rasão por que um homem da minha qualidade se viu obrigado a offerecer-se para servir... Chegámos. Paco? Traze uma garrafa de Xerez para offerecer á senhorita. Põe a mesa com luxo; trata-se de obsequiar pessoas de respeito. Prepara um quarto para o senhor marquez de Lacroix; e... perdão; talvez o senhor dom Alberto prefira simplificar?

— Explique-se.

— Assentemos que tudo quanto trazem nos pertence: em valores, se entende. V. ex.as não estão em poder de quem não saiba respeitar as conveniencias. Aqui, todos somos cavalheiros. Só a plebe costuma apossar-se das roupas dos viajantes.

— Adiante! — gritou o marquez, impaciente.

— Bem; dinheiro e valores, de homens e senhoras, é claro; armas, não queremos. Podem ficar com as suas. Agora, quanto ao resgate, parece-me que não será muito exigir pela joven marquezinha vinte mil duros; dez mil por dom Diogo e dez mil por dom

Alberto? Dona Domingas... vá lá sem resgate, assim como a creada Juanita, que é bem galante! Quarenta mil duros; penso que é muito modesta a exigencia?...

— Pela minha parte — disse o medico — rejeito. Façam de mim o que quizerem; sou pobre e tudo quanto tenho anda commigo.

— Oh! dom Diogo... seja cavalheiro! O seu amigo é rico e abona-o.

— Nem elle tem tanto dinheiro, nem eu acceitava, porque nunca poderia pagar-lhe. Vejam, pois, se a minha pelle póde render-lhes alguma cousa.

— Dou vinte mil duros por todos nós — respondeu o marquez. — É quanto tenho em letras...

— Letras?! Que offensa que nos faz, dom Alberto! Não costumâmos negociar em papeis. Emfim, para acabar com a questão, lá vae a minha ultima palavra. O senhor marquez fica em refens, e dom Diogo parte com as damas todas tres e vae buscar trinta mil duros (vinte e oito contos, approximadamente). Dou a minha palavra de cavalheiro, que recebida essa quantia, dom Alberto será livre. Mas se dentro em vinte dias não vier alguem com o dinheiro, mando-o fuzilar.

— Acceito. — disse Lacroix.

— Papá! — exclamou Hortensia afflicta. — Eu fico tambem.

— Obrigado, minha filha. Por te ouvir essas palavras teria vindo voluntariamente procurar esta situação.

— Similhante contrato é impossivel...— observou Diogo.

— Entrego-me á tua lealdade — lhe respondeu o marquez.—Vae a Lisboa... Tem ahi um tinteiro?...

— Paco?! Penna, papel e tinteiro. Não tragas o de chifre, que é para um fidalgo e estão aqui damas.

O marquez escreveu uma carta ao ministro de França em Portugal; deu instrucções e letras a Diogo, que insistia em não querer partir; e, depois de abraçar a filha, que chorava sem cessar, entrou na caverna dos salteadores. Diogo, Hortensia, Domingas e Juanita foram em seguida levados novamente ao bom caminho, e acompanhados por um dos salteadores até á estrada real.

XIV

Prova infallivel

Os cavalheiros da Serra Morena eram realmente pessoas muito amaveis e distinctas, como elles a si proprios se qualificavam. Nunca se viu ninguem apropriar-se do alheio com mais delicadeza e affabilidade! A marquezinha, a tia Domingas e a creada, em attenção a serem damas, apenas foram despojadas dos anneis, brincos, broches, relogios e cadeias; mas ninguem lhes metteu as mãos nas algibeiras; contentaram-se com pedir-lhes que tirassem estas para fóra, voltando-as do avesso. A creada quiz deixar-lhes tambem um annel de cobre dourado, que levava no dedo; porém elles, depois de o haverem examinado, tiveram a galanteria de

não lh'o acceitarem. Não se podia ser mais attencioso!

Logo que o marquez entrou no subterraneo, perguntou-lhe Anselmo cortezmente que horas eram. Alberto tirou o relogio.

— Seis e trinta e cinco.

— Lindo relogio! Dá licença?

Desprendeu-lhe a cadeia com todo o cuidado, admirou o trabalho d'ella como entendedor, abriu as caixas para ver a fabrica e o nome do auctor, e por fim metteu-o no bolso.

— Eu me encarrego de lhe dar corda d'aqui por diante. Ah! perdão; não tinha reparado bem n'esse alfinete de peito! É de um bello feitio! E a pedra parece-me de muito boa agua! Tambem lhe tomo conta d'elle para que não o perca. Tem a bondade de me deixar ver os seus bolsos todos... Receio que lhe esqueça alguma cousa digna de se ver! Eu sou grande apaixonado por estas bugiarias! É uma fraqueza, bem sei; mas não lhe posso resistir... Bom; cá temos tudo. Paco?

— Senhor?

— O quarto do senhor marquez está prompto?

— Prompto, cavalheiro.

— Faze favor de o tratares como se fôra eu proprio. Todas as attenções e regalos

compativeis com a nossa situação economica. Advirto-te que o ar livre lhe faz mal, e que se o deixas expor-se a constipar-se, mando-te furar a pelle. Um copo de Xerez a dom Alberto... e outro para mim. Marquez, coma um biscoito emquanto não vem a ceia.

Lacroix resignára-se com paciencia á sua situação. Desde que se viu á mercê dos salteadores, e que elles lhe deixavam ir a filha livre, acceitou tudo. É certo que Hortensia estava em poder do medico e que este podia ser a sua victima de outr'ora; mas occorria-lhe logo tambem o procedimento de Diogo, a repugnancia que mostrára de trazer a marquezinha por aquelles infames caminhos, a intenção que manifestou de querer resistir aos ladrões, e por fim a recusa de acceitar as propostas d'elles e de deixar o seu amigo em refens. Tudo isto junto dava-lhe a quasi certeza de que Diogo Peres não era Romualdo Goataçára.

—A prova final e evidentissima é esta—continuava elle comsigo:—Se for o indio, não torna aqui. Está senhor de minha filha, e sabe que serei assassinado ao fim de vinte dias, se elle não vier trazer o preço do meu resgate. Ah! mas se fosse?! Minha pobre Hortensia! E eu?!... fuzilado por ladrões! Seria horrivel! Maldita hora em que vim por esta infernal montanha! Aonde irão

elles agora? Provavelmente, na descida... Tanto tempo ainda para voltar!... Se voltar! Oh!...

—Dom Alberto, queira ter a bondade de vir ceiar. Nós comemos cedo, por causa dos inconvenientes que traz comsigo o uso da luz, n'estes sitios. Não é porque receiemos pegar fogo na habitação, que é de pedra, como vê; mas não gostâmos de dar nas vistas. Somos pessoas modestas; e deitâmo-nos com as gallinhas, quando não temos que fazer. Venha d'ahi.

—Não quero comer.

—Mau! Sem isso não se vive vinte dias. Podiam suscitar-se contestações desagradaveis, se o achassem morto, quando viessem trazer o resgate.

—Vindo o dinheiro, que importa o mais?!

—Dom Alberto, o senhor offende-nos! Vejo que ainda não sabe com quem está tratando! Nós todos somos homens de palavra honrada, e cumprimos o que promettemos e justâmos. Se Deus e sua mãe Maria Santissima — aqui todos os ladrões se descobriram, e os que estavam sentados levantaram-se — se Deus e a Santissima Virgem não ordenarem o contrario, havemos de entregal-o vivo.

—Não quero comer.

—N'esse caso terá de ser alimentado pelo

inverso; tomará caldos gordos pelo systema ascendente. Paco?! Prepara a sy...

—Vamos á ceia.

—Isso é de homem de juizo!

A residencia d'aquelles varões distinctos era n'uma vasta gruta, dividida em muitos compartimentos similhantes aos das galerias das minas. A luz entrava pelos intersticios das rochas e por pequenos buracos, que mal se viam por fóra. A entrada tapava-se com uma grande lage, que se movia interiormente, por meio de argolas de ferro, e se prendia com grossas correntes do mesmo metal, chumbadas na muralha. Vista exteriormente, a rocha em que ella fôra praticada, tinha o aspecto candido e ingenuo dos outros penedos seus vizinhos; vestia-se como elles de pequenos fetos, urzes, murtinhos, morganiças e musgo de varias qualidades; tinha o ar alegre e insinuante dos falsos amigos, que attrahem com sorrisos perfidos, e nos fazem depois amargar a circumstancia de não sermos velhacos como elles. Ninguem diria que no bôjo d'aquelle pittoresco e ridente rochedo se acoutava um bando de facinoras!

A galeria mais ampla, que ficava ao centro do subterraneo, servia para as reuniões de toda a especie: sala de conselho, de jantar, de conversação, de jogo e de especta-

culo, quando alguns dos bandidos se lembravam de divertir os outros, cantando simples canções ao som da guitarra, ou representando zarzuelas andaluzas. Uma grande mesa de pau preto occupava o centro; em torno d'ella, numerosos bancos de todos os feitios, uns de pau outros de pedra, serviam para assento dos convivas. O chefe tinha uma cadeira de espaldar alto, forrada de couro de Moskovia, com pregaria amarella. Dizia Anselmo que descendia em linha collateral do rei Filippe II, mas que só conservava dos seus antepassados uma feição aristocratica: sentado em banco ou cadeira que não désse indicio de superioridade, não lhe passava o comer da garganta.

Por um rasgo de abnegação, sem exemplo, nos annaes da sociedade, o chefe cedeu graciosamente a cadeira de espaldar ao marquez de Lacroix. Era a maior prova de consideração que tinha dado em sua vida a um viajante, e por isso todos os seus companheiros tiraram os chapéus, quando o hospede chegou á mesa, e esperaram que elle se sentasse primeiro, antes de tomarem logar.

A ceia compunha-se de carnes frias, fructos seccos e vinhos de diversas qualidades.

—Não podemos tratal-o como convem ao fidalgo, e exigia o nosso brio de cavalhei-

ros, senhor marquez. — disse Anselmo. — Já tive a honra de dizer a v. ex.ª que o inverno foi mau, e na Serra Morena temos de contentar-nos com pouco. Todavia, não nos faltando carne, pão e vinho generoso, espero que o senhor marquez se resigne.

Lacroix fingia não reparar nas attenções com que o tratavam. Depois de uma ligeira refeição, levantou-se da mesa.

— Paco? Alumia s. ex.ª, e fecha-lhe a porta do quarto, por causa do vento da noite, que é sempre frio nas montanhas.

Paco tirou uma pedra, que tapava um buraco maior do que os outros, e, á claridade que por ali entrou, foi guiando o marquez até ao fundo da caverna, e ali o encaixou n'uma gruta, com porta de madeira chapeada de ferro. O chão d'essa especie de quarto estava forrado de hervas seccas e cheirosas; sobre ellas tinha-se estendido uma ou duas mantas, e posto, como travesseiro, a mais pequena das malas do marquez, que encerrava a sua roupa branca.

— Embrulhe-se no capote, se tiver necessidade. — aconselhou o bandido, saíndo e fechando a porta.

A primeira semana levou-a Alberto com paciencia, apesar da vida monotona a que o tinham condemnado. Passava o dia todo no subterraneo, porém á noite permittiam-

lhe que saísse, para tomar ar, e dava um passeio de duas horas á roda do cabeço, em que era situada a entrada da caverna. Dois salteadores acompanhavam-n'o sempre armados de trabucos, e tinham ordem de o matar, se tentasse evadir-se. Passados oito dias, o marquez principiou a impacientar-se. Por mais que lhe dissessem, que Diogo não poderia regressar sem que decorressem outros tantos, parecia-lhe que não o tornaria a ver; persuadia-se novamente de que elle era o indio, e horrorisava-se pensando no destino que aguardava Hortensia.

— Não volta! — suspirava, fallando comsigo. — Está senhor de minha filha, e conta com o fim que me espera... Ah! quem sabe se tudo isto não foi combinado entre elle e os ladrões?! Como eu me deixei illudir miseravelmente em Molina! Tem sido tudo comedia, farça risivel!...

Do nono dia em diante fingia comer, para livrar-se das ridiculas e grosseiras ameaças, que já uma vez lhe tinham sido feitas. Perdêra o appetite e a esperança, e começou a definhar. Os salteadores esforçavam-se em vão para distrahil-o; representaram-lhe burlescamente o *Tio Caniyitas*, opera comica de Mariano Fuertes, que estava ainda muito em voga e fazia andar aos tombos com riso os proprios que a representavam, so-

bretudo os que faziam papeis de mulher; cantavam-lhe romances, soberbos de graça picaresca, de que as seguintes quadras, que traduzo, não são sequer pallida cópia:

> Minha esposa e meu cavallo
> Morreram ambos de calma.
> A mulher, que a leve o démo...
> Ai, cavallo da minh'alma!
> ....
> Mais de quarenta moedas
> O cavallo me custou!
> E a mulher sómente as rezas
> Do padre que nos casou.

Lacroix olhava estupidamente para aquelles salteadores-artistas, sem saber o que estavam fazendo, e por vezes julgava que se ensaiavam para o fuzilar. Quando se completaram os quinze dias tinha febre ardente, e Anselmo chegou a receiar que elle morresse.

— Alegre-se, dom Alberto! — lhe gritou o chefe dos bandidos á hora do almoço. — De hoje em diante esperâmos o seu amigo a todos os momentos.

— Não volta. — murmurou o marquez.

— Oh!... dom Diogo é cavalheiro.

— Julga isso?

— Só se fosse picaro é que se lembraria de faltar indignamente aos seus deveres. Bem vê que alem de contribuir para que as nossas

balas estragassem a pelle de v. ex.ª nos roubava tambem a nós, pobres ladrões, que jogâmos na peior das loterias, e raro tirâmos uma boa sorte a limpo.

— Não vem.

— Homem! Se acredita isso... se realmente caímos nas mãos de um pantomineiro velhaco, escusâmos de esperar mais tempo...

— Anselmo?

— Senhor marquez?

— Vossê quer cincoenta mil duros, em vez dos trinta mil, que elle foi buscar?

— Essa pergunta escandalisa-me! Sinto-me capaz de querer até cem mil, se n'isso lhe dou gosto. Onde estão elles?

— Em París.

— É bem longe!

— Venha commigo.

— Oh!

— Dou-lhe a minha palavra de honra, que lhe entregarei o dinheiro, sem commetter a vilania de o denunciar.

— Olhe, dom Alberto: nós somos artistas modestos, sem luxo, como vê; contentâmo-nos em ganhar no verão para comer de inverno, exactamente como as formigas.

— Duvída de mim?

— Deus me livre de lhe fazer similhante insulto! Mas, assim como lá nas cidades se

fazem juramentos de fidelidade a reis e patrias, nós jurâmos aqui ser sempre prudentes e não nos fiarmos nem mesmo em promessas de soberanos, que, em regra, são os que faltam com mais sem ceremonia. O nosso costume é negociar nas montanhas. Apanhâmos dois ou tres viajantes, engaiolâmos um, e os outros vão buscar com que o resgatar; se não voltam, paga elle a picardia da familia ou dos amigos.

Fechou-se a discussão.

Os dias succederam-se, até ao vigesimo, e Diogo não appareceu!

—Senhor marquez—disse Paco ao fidalgo, na manhã d'esse dia: — o capitão está como um perro! Pertenciam-lhe quinze mil duros do seu resgate (a outra metade era para nós); e tinha-os promettido á chica da venda de Cardena, que dizem ser sua filha. O senhor marquez conhece a chica? Ai, virgem Maria! que pedaço de céu! Quando a vejo, penso que estou a comer gloria! Mas é peccado olhar para ella muito tempo! O patrão Anselmo não quer brincadeiras com essas cousas...

—Vinte dias!—exclamou o marquez, como se estivesse só e não tivesse ouvido o outro.—Era elle! Era elle!

Paco sentiu-se escandalisado com tamanha falta de attenção.

— Ora eis ahi — disse elle indignado — como se agradecem hoje as provas de sympathia! Pois, meu fidalgo, saberá que o capitão estava resolvido a dar-lhe cabo do canastro, logo pela manhã. V. ex.ª conseguiu fazel-o acreditar que dom Diogo não voltava...

— Nunca mais! nunca mais!

— Por isso elle se tinha decidido; e se eu não lhe fizesse sentir, que seria injustiça não esperar até sol posto, porque só a essa hora se póde considerar acabado o vigesimo dia, estava v. ex.ª servido a estas horas!

— Desgraçado! Imaginas que me fizeste algum favor?!

Paco recuou assombrado.

— Não fiz?!

E o excellente guarda ficou de bôca aberta, olhando para Lacroix.

Paco era um rapaz de vinte annos, baixo, de pernas e braços muito arqueados; rosto imberbe e de um branco deslavado; olhos azues, grandes e pasmados; cabello ruivo, aspero e levantado; cabeça grande, larga na fronte e aguçando para o toutiço, como as cabeças dos pregos; trazia sempre os braços muito afastados do corpo, as mãos abertas, e, andando, curvava-se para diante, como quem se põe em attitude de saltar. Os companheiros consideravam-n'o meio idiota, po-

rém, apesar d'isso, incapaz de uma traição. Anselmo, que o tinha creado quasi de pequeno, apreciava-o melhor; sabia que não tinha na quadrilha ninguem tão dedicado, que não havia mais seguro guarda para um prisioneiro, e vigia que desenvolvesse maior perspicacia. Paco era pouco amigo de andar a cavallo, e por isso ficava sempre na caverna, preparando a comida, emquanto os outros íam ás expedições; accumulava tambem as honras de creado de quarto, quando os salteadores tinham em seu poder qualquer pessoa distincta, isto é, digna de resgate.

— Senhor marquez — tornou elle, rompendo o silencio, que lhe impuzera o pasmo: — v. ex.ª queixa-se devéras por eu ter alcançado que o capitão lhe prolongasse a vida até sol posto?!

— Foi prolongar-me o tormento, visto que vivo sem esperança.

— Homem... quem sabe?! Em todo o caso, parecia-me que o pequeno serviço, que lhe prestei, mereceria recompensa da parte de quem tivesse mais sangue frio.

— Tiraram-me tudo...

— Tudo?! Perdão; e esse capote magnifico?...

— Pega lá.

— Oh!... fidalgo! Eis um acto que nos reconcilia... e que talvez lhe aproveite! —

E Paco embrulhou-se no capote que lhe atirou Lacroix. — Está-me grandito, mas corta-se. Bom panno! Ha muito tempo que eu precisava d'isto, por causa das noites!... Tambem estou bastante necessitado de roupa branca, mas não quero abusar...

— Ahi tens a minha toda.

— Toda! Marquez?... Senhor marquez... É o cavalheiro mais distincto, que tenho encontrado na minha vida!... Palavra de honra! E posso jurar-lhe, que, depois do capitão, ainda não quiz tanto bem a pessoa nenhuma, fóra da minha familia! Que bellas camisas! Seroulas de linho bordadas! Toma! E meias?! É preciso fazer alguma cousa por um homem d'estes... Estou vestido para muitos annos! E verá que não lhe fico a dever nada. Digo-lhe isto, como homem de bem; sou discipulo do nosso capitão, e v. ex.ª talvez jogasse bom jogo com Paco. Diga-me cá, francamente: se não vier o dinheiro, prefere que lhe empreste a minha sevilhana, para rasgar a si mesmo a barriga, em vez de ser fuzilado? Posso obter-lhe este favor do capitão, que me estima devéras... Em todo o caso, prometta-me não dar cabo de si emquanto se não sumir o sol. Peço-lhe isto. Não podendo eu apparecer antes d'essa hora, adeus até á outra vida, se Deus e

sua mãe Maria Santissima permittirem que lá nos encontremos.

Dizendo isto, sobraçou as duas malinhas, que lhe dera o marquez, e partiu, magestosamente embuçado no capote.

— Que é isso, Paco? — perguntou Anselmo, que estava na casa de jantar.

— Presentes do prisioneiro.

— Cachorro! — gritaram os companheiros. — Para apanhar pechinchas não é elle idiota!

— Tomem conta do fidalgo, que eu vou vigiar as sentinellas e não volto antes da tarde.

— E o jantar?

— Arranjem-se como podérem.

E saíu a correr.

— Tenho-o estragado com mimos! — rosnou o capitão, sorrindo. — O tratante vae pôr o bolo em casa!

O marquez, depois que Paco saíra, caíu em tal estado de prostração e desalento, que nem sequer dava accôrdo de si quando o chamaram para jantar.

— Deixem-n'o. — gritou o chefe. — Morre de medo e poupa-lhes o trabalho de o fuzilarem.

Alberto, ouvindo a accusação de covarde, levantou-se, foi para a mesa, comeu em silencio, e esperou resignado a sua sorte.

Ás cinco horas, os ladrões saíram com elle do subterraneo e encaminharam-se para uma especie de terreiro, fechado por altas muralhas de granito. Nos cimos de todos os cabeços da serra estavam, como de costume, sentinellas, que se advertiam umas ás outras por meios intelligiveis só para salteadores.

— Interroguem as vigias. — ordenou Anselmo, no momento em que o sol ía esconder-se.

Fizeram-se mysteriosos signaes, que foram correspondidos de diversos pontos.

— Então? — perguntou o chefe.

— Nada.

— Vendem os olhos ao prisioneiro.

— É inutil. — observou o marquez. — Fui covarde algumas vezes, porque era moço e tinha amor á vida; hoje, que perdi a esperança de salvar-me e de rehaver minha filha, posso affrontar com o rosto descoberto as balas dos miseraveis, que me assassinam.

— Dom Alberto! Não nos insulte. Foi o seu amigo quem faltou indignamente ao contrato, que fizemos. Nós cumprimos o que promettemos, porque somos gente honrada...

— Assassinem-me quando quizerem, que nada mais direi.

— N'esse caso...

— Suspendam! — bradou uma voz ao longe.

Todos se voltaram.

— Suspendam! — repetiu-se mais proximo.

— Não se vê ninguem! — disse um dos ladrões.

— Parece a falla do nosso guarda.— notou o chefe.

— Ah! — clamou Paco, apparecendo no alto dos rochedos e deixando-se caír de cansaço á borda do precipicio — chego a tempo... Está pago o capote... e a roupa branca! Ahi vem o resgate do fidalgo!

Um assobio prolongado, repetindo-se de echo em echo, atravessou a Serra Morena e veiu morrer no logar onde estavam os salteadores e o marquez.

É verdade. — confirmou o chefe.— Tenho a honra de o comprimentar, senhor dom Alberto; o seu amigo é um cavalheiro, como eu sempre julguei. Nem era de esperar outra cousa de tão illustre medico, filho da bella Hespanha! Oh! minha nobre terra, patria de homens grandes e amantes da gloria, como nós, eu te saúdo! Meus amigos, comprimentae o senhor marquez de Lacroix.

Todos os salteadores tiraram garbosamente os chapéus e passaram diante de Alberto, cortejando-o com ar digno e cavalleiroso.

O marquez ouvíra impassivel as primeiras palavras de Paco; duvidava de tão inesperada ventura, pela convicção profunda em que estava de que Diogo não voltaria. Quando, porém, Anselmo o certificou do contrario, em virtude do signal feito pelos seus vigias, sentiu-se desfallecer e teve que sentar-se para não cair.

— Resgatado! Livre! E é o supposto indio quem manda o dinheiro?! Quem, talvez, pessoalmente vem trazel-o?! Será possivel?! — pensava Alberto. — Oh! se isto fosse uma illusão, um escarneo, uma farça preparada por estes miseraveis!...

— Corri quasi até rebentar, senhor marquez! — disse Paco, descendo do rochedo. — Quiz trazer-lhe a noticia, antes que a dessem as sentinellas.

— Se é verdade que me veem resgatar... — respondeu Lacroix.

— Se é verdade?! Virgem de Guadalupe! Julga que os olhos de Paco se enganam?!

— Pois bem: — tornou o marquez — aqui tens a minha residencia. Se alguma vez fores preso, escreve-me para França; juro-te que não morrerás no patibulo. Se quizeres mudar de vida, vae a París procurar-me.

— Preferia outra cousa... — murmurou o rapaz, recebendo o bilhete. — Duvido que isto me possa servir; mas como sei que o

senhor marquez não tem cá mais nada, guardo-o sempre.

— Diogo! — exclamou Alberto, lançando-se-lhe nos braços, ao tempo em que elle se apeava — Oh! meu salvador! Meu verdadeiro amigo! Tão calumniado por mim, e generoso até ao ponto de voltares aqui outra vez! Deus te pague!...

— Uma carta da marquezinha. E ali estão os trinta mil duros. Quando podemos partir?

— Quando v. ex.as quizerem.

— Já, se o marquez concorda?

— Sem descansar?

— Eu não canso nunca. Andei de dia e de noite... E confesso que vinha aterrado, com a idéa de chegar tarde.

— Podia ter acontecido... Mas nós somos todos pessoas de probidade e prudencia. — observou o chefe dos ladrões, que estava conferindo o dinheiro.

— A ausencia do ministro de França e a recusa do banqueiro em acceitar as letras, motivaram a minha demora.

— Ah! E como obtiveste?!...

— Por empenhos do embaixador de Hespanha, que ficou por meu fiador.

— Diogo! Meu Diogo!... — Lacroix sentiu-se tão enternecido, que escondeu o rosto no seio do medico.

— Podemos partir?

— Certamente.—respondeu Anselmo, que tinha concluido a contagem. — Não querendo honrar-nos ainda esta noite com a sua amavel companhia...

— Partamos.

— Peço-lhes — supplicou o chefe com modestia — que se dignem testemunhar por toda a parte o cavalheirismo e bizarria com que tratâmos os hospedes, para que não nos afugentem os raros viajantes, que ainda veem por estes sitios. É favor que nos fazem, e homenagem que prestam á verdade.

— Fique descansado. Adeus, Paco.

— Não se esqueça de mim, fidalgo!

— Conta commigo sempre. Adeus!

— Boas noites.

XV

É elle!

A marquezinha, seu pae, Diogo Peres e a tia Domingas passaram todo o verão em Portugal. Residiram em Cintra, estiveram no Bussaco, percorreram o Minho, e acabaram tomando banhos do mar na Povoa de Varzim. O marquez teve trinta vezes occasião de examinar Diogo, e não viu no corpo d'este nenhum vestigio da cicatriz, que parecia procurar-lhe pelas immediações da garganta.

No dia em que tencionavam saír da Povoa fazia muito frio; apesar d'isso, Lacroix quiz ir tomar banho. O mar estava embravecido e os banheiros disseram, que seria imprudencia expor-se a elle.

— Eu sei nadar soffrivelmente.—respondeu o marquez.

— Na costa de Portugal não se brinca! — observou Diogo. — Meu pae esteve por duas vezes em risco de morrer afogado no Porto, e tambem era bom nadador.

— Sempre lá vou.

— Essa teima denota pouco amor á vida — tornou o doutor, quando Alberto saíu da barraca, já em trajo de banho. — Se tua filha estivesse aqui, devia ficar-te grata.

— Hortensia?!...

O marquez hesitou; chegou ainda a voltar para traz, mas envergonhou-se de mostrar receio, e disse a Diogo, tornando a descer a praia:

— Peço-te que não lhe digas nada.

O medico encolheu os hombros, e encaminhando-se para o sul, subiu o paredão e foi passeando por elle até ao fim, onde as vagas se quebravam furiosas de encontro á muralha. O vento soprava rijo do nordeste, e a corrente da vasante, impellida por elle, precipitava-se espumando no rumo de sudoeste. Não se avistava nenhuma véla no mar; nem sequer os mais ambiciosos e audazes pescadores ousaram saír com aquelle vento, que os impediria, na volta, de ganharem a terra.

De repente um grito immenso resoou por

cima da ventanía, do ruído da rebentação do mar, dos guinchos das gaivotas, e das vozes das pessoas que estavam nas praias. Diogo voltou-se e viu a multidão de banheiros, pescadores e curiosos, correr toda para um lado, ao norte do paredão, e arremessar ás ondas tábuas, boias de cortiça, remos, barris, tudo emfim, que achavam á mão. O unico banhista, que se arriscára a tomar banho, acabava de ser levado pela resaca, e via-se, já muito ao largo, lutando inutilmente com a força da vasante, que o arrastava com rapidez na direcção do baixo formado pela ponta de terra, onde está assente o castello de Nossa Senhora da Guia, na foz do rio Ave. Diogo Peres estava só na extremidade do paredão; reconhecendo que o marquez combatia em vão contra inevitavel morte, saíram-lhe dos olhos clarões sinistros e terriveis.

—Oh, não! é preciso que o destino seja impotente contra os castigos impostos pela Providencia! — E voltando-se para as praias, onde se apinhava o povo, gritou com toda a força dos pulmões: — Cinco contos de réis, a quem lhe salvar a vida! Cinco contos de réis! Cinco contos de réis! pela vida d'aquelle homem!

O marquez, apesar de ir já a grande distancia, ouviu estas palavras de esperança,

que o vento levára na sua direcção, e pareceu reanimar-se com ellas, acenando a Diogo, e gritando-lhe que offerecesse mais; porém este não o ouviu. Alguns homens destemidos, estimulados sem duvida pela offerta de tão grande quantia, que representava para elles a riqueza independente de novos perigos, correram para os seus barcos, e fizeram-n'os voar pelo areial até á beira do mar; porém as mulheres e filhos acudiram, protestando em altos gritos contra a tentativa, que só daria em resultado viuvas e orphãos, e os pescadores hesitaram.

— O que não fez o coração — observou um velho maritimo, conchegando o gabão ao peito—não ha dinheiro que obrigue a fazel-o.

— Tem rasão. — respondeu outro. — Se tivesse sido possivel salvar o homem, a gente da Povoa não costuma vender o amor do proximo.

Todos os barcos começaram a volver lentamente para os seus logares, arrastados pelas companhas desanimadas.

Vendo isto, Diogo despiu rapidamente os dois casacos que trazia vestidos, o colete e as calças; arremessou o chapéu fóra, tirou as botas e as meias, e desceu ligeiramente pelas pontas salientes das pedras do paredão. O povo correu todo atraz d'elle, gritando-lhe differentes pessoas:

— Não se arrisque!
— Olhe que vae matar-se!
— A agua puxa muito para o sudoeste!
— Não ha nadador capaz de...
— Atirou-se!
— Atirou?!
— É um homem morto!
— Jesus! Misericordia! Não bastava o outro!
— Nossa Senhora da Lapa seja com elles!

Tinham chegado todos ao fim do paredão, onde estava espalhado o fato de Diogo; a bolsa, cheia de oiro, caída para um lado; o relogio e a corrente, para outro; mas ninguem viu nada d'isso. O que prendeu as attenções de todos foi o espectaculo que offereciam os dois homens lutando com as ondas, cada um de seu modo. O marquez ía já tão longe, que apenas se lhe distinguia a cabeça, quando ellas o levantavam; conhecia-se que estava prestes a succumbir, limitando os seus esforços a suster-se sem ir para o fundo. Diogo, pelo contrario, parecia ter entrado no seu elemento; nadava em linha recta para Lacroix, sem se importar do rumo que seguiam as vagas, os ventos, ou as correntes! Similhante á setta partida do arco, parecia ir cortando o ar e não o oceano. Por maiores que fossem as serras de

agua, que o apanhavam de soslaio, por mais que o puxasse a vasante, dir-se-ía que, levado por mysterioso impulso, não havia forças capazes de o desviar do seu caminho! O povo, sempre disposto para o maravilhoso, sentia-se propenso a gritar: — milagre! — se o medico salvasse o marquez; as pessoas illustradas estavam profundamente commovidas e algumas murmuravam:

— Admiravel nadador!

— Abnegação sublime!

— O que vale é haver ainda d'estes exemplos, para honra e gloria da humanidade!

— Deus seja com elles!

— Amen! — respondeu a multidão em côro.

— Animo! — bradou Diogo Peres, já perto de Lacroix, e reconhecendo que este, exhaurido de forças, ía afundar-se. — Animo, que eu salvo-te!

O marquez, ouvindo aquella voz, que tantas vezes lhe fizera vibrar as cordas da alma, ergueu a cabeça com supremo esforço e viu o outro, que parecia resvalar para elle, descendo a corcóva de uma vaga immensa:

— Ah! é o nadador do Cayari! — e perdeu os sentidos.

O medico empolgou-o com mão de ferro pela gola da camisa de baeta, levantou-lhe a cabeça fóra de agua, e virando-se para a

terra começou a nadar com elle, direito á ponta do sul da bacia da Povoa. O vento levou-lhe n'esse instante aos ouvidos o clamor da multidão, que saudava com enthusiasmo a sua aventurosa generosidade. Todas as pessoas que estavam nas praias correram para aquelle lado, fazendo o povo fervorosas preces, em voz alta, para que Deus coroasse os esforços do nadador audacioso.

Diogo approximava-se velozmente da costa, nadando com uma só mão e segurando Alberto com a outra. Parecia que o marquez, em logar de embaraçar-lhe os movimentos, lhe servia para equilibrar-se melhor e ostentar mais graciosamente a sua pericia e agilidade.

— É o medico hespanhol? — perguntou um inglez, que acabava de chegar á praia. — Já me não admiro que se sorrisse, quando o desafiei na semana passada para irmos nadando até á barra de Villa do Conde.

— Olhem que façanha seria isso para elle! —respondeu um lanzudo visconde minhoto, muito vaidoso da sua nobreza, construida, segundo diziam, com borracha. — Elle era capaz de ir até Lisboa.

— Desconfio que o homem tem os ossos de cortiça. — notou o genro de um conde, rapaz que se julgava muito atilado, apesar de

todos o terem por asno pretencioso, áquem e alem do Atlantico.

— Será elle golphinho? — tornou o primeiro, que se parecia muito com o citado peixe.

O inglez, que amava sinceramente a natação, e de momento a momento sentia crescer o seu enthusiasmo por Diogo, que estava cada vez mais perto, mediu com olhar fulminante o aprendiz de gracejador, e disse para o lado:

— Eu antes queria estar agora no logar d'aquelle medico, e ter podido praticar tão nobre e generosa acção, do que ser duque e par de Inglaterra, onde os titulos não se dão aos tolos.

As pessoas que o ouviram, voltaram-se para o fidalgo improvisado e desataram a rir. Este puxou por um enorme lenço de seda, assoou-se ruidosamente, e disse ao genro do conde:

— Sabe vossê que já hoje me apanharam cincoenta mil réis para não sei que subscripção?! Isto é sem parar! E eu tenho o maldito costume de dar sempre...

— Quando lhe pedem em publico — notou, como se não se importasse de ser ouvido pelo outro, certo poeta que ali estava. — Mas se alguem lhe pede particularmente qualquer ninharia, é tão grosseiro que nem

sequer responde ás cartas. A má creação é o signal por que os falsos nobres se differençam dos verdadeiros. O homem distincto é sempre amavel e attencioso; mas os titulos não dão educação; apenas servem para tornar mais salientes os brutos.

— Basta! — ordenou o inglez. — Prestem attenção ao nadador que chega.

Todas as vistas se concentraram em Diogo, que entrava sobre o rolo de uma vaga enorme.

— Louvado seja Deus! — gritou o povo, erguendo as mãos.

— Bravo! bravo! — clamaram varias vozes.

— Hourrah! — bradou o inglez, atirando-se ao encontro do medico e abraçando-o, sem reparar que se molhava.

— Hourrah! hourrah! hourrah! — exclamaram com admiração todos os que sabiam o valor da palavra ingleza.

— Aguardente! — gritou Diogo. — Por favor, depressa!

— Está morto?! — interrogaram muitas pessoas, vendo o marquez livido e inerte nos braços do seu salvador.

— Não; mas é urgente reanimal-o.

— Genebra...

— Canna branca...

— França...

— Cognac...
— Jamaica...
— Rosa solis...
— Anizete...
— Herva doce...

Ao mesmo tempo estenderam-se vinte mãos, offerecendo frascos de diversos tamanhos e feitios. Diogo pegou ao acaso no primeiro, e derramou algumas gotas de liquido na bôca do marquez, que lhe ajudaram a abrir. Lacroix fez um movimento.

— Vive! — gritou a multidão.

— Bebe! — lhe disse o medico. — Bebe mais!

O marquez bebeu alguns goles e abriu os olhos, que tornou logo a fechar. Diogo Peres levou por sua vez o frasco á bôca, e depois de tomar uma porção de aguardente tornou a dizer a Lacroix:

— Vá; um pouco ainda!

Alberto abriu novamente os olhos e repelliu a vasilha com a mão.

— É preciso! — insistiu o medico. — Respondo pela tua vida á marquezinha Hortensia.

O marquez não resistiu á invocação do nome da filha e bebeu mais alguns tragos. Depois circumvagou a vista pelos assistentes e encarou Diogo com espanto.

— Salvaste-me?! — perguntou a este.

—Parece que sim—respondeu o hespanhol.—E por signal que cheguei exactamente no momento preciso.

—Para quê?

—Provavelmente para impedir que fosses ao fundo.

—Endoudeceu!—murmuraram alguns dos circumstantes.

—Foi com o susto!—respondiam outros.

—A cousa era para isso!

—Não, que só por milagre está escapo!

—Vamos vestir-nos—disse Diogo.—Convem andar, para desentorpecermos os membros; e d'aqui á barraca, onde está o teu fato, e ao paredão, onde larguei parte do meu, é um bom pedaço! E se o meu ainda lá estiver, não será mau!...

—Aqui estão ambos—respondeu uma voz.

—Ah!—exclamou Diogo, envergonhado da suspeita que tivera, por ver intacto quanto deixára sobre o caes.—Perdão; e muito agradecido. É o meu banheiro, não é?

—Não senhor.

—Mas quem trouxe a roupa do senhor marquez?

—Fui eu tambem. O banheiro, coitado! não tinha cabeça, porque é muito amigo dos senhores.

— E teve-a vossemecê, que não nos conhece, honrado velho?!

— Pois a gente para alguma cousa ha de servir...

— Ouça aqui.

O marquez e o medico tinham-se mettido dentro de um dos barcos, enfileirados no areial, para tirarem a roupa molhada sem desacato ao pudor do publico. O velho pescador approximou-se de Diogo, quando este o chamou.

— É casado e tem filhos, provavelmente?

— Tenho quatro pequenas, todas casadoiras, graças a Deus!

— Sinto não poder contribuir para a felicidade d'ellas; mas peço-lhe o favor de lhes dar esta bagatella em nome do senhor marquez de Lacroix. — E deu ao pescador metade do dinheiro que tinha.

O marquez, que se estava vestindo, parou, apalpou as algibeiras das calças, tirou de uma d'ellas a bolsa, e disse ao velho, que ficára como assombrado pela generosidade de Diogo:

— Entregue-lhes tambem isto, da parte do doutor Diogo... do doutor Romualdo Goataçára.

— Tornâmos á mesma?! — interrogou severamente o medico. — E voltando-se em seguida para o poveiro, que hesitava em pegar

no oiro, disse-lhe:—Acceite, para ajuda do enxoval das suas filhas. O senhor marquez é rico, e, em rigor— acrescentou, vestindo o colete sobre a pelle — devia-me essa reparação por eu ter de ir d'aqui até casa sem camisa nem ceroulas, depois de tão prolongado banho.

— Oh! senhores!—exclamou o velho com pasmo.—Se me pagam assim por lhes ter trazido a roupa d'ali para aqui, quanto me dariam se eu tivesse podido salvar a vida ao fidalgo?!

— Cinco contos de réis—respondeu Diogo.— Offereci-os bem alto; e antes queria pagal-os á minha custa do que metter-me n'agua com similhante manhã! Porém, não houve ninguem que quizesse ganhal-os!...

— Não houve, não senhor—volveu o maritimo;—e eu corto a cabeça se acharem outra pessoa capaz de fazer o que fez o senhor doutor.

— Adeus, bom velho. Vamos, marquez; nunca em minha vida senti tamanha necessidade de almoçar como hoje! Anda depressa, que a camisa faz-me muita falta.

— É a primeira vez que andas sem ella? —perguntou Lacroix, encarando-o fixamente.

— Não — volveu Diogo com um sorriso triste;—os estudantes pobres usam algumas vezes... só os collarinhos...

— E os mundurucús?

— Os mundurucús?!

— Sim, Romualdo; os teus compatriotas do Amazonas?

Diogo parou, largou-lhe o braço e disse-lhe gravemente:

— Marquez, é necessario que tomes uma resolução definitiva; ou nos separâmos para sempre, ou vou principiar a tratar-te d'esse padecimento. Escolhe.

— Queres que me entregue nas tuas mãos, para me envenenares lentamente?! Pois seja; reconheço que me é impossivel evitar o meu terrivel destino.

— Que estupida mania! Pois não podemos deixar de viver n'esta intimidade que te incommoda?! Não tenho eu querido separar-me de ti muitas vezes? Não me oppuz sempre á idéa de ir para tua casa?! Partamos cada um para seu lado...

— É impossivel!

— Porquê?!

— Porque tu és Romualdo Goataçára!

— Admittamos por um momento essa hypothese. Que resultaria d'ahi? Está ou não provado que eu te podia deixar fuzilar pelos ladrões da Serra Morena, ou afogar-te nas ondas do mar da Povoa?

— Está provado.

— E então?

— Tu queres que eu viva, porque me reservas para algum tormento maior que a morte.

— Pobre marquez! Tens uma doença horrivel!

— Sabes algum meio de separar o remorso da alma do criminoso?

— Creio que não existe nenhum.

— Pois bem: eu sou o criminoso e tu és o meu remorso.

— Oh!...

— Desejo, mas não posso separar-me de ti.

Foram andando calados até á porta da casa em que moravam.

— Pela ultima vez — tornou Diogo, parando ali — queres que te trate d'essa enfermidade de espirito e de corpo? Se não queres, deixo-te hoje mesmo.

— Se partisses, iria eu atraz de ti, para onde quer que fosses. Faze de mim o que quizeres... Promette-me sómente, outra vez ainda... que pouparás Hortensia, na tua vingança implacavel.

—Voltemos para París. Logo que chegarmos ali, hei de sujeitar-te a um tratamento rigoroso...

— E minha filha?

— Repetir-te-hei de novo o que já te tenho affirmado: será sempre sagrada para mim.

— Ainda depois da minha morte?

— Ainda depois da tua morte... se eu te sobreviver.

Subiram a escada no momento em que a marquezinha, informada do que tinha succedido, se dispunha para saír com as creadas ao encontro do pae. Diogo ía adiante do marquez, e Hortensia, cedendo aos sentimentos de enthusiasmo, que lhe inspirára o generoso proceder do medico, lançou-se-lhe nos braços, e quiz beijar-lhe as mãos, porque lhe não consentiu o decoro beijal-o no rosto.

— Oh! senhora marqueza!...

E Diogo impelliu-a suavemente para os braços do pae, que, apesar de grato a essa nova demonstração de delicadeza, murmurava, olhando-o por cima da cabeça da filha:

— É elle! É elle!

XVI

O Paricá

Tres annos depois dos acontecimentos narrados no capitulo anterior, por uma tarde chuvosa de novembro, estavam dois homens sentados em confortaveis poltronas, na livraria do palacio da rua de Grenelle. Um d'elles, que parecia bastante doente, dormitava, recostado para traz, emquanto o outro, proximo do fogão, onde ardia boa lenha de azinho, lia em voz alta um livro, que tinha diante de si, aberto sobre uma pequenina jardineira de carvalho do Norte com embutidos de pau santo.

As entradas da sala estavam todas fechadas, e os reposteiros corridos; as janellas, que deitavam para o jardim, tinham as portas interiores e as venezianas abertas; atra-

vés das vidraças via-se caír a chuva miuda sobre as franças das arvores, que frequentemente a arremessavam contra os vidros em grossas gotas, quando as sacudia alguma lufada de vento; a luz que entrava na bibliotheca era já tão diminuta, que todos os objectos íam gradualmente perdendo as fórmas verdadeiras, e revestindo outras, vagas e phantasticas, parecendo quererem dansar com os reflexos da chamma do fogão. Não obstante essa dubia claridade, o homem que tinha o livro aberto continuava a ler lentamente, observando de vez em quando que impressões a leitura produzia no seu companheiro.

Quem penetrasse de repente n'aquelle recinto não ficaria pouco maravilhado, vendo um a ler ás escuras, e outro, ouvindo-o, adormecido! Porque realmente o que dormia e denotava pela magreza e pallidez do rosto ser enfermo, dava todos os indicios de ouvir a mysteriosa leitura, feita quasi nas trevas!

— «Romualdo Goataçára e Gertrudes Porangába» — lia o acordado, com voz pausada, emquanto o dormente, sempre com os olhos fechados, se inclinava sobre um dos braços da poltrona, como para ouvir melhor — «tinham impedido que os anthropophagos do Tupinambaranas comessem Al-

berto de Lacroix; quizeram enriquecel-o voluntariamente; salvaram-n'o das aguas do Çayari e levaram-n'o para Manáos, na canôa do commandante Ambrosio Ayres Bararoá...»

— Bararoá! — suspirou o ouvinte, sem abrir os olhos.

— «Alberto associou-se com Chamburg, Pedro Ayres, e outros miseraveis, para entregar o seu segundo bemfeitor aos assassinos cabanos...»

— Ai! — murmurou o que dormia, debatendo-se na cadeira como se o affligisse um pesadelo.

— «Morto Bararoá» — proseguiu o leitor, depois de ter olhado para o seu companheiro — «foram roubal-o á sua casa de Manáos. Os denunciantes repartiram entre si a riqueza da victima e fugiram todos...»

O dormente agitou-se com violencia. O outro, como se percebesse que era uma advertencia para corrigir algum erro da narração, emendou logo:

— «Todos, não... ficou um. Era Lacroix...» —proseguiu o singular ledor, consultando, a cada phrase, com a vista, o amigo adormecido, para que este fosse confirmando, ou negasse os factos citados no livro. — «Tinha combinado com os outros que o deixassem... amarrado... para afastar de si as

suspeitas de connivencia nos crimes referidos...»

— Ai! — tornou a gemer o homem que ouvia adormecido.

O outro continuou:

— «Mandou chamar Gertrudes...» — Como? Por quem?...—perguntou voltando-se para o ouvinte.

— Chamburg! — respondeu este.

O interrogador baixou de novo a vista sobre o livro:

— «Chamburg deu o recado e fugiu... A joven estava compondo um collar, para enfeitar-se, com as pedrinhas brilhantes achadas n'uma gruta do rio Arinos... Ella amava o francez...» — Pobre Porangába! — «Metteu os adornos no cesto e correu a casa de Bararoá...» — Soltou-o? — perguntou ao outro.

— Soltou.

— «Elle viu-lhe o cestinho nas mãos... abriu-o distrahidamente, emquanto estudava as perfidas palavras com que precisava disfarçar a mentira... As pedras preciosas deslumbraram-lhe os olhos... Era ourives!... Guardou-as e quiz partir...»

O dormente estorcia-se, gemendo dolorosamente, e parecia querer fugir d'ali; mas nem se levantava nem abria os olhos. A noite escurecêra de todo a sala; apenas de es-

paço a espaço a chamma do fogão, ateando-se, projectava uma luz fugitiva e sinistra sobre as duas singulares personagens d'esta scena mysteriosa. A chuva, que fôra gradualmente engrossando, caía já em torrentes; o vendaval rugia nas copas dos arvoredos e lançava de vez em quando sôpros ruidosos pelo tubo da chaminé. O homem que lia, após uma breve pausa continuou:

— «Os diamantes, as esmeraldas, as saphiras e os rubins eram dos maiores que Lacroix tinha visto! Um só d'aquelles brilhantes, depois de lapidado, tornaria feliz qualquer ambicioso. Possuindo todos, seria riquissimo. Romualdo já não lhe fazia falta para o levar ás minas de oiro; os companheiros íam ainda perto e facilmente os alcançaria...» — Quiz então fugir?...

— Sim.

— «A india, que o adorava, adivinhou-lhe o pensamento... Agarrou-se a elle e disse-lhe, com voz suave e meiga, as mais ternas palavras... O miseravel reflectiu que os amigos se afastavam, e que Romualdo, o vingador de Bararoá, se approximava... Lutaram... e o punhal assassino rasgou o peito da virgem...»

— Atroz! Atroz! — bramiu o outro lugubremente.

— É verdade? — perguntou com voz severa o leitor.

— Perdão!

— É verdade?

— É verdade.

— «O matador correu para o ribeiro da floresta, onde estava occulta sob os arvoredos a canôa de Goataçára... Ao mesmo tempo desembarcava Romualdo no caes da villa, e, encontrando a irmã ainda palpitante, ajoelhou junto d'ella, gritando, com as mãos erguidas para o céu:

— «Senhor! Em nome da innocencia e da virtude, por esta alma colhida em flor no meu coração, faze-me um milagre! Gertrudes?! Meu amor, minha vida, volve um instante ao mundo; revive, embora só momentaneamente; falla, uma vez ainda; acorda do teu ultimo somno e dize-me só duas palavras: Foi elle?! Dize! Em nome da eterna justiça, da eterna verdade e da eterna misericordia, ordeno-te que me digas se foi elle!

«A estas determinações supremas, a morta abriu os olhos e os labios, e disse com voz solemne:

— «Foi elle!»

— Horror! — gritou o enfermo, erguendo-se e caindo novamente sentado.

— «Goataçára, apenas sua irmã proferiu

estas palavras e tornou a caír sem vida, arremessou-se, guiado pelo instincto maravilhoso dos homens da sua raça, atraz do assassino fugitivo. Lacroix desamarrava a canôa de cedro, quando a mão do indio lhe pousou no hombro. Sem se voltar, o francez, que tinha ainda na mão o ferro tinto no sangue de Gertrudes, brandiu-o com furia para traz de si!...»

O leitor fez uma pausa, e, auxiliado pela tenue claridade do lume, quasi esmorecido, contemplou por instantes o companheiro, que, sempre dormindo, o escutava como suspenso dos seus labios. Depois, olhou outra vez para o livro, que mal se via já, apesar da proximidade do fogão, e proseguiu:

— «Romualdo, atordoado com a violencia da pancada, escorregou e desappareceu no fundo da ribeira. Alberto julgou tel-o morto, e disse, empurrando o ubá para o Rio Negro:

— «Quem poderá accusar-me de eu ter enriquecido?

— «Deus e a tua consciencia! — lhe gritou através dos arvoredos um missionario venerando...»

— Ai! ai! — soluçou o ouvinte.

O outro leu:

— «Uma mulher, que seguia o ancião,

mergulhou no ribeiro, tirou d'elle o indio, que era seu filho...»

—Seu filho!

— «E como Romualdo não estava morto, conseguiram reanimal-o pouco a pouco...»

—Vivo!

— «O seu primeiro pensamento, apenas recuperou algumas forças, foi procurar o malvado e matal-o, onde quer que o encontrasse... Tinham porém decorrido muitas horas, e nos rios desertos do Brazil não é facil encontrar quem dê informações das pessoas que passam por elles. Para que lado teria ido o assassino? Desceria ou subiria o Amazonas? Estava no porto de Manáos uma esquadrilha, que proclamára Romualdo seu chefe; podia arremessal-a, dividida, em todas as direcções, e talvez assim alcançasse os fugitivos... Mas a ausencia d'essas forças deixaria novamente a população á mercê dos cabanos... e era provavel até que ellas não obedecessem, tratando-se de vingar aggravos particulares... Alberto fugia rico, e não podia ir senão para França: era portanto em París que devia ser procurado. Como iria ali, de tão longe, um pobre selvagem ignorante?! O proprio Lacroix ensinára os meios, quando descêra o Madeira com os dois irmãos, no ubá carregado de oiro. Aquelle metal facilitaria o ca-

minho... Verdade seja que o oiro é volumoso e difficil de transportar em grandes quantidades... E as pedras preciosas da gruta do Arinos? O francez levava apenas um punhado; Romualdo encheria um cesto e com esses thesouros, dignos de causar inveja aos reis, compraria tudo e todos até chegar ao seu inimigo...»

O leitor fez outra pausa, atiçou o lume, e proseguiu:

— «O padre Felix, que tinha educado o indio, escapára milagrosamente á matança que os cabanos fizeram em Santarem; e, fugindo para o rio Tapajós, chegou á tribu dos indios mundurucús, seus amigos, no momento em que ella estava sendo tambem aniquilada por aquelles facinorosos.

— «Em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, basta de derramar sangue!—gritou o velho, indo ao encontro dos chefes cabanos, ao tempo em que elles se precipitavam como feras sedentas no terreiro dos mundurucús.

«Os assassinos pararam estupefactos. Não era costume pôr-se-lhes ninguem diante, n'aquelles momentos de ferocidade tigrina; e a circumstancia de ser um ancião de oitenta annos, que pretendia deter-lhes os passos, petrificou-os de espanto.

— «Quem és tu, velho temerario?! — interrogou um d'elles.

— «Sou o enviado d'Aquelle que por ti morreu n'esta cruz.

— «Por mim?!

— «Por ti!... e pelos teus companheiros, assim como por mim e pelo resto da humanidade. Foi para remir os peccados de nós todos que Elle padeceu morte affrontosa. Arrependei-vos e sereis perdoados.

«Os cabanos olharam uns para os outros, como interrogando-se, emquanto os poucos indios, que não tinham succumbido ao furor brutal de tão numerosos assaltantes, se reuniam silenciosos em volta do nobre missionario.

— «Tu não sabes que os mundurucús pretenderam oppôr-se a que nos fortificassemos no campo de Icuipiranga? Quem os chamou ás nossas contendas com o governo dos brancos e dos estrangeiros?

— «Os mundurucús julgavam que a vossa presença ameaçava o seu territorio. A maioria d'elles foi já victima da vossa colera implacavel. Ordeno-vos, em nome de Deus, que poupeis o resto e vos retireis em paz.

— «Ordenas?!

— «Da parte de quem póde mais que nós

todos, e nos pedirá um dia contas das nossas acções.

— «Seja como queres... Mas livrem-se os mundurucús de se approximarem outra vez do nosso acampamento! Se voltarmos aqui, não ficará ninguem vivo na tribu das cachoeiras!

«Após esta ameaça, o chefe deu o signal de partida, e todos os seus se precipitaram como verdadeiros animaes ferozes através da floresta, na direcção de Icuipiranga.

— «Oh! — exclamou Maria Flor de Cajueiro, apenas elles desappareceram: — Se meu marido Manuel Felix Pangip-Hú não tivesse caído morto no primeiro encontro, ou se estivesse aqui meu filho Romualdo Goataçára, não seriam esses miseraveis, mais selvagens do que nós, quem dizimaria barbaramente a tribu dos mundurucús!

— «Vamos enterrar os mortos, filha — aconselhou o missionario.

— «E depois, senhor padre Felix?! Valha-me Nossa Senhora! Sem marido e sem filhos! Se tivesse quem me acompanhasse, iria procural-os!... Póde ser que a estas horas estejam ainda em Manáos, onde Romualdo contava ir, antes de se resolver a subir ou a descer o grande rio...

— «Irei eu comtigo; e havemos de encontral-os, se Deus quizer.

— «O senhor padre?!

— «Eu, sim, pois que dúvida?! Não vês como o infortunio me tem melhorado?! Quando os cabanos mataram meu irmão, em Santarem, estava eu entrevado e talvez por isso me poupassem. Chorei tanto pelo meu Romualdo, que me saiu a doença pelos olhos, em lagrimas, e comecei a poder andar; assim que arranjei dois remadores, puz-me logo em viagem para cá, e venho achar esta desgraça!...

«Enterraram-se piedosamente os mortos» — proseguiu, com novas pausas, o homem que lia;—«reuniram-se os homens que restavam da tribu, e elegeram novo chefe, até que voltasse Goataçára e provasse ser digno de governar os mundurucús, restituindo á nação as forças e prestigio, perdidos nos ultimos desastres. Em seguida, o padre Felix e Maria Flor de Cajueiro, acompanhados por dois indios de confiança, metteram-se ás florestas, seguindo o trilho de Romualdo e Gertrudes. Apesar de muito mais demorada, e tambem perigosa, essa viagem offerecia comtudo maior segurança do que a do Amazonas, onde elles julgavam dominarem ainda os cabanos. Após longa e penosa jornada, em que arriscaram cem vezes a vida, chegaram emfim a Manáos, n'um dia ao romper do sol; momentos depois avistaram Ro-

mualdo, e correram atraz d'elle, chamando-o inutilmente, até ao momento em que o viram caír derrubado por Lacroix!...»

— Fatalidade! — murmurou o dormente.

— «Providencia! — emendou com severidade o outro; e continuou a ler:

— «O restabelecimento completo de Romualdo foi lento; sem o auxilio da mãe e do padre, a ira concentrada no seu coração, tel-o-ía morto infallivelmente. A sua unica distracção era entrar no cemiterio de Manáos, ajoelhar-se aos pés da sepultura de Gertrudes e pronunciar ali juramentos terriveis. O velho padre ía ás vezes ter com elle, e lendo-lhe nos olhos sinistros pensamentos de vingança, abanava tristemente a cabeça e dizia a Maria Flor de Cajueiro:

— «O teu filho é mau christão.

— «Jesus! Senhor Padre Felix!... Porque o julga assim?

— «Não pensa senão em matar!

— «O francez?! Ah! senhor padre, perdoe-me tambem... Aquelle homem assassinou a minha Gertrudes, a minha rica filha!...

— «Para que a deixaste sair com Romualdo?! Duas creanças!

— «Ninguem pôde ter mão n'elle!

— «Boa desculpa! É necessario combater-lhe aquellas idéas más...

— «Se elle não nos diz nada, como se ha de começar?

— «Veremos; tu, como mãe, e eu, como padre que o criei, temos obrigação de o encaminhar. Penso que elle, em vez de rezar pela pobre Gertrudes, lhe vae prometter que ha de matar o seu assassino...

— «Visto que o senhor padre acha isso mau?!... Eu, que sou mãe, cuidei que não seria mal feito!...

— «Maria!

— «Perdão, senhor padre!

«Um dia em que Romualdo entrava, como de ordinario, no cemiterio, o bom velho seguiu-o e approximou-se ao mesmo tempo que elle da campa da donzella.

— «Ajoelha, meu filho.

«O indio obedeceu por habito, e o velho ajoelhou tambem a par d'elle.

— «Promette-me, por alma da tua querida irmã, que perdôas ao seu matador.

— «Oh!... padre!

— «É ella quem pela minha bôca te dirige esta supplica. Os mortos não querem sangue, querem orações.

— «Ella era innocente; e eu jurei, pela sua salvação, de matar o seu assassino.

— «Absolvo-te d'esse juramento, em nome do Deus de perdão e misericordia. Promette-me que nunca empregarás contra esse

desgraçado, se alguma vez o encontrares, o ferro, o veneno, ou qualquer outro meio violento...

—«Senhor padre Felix, não me obrigue a ser perjuro ou mentiroso!...

«Romualdo, conhecendo que fraquejaria na presença do ancião, que fôra seu mestre, levantou-se e saíu a correr do cemiterio. O velho voltou triste para casa. Ao entrar a porta, sobreveiu-lhe uma apoplexia fulminante, e caíu morto nos braços de um dos indios que o serviam. Goataçára, chegando n'esse instante, impressionou-se profundamente com o acontecimento, e ajoelhando-se aos pés do cadaver ainda quente do velho missionario, exclamou:

—«Era impossivel o que tu exigias, meu generoso mestre! Mas satisfarei, quanto possivel, os teus desejos, em memoria das tuas virtudes e dos beneficios que derramaste sobre mim e sobre a minha familia. Não empregarei o ferro, o veneno, nem outro qualquer meio violento: serei apenas o remorso que acompanha o criminoso.

«Poucos dias depois, Goataçára e sua mãe subiam sósinhos, n'um pequeno ubá, contra a corrente do rio Madeira, que os indios chamam Cayari, para irem á gruta das pedras preciosas, occulta nas matas virgens cortadas pelo Arinos.»

O homem que lia, parou e poz-se a contemplar o ouvinte.

Este continuava a debater-se, lutando talvez com o pesadelo das reminiscencias avivadas por aquella estupenda leitura. Tinha os movimentos automaticos dos somnambulos, ao mesmo tempo que se lhe contrahiam todos os musculos, como se estivessem sob a influencia de violento fluido galvanico. A natureza das suas sensações como que se revelava na pallidez do rosto, e no suor copioso que em grossas bagas lhe corria pelas faces cavadas. Percebia-se que estava sendo victima de atroz supplicio, e que se esforçava inutilmente para livrar-se d'elle. Dir-se-ía que o poder terrivel de algum narcotico mysterioso o tinha acorrentado á cadeira, deixando-lhe entrever, através da somnolencia, tudo quanto havia de cruel na realidade do seu passado, e conservando-lhe do presente apenas a consciencia do soffrimento! O espectaculo das suas acções era-lhe sem duvida imposto como punição. O somno magnetico parecia produzido por um agente, cujas propriedades extraordinarias consistiam, como as do urari ou curare, em entorpecer o paciente, deixando-lhe todavia livres alguns dos sentidos, e não atacando nenhum dos orgãos essenciaes da vida, ao contrario do

que succede com a acção d'aquelle strychnos.

Varias tribus do Tapajós e do Amazonas costumam tomar, nos seus dias de festa, o pó das folhas de fructos torrados de certa leguminosa, a que chamam paricá *(mimosa acacioides)*. Diz-se que esse maravilhoso suporifero, desconhecido ainda da chimica moderna, lhes produz uma especie de lethargia, durante a qual ouvem distinctamente e vêem sem abrir os olhos; respondem ao que se lhes pergunta, sentem dobradamente o prazer e a dor, mas não podem despertar emquanto a acção inebriante do paricá lhes não deixa o cerebro liberto. Crê-se que este uso provém da barbaridade nativa d'esses povos, que sob a influencia de tão estranho adormecimento revêem as suas façanhas passadas, os feitos heroicos que praticaram, e os inimigos que succumbiram sob os seus pesados tacápes. Quando voltam a si, fica-lhes d'esse estado sómente o cansaço, e a consciencia de quem teve um sonho mais ou menos incommodo.

Se fosse possivel haver em París quem conhecesse o paricá, podia affirmar-se que o dormente da bibliotheca do marquez o tinha tomado. O seu companheiro, que juntára á phenomenal circumstancia de ler ás escuras a de nunca ter voltado as folhas do livro,

XVII

Paco

Aquelles amaveis sujeitos da Serra Morena, com quem travámos conhecimento n'um dos capitulos anteriores, commetteram a imprudencia de se apoderarem de uma bailarina celebre, que tinha altas protecções, e de pedirem resgate por ella. O sobrinho do ministro da guerra ía de Madrid para Sevilha, quando teve a noticia do caso, junto á venda de Cardena; e como levava ás suas ordens trezentos homens de cavallo, espalhou-os immediatamente pelas encostas da montanha, nos logares immortalisados por Cervantes, e conseguiu apanhar Anselmo e os seus companheiros antes que elles tivessem tido tempo de se acolherem aos seus subterraneos.

— Oh! lá, amigos?! — gritou o general, vendo-os disporem-se para morrer com as armas na mão.— Todos os que se entregarem sem resistencia, terão as vidas salvas; os outros serão fuzilados immediatamente.

— Rapazes! — perguntou Anselmo aos seus: — quereis viver escravos, ou morrer livres?...

— Caramba! — respondeu o bando em côro: — Serra, ou morte!

E arrojaram-se como leões contra os carabineiros. Em menos de dez minutos se decidiu a contenda, ficando o chão juncado de cadaveres. Ao dissipar-se o fumo dos tiros, tinham caído tantos soldados quantos eram os salteadores mortos. Como os assaltantes ignoravam o numero dos ladrões, não podiam verificar se algum haveria escapado, protegido pela fumaça das descargas. O commandante Anselmo, atravessado por uma bala, gritára, ao caír, com uma voz que echoou por toda a serra:

— Paco?! Prohibo-te que entregues a senhorita aos picaros!

— A caverna deve ser muito perto — disse o official aos soldados; — procurem que ainda lá estão alguns com a prisioneira.

Sondando com as armas todos os rochedos circumvizinhos, breve reconheceram os que formavam a galeria, e descobriram a

porta d'esta, que estava fortemente acorrentada por dentro.

— Arrombem-na! — ordenou o chefe.

— Falta-nos ferramenta apropriada. — observou um subalterno.

— Abra quem está lá dentro! — ordenou o official. — Entreguem-se, e dou-lhes a minha palavra de que lhes garanto as vidas.

— E a liberdade? — interrogaram do interior da caverna.

— Só as vidas.

— Então, falle com o capitão Anselmo. Sem ordem d'elle, não se abre a porta.

— O teu chefe morreu.

— É impossivel. Ainda agora o ouvi gritar-me, que não entregasse a senhorita.

— Queres ver o seu corpo?

— Não póde ser! Anselmo era amigo de Paco... e não morreria sem o avisar... Mas se é verdade, se o desgraçado se esqueceu a tal ponto dos seus deveres para commigo, não me esquecerei eu d'elle! Pobre Anselmo! Tão cavalheiroso, tão bravo e desempenado! Era o primeiro fidalgo de toda a Hespanha!...

Os de fóra rugiram de impaciencia, ouvindo-o exhalar suspiros ruidosos, em vez de abrir a porta.

— Com todos os diabos! abres ou não?!

— Se o meu chefe já não vive, é de todo

impossivel abrir. Jurei-lhe fidelidade; e tornava-me um picaro, se faltasse á minha palavra, quando elle não póde obrigar-me por ella.

— Vae-se deitar fogo ao subterraneo...

— Olhem que é de pedra... e temos grandes galerias. Se fosse possivel queimar-me, sacrificariam tambem uma senhorita, que está commigo; e era pena, porque ella é bem galante!

— Não deitem fogo! — exclamou outra voz, muito afflicta, que se reconheceu ser feminina. — Paco da minha alma, abre-me a porta, que eu juro alcançar o teu perdão de todos os governos.

— Pepita? — gritou de fóra o general. — Estás ahi?

— Pepe? És tu?! Oh! que ventura! Paco, meu filho, abre depressa! Estás salvo! Pepe? dize que lhe perdoas, que fazes tudo quanto elle quer, e tira-me depressa d'este antro.

— Que queres tu, carcereiro maldito?!

— Mau! Se me tratam mal, adeus!

— Querido do meu coração, Paco celestial, não te escandalises com os modos de Pepe; elle é brutal, ás vezes, quando se zanga; porém no fundo é doce como um bolo de amor! Pepe, dize-lhe de lá cousas bonitas; não o assanhes, que é teimoso e apodrecerei aqui dentro.

porta d'esta, que estava fortemente acorrentada por dentro.

— Arrombem-na! — ordenou o chefe.

— Falta-nos ferramenta apropriada. — observou um subalterno.

— Abra quem está lá dentro! — ordenou o official. — Entreguem-se, e dou-lhes a minha palavra de que lhes garanto as vidas.

— E a liberdade? — interrogaram do interior da caverna.

— Só as vidas.

— Então, falle com o capitão Anselmo. Sem ordem d'elle, não se abre a porta.

— O teu chefe morreu.

— É impossivel. Ainda agora o ouvi gritar-me, que não entregasse a senhorita.

— Queres ver o seu corpo?

— Não póde ser! Anselmo era amigo de Paco... e não morreria sem o avisar... Mas se é verdade, se o desgraçado se esqueceu a tal ponto dos seus deveres para commigo, não me esquecerei eu d'elle! Pobre Anselmo! Tão cavalheiroso, tão bravo e desempenado! Era o primeiro fidalgo de toda a Hespanha!...

Os de fóra rugiram de impaciencia, ouvindo-o exhalar suspiros ruidosos, em vez de abrir a porta.

— Com todos os diabos! abres ou não?!

— Se o meu chefe já não vive, é de todo

impossivel abrir. Jurei-lhe fidelidade; e tornava-me um picaro, se faltasse á minha palavra, quando elle não póde obrigar-me por ella.

— Vae-se deitar fogo ao subterraneo...

— Olhem que é de pedra... e temos grandes galerias. Se fosse possivel queimar-me, sacrificariam tambem uma senhorita, que está commigo; e era pena, porque ella é bem galante!

— Não deitem fogo! — exclamou outra voz, muito afflicta, que se reconheceu ser feminina. — Paco da minha alma, abre-me a porta, que eu juro alcançar o teu perdão de todos os governos.

— Pepita? — gritou de fóra o general. — Estás ahi?

— Pepe? És tu?! Oh! que ventura! Paco, meu filho, abre depressa! Estás salvo! Pepe? dize que lhe perdoas, que fazes tudo quanto elle quer, e tira-me depressa d'este antro.

— Que queres tu, carcereiro maldito?!

— Mau! Se me tratam mal, adeus!

— Querido do meu coração, Paco celestial, não te escandalises com os modos de Pepe; elle é brutal, ás vezes, quando se zanga; porém no fundo é doce como um bolo de amor! Pepe, dize-lhe de lá cousas bonitas; não o assanhes, que é teimoso e apodrecerei aqui dentro.

— Trata com elle, em voz alta.

— Paquinho, que queres tu? Já sabes que o teu chefe está morto, bem como os teus companheiros. Não has de ficar sósinho aqui, para que venham outros ladrões roubar-te.

— Tem rasão — respondeu Paco, suspirando como quem espirrava.

— Queres que te empregue no theatro? Farás os papeis de salteador da Calabria, nas minhas dansas...

— Oh! um homem da minha qualidade!... Não me proponha essas abjecções!

— Então que quer elle, com um milhão de diabos?!

— Accommoda-te, Pepe! Dize, Paquito amigo, que é que te convem?

— Preciso pouca cousa. Quinhentos pesos, para deixar á minha velha, que é quanto nos falta para comprarmos os dois ultimos campos do tio Hernandes, e um passaporte para París.

— Concedido. — gritou de fóra o militar.

— Palavra de honra?

— Um hespanhol nunca mente, quer seja principe, quer mendigo.

— Isso é tão verdade, que aqui está a porta aberta! — respondeu Paco, abrindo a entrada do subterraneo. — Depois de Anselmo, é v. ex.ª o primeiro fidalgo que sabe fazer

justiça ao genio nacional. Venha o dinheiro e o passaporte.

Quinze dias depois o ex-salteador da Serra Morena era introduzido no palacio do marquez de Lacroix, na rua de Grenelle, em París.

— Paco! — exclamou o marquez.— Grande novidade!

— Oh! senhor marquez! Como v. ex.ª está mudado! Em menos de dois annos!

— Estou muito doente, meu amigo!... Fallemos porém de ti. Como vieste e a que vens?

— Já não ha gente capaz na Hespanha, senhor marquez! Estou desempregado, e por isso venho procurar a v. ex.ª

— Como assim?! E Anselmo?!

— Era grande de mais para aquelle paiz de pantomineiros! Deram-lhe cabo da pelle.

— E os outros?!

— Tambem faziam sombra aos insignificantes das cidades... Assassinaram-n'os covardemente! Picaros de carabineiros!

— E tu?

— Eu estava no subterraneo, e pude capitular com honra.

— E agora, que pretendes fazer?

— Passei em revista as pessoas de meu conhecimento, e só achei uma digna das minhas attenções; apesar de terem decorri-

do dois annos sem nos tornarmos a ver, lembrei-me d'essa pessoa e vim procural-a a França.

— Querem ver que sou eu?!

— É v. ex.ª, fidalgo.

— Muito obrigado, excellente Paco! Parece-me comtudo impossivel achar em París cousa que convenha aos teus habitos.

— Oh! não sou difficil.

— Vejamos: que sabes tu fazer?

— Tudo.

— Hein?!

— Experimente v. ex.ª

— Diabo! N'esse caso serias um homem precioso.

— O illustre Anselmo sempre assim o julgou e não teve de que arrepender-se.

— Quererias tu por ventura entrar para o meu serviço?

— Foi para isso que vim.

— E qual seria a tua posição em minha casa?

— Acceito todas as de confiança.

— Hum!... isso é mais serio.

— Duvída da fidelidade de Paco?!

— Não digo isso...

— Então mande inscrever-me entre os seus servos, como supranumerario; e só lhe peço que ninguem me dê ordens, alem da marquezinha e de v. ex.ª Esqueça-se de mim,

quando eu lhe seja desnecessario; e chameme, assim que me julgar preciso. Farei o serviço com os outros, e saberei pagar o pão que comer e a roupa que vestir.

— Ainda uma pergunta: porque não ficaste na tua provincia? Deves ter feito economias?...

— Sou lá quasi rico.

— E vens servir em terra estranha?!

— Prometti solemnemente não tornar á vida das montanhas...

— Rasão de mais.

— Se ficasse em Cordova ou Sevilha, senhor marquez... Ha gostos que podem mais do que nós... Seria obrigado a faltar á minha palavra, e Paco é um homem de bem! Deixe-me estar aqui alguns annos e costumar-me a outra vida. Quando eu me sentir capaz de passar pela Serra Morena, sem perigo de me deixar lá ficar, pedirei licença a v. ex.ª e voltarei para o meu paiz.

—Sabes que te devo quasi a vida; fica; e procede de modo que no acto de te ires embora eu possa mostrar-me duplamente reconhecido.

Havia quasi um anno que este dialogo tivera logar. O marquez estava a esse tempo já bem doente, como Paco observára; e, d'então em diante, o seu estado aggravárase cada vez mais, receiando-se a cada mo-

mento que alguma crise nervosa lhe terminasse a existencia.

Na manhã do dia seguinte áquelle em que o vimos na livraria, sob a influencia do mysterioso narcotico, que lhe permittia ouvir ler dormindo, sobreveiu-lhe grande febre e não pôde erguer-se da cama.

Diogo, que residia com a tia Domingas no rez do chão do palacio, desde que regressaram de Portugal, acudiu ao chamamento de Hortensia.

— Meu pae está peior. — disse ella, apenas Diogo entrou na sala.

— Já sei.

— Vá vel-o e diga-me francamente o que pensar ácerca do seu estado. Exijo-lhe, pela primeira vez, que me falle verdade.

— Exige?...

— Peço... — emendou a joven, córando.

— É cedo ainda para que eu possa satisfazel-a.

— Pensa que lhe será fatal esta nova crise? Faça-se a vontade de Deus! Tenho animo para querer saber tudo.

— Acabo de escrever a alguns dos mais illustres medicos francezes, pedindo-lhes que dentro de uma hora estejam aqui. É preciso que v. ex.ª me ajude a convencer seu pae da utilidade d'esta conferencia.

A marquezinha mergulhou a vista nos olhos

de Diogo, desejosa de ler-lhe o pensamento. Elle permaneceu impassivel.

— Que póde resultar d'ahi? — interrogou ella, depois de curto silencio.

— A minha justificação, quanto ao tratamento que tenho aconselhado.

— Teme que alguem o accuse?!

— Preciso d'essa consulta. Se ella se não fizesse, talvez me visse obrigado a declinar a honra de medico assistente.

— Diogo!

— Senhora marqueza?...

Hortensia deu um passo para elle e encarando-o outra vez fixamente, perguntou-lhe com voz imperiosa:

— Que segredo terrivel existe entre meu pae e o doutor Diogo Peres de Molina?

— Seu pae nunca me tomou por confidente, senhora marqueza.

— E entre Alberto Lacroix e Romualdo Goataçára?!

— Ah! — exclamou o medico, sorrindo melancolicamente. — V. ex.ª apóia as allucinações de seu pae?! Ainda mal!

— Doutor! — volveu a marquezinha, com voz que subitamente se tornou suave e terna: — Porque me trata assim? Olhe que tenho mais de vinte annos. — concluiu, pegando-lhe na mão.

— E eu já fiz trinta e oito! — respondeu elle intencionalmente.

Hortensia córou segunda vez, largou-lhe a mão e passado um instante tornou a pegar-lhe n'ella, murmurando:

— Embora! Ha muito tempo que luto commigo!... Conheço que me adivinhou... que sabe tudo!... Paciencia... É impossivel que n'um coração tão grande, n'uma alma tão elevada possa acoutar-se a sombra sequer de um crime ou de um mau pensamento! Que importa á tenra vide se é sovereiro ou carvalho o tronco a que se enlaça? O que ella quer é um apoio vigoroso contra as tempestades. Diogo ou Romualdo, perdôe ao pae, se elle lhe fez algum mal, e consinta que a filha lh'o agradeça... A sua mão tremeu nas minhas! Romualdo? Romualdo Goataçára! Perdão para meu pae!

A joven tomára uma attitude graciosa e supplicante; os seus olhos, fitos nos de Diogo, exprimiam a paixão casta da donzella, que admira e respeita antes de tudo o homem a quem ama. Ouvindo-a fazer tão ingenuamente a confissão do seu pudico amor, conheceu Diogo que era chegado o momento supremo da sua personalidade. Absorto até ali pelo papel que se impuzera, nunca pensára, se a sua vida tinha um fito sinistro e cruel, que se poderia tornar contradictorio comsi-

go mesmo, visto que no peito humano não cabem ao mesmo tempo duas grandes paixões. Não reflectíra que é impossivel repartir o coração com igualdade entre sentimentos oppostos, e que podia tropeçar, como o caçador que para não perder a caça de vista caminha sem olhar onde põe os pés!

Grato ao acolhimento que recebêra de Hortensia, quatro annos antes, ao enthusiasmo com que ella o apresentára em París, e ás provas de sincera affeição, que d'ahi em diante lhe dera sempre, não previu que os seus intentos poderiam quebrar-se ou recuar um dia, de encontro ao coração d'aquella fragil mulher, como se quebram as ondas embravecidas quando batem nos rochedos. De repente, sente-se modificar; ignora como se deixou prender em laços, que ameaçam transformar completamente a sua poderosa individualidade; não tem tempo de lutar nem de interrogarse; como a torrente subterranea rasga e fecunda o seio da terra, tambem o fluido que circulava no seio da virgem trasborda dos labios d'ella, inunda-o, dilata-lhe deliciosamente o coração, e faz brotar rosas d'entre o gêlo que lhe cobria o peito! A alma foge-lhe para horisontes ideaes, entrevistos vagamente n'aquella noite de baile, em que Hortensia fez dezeseis annos; a vontade, que era o cunho do seu caracter, succumbe, diante de um olhar;

uma palavra dá a todo o seu ser uma existencia mais sublime! Similhante á flor, que o primeiro sôpro frio do outomno apertára no botão, e que abre instantaneamente ao calor benefico da estufa, para onde a transporta o zeloso amador, assim aquelle homem, que passára como o genio da sciencia através da mocidade, sempre absorvido pelo estudo ou por impenetraveis designios, renascia inesperadamente ao primeiro sorriso do amor. Todos os seus propositos occultos, se alguns tinha, toda a sua gravidade austera, íam ser sacrificados ali. A mascara de bronze começava já a separar-se-lhe do rosto... quando Paco entrou na sala, e disse, que o marquez queria ver a filha e fallar ao medico.

Foi como se o encanto se desfizesse a um sôpro de vento glacial! O hespanhol reassumiu o ar severo da sua physionomia e entrou no quarto do doente, precedido de Hortensia.

A ida do marquez a Molina e o seu resgate na Serra Morena tinham conseguido quasi despersuadil-o de que Diogo fosse o indio Romualdo, quando essa suspeita, revivendo mais forte do que nunca, se tornou convicção profunda ao vêl-o nadando no mar da Povoa.

— Que terriveis designios serão os seus

— pensava Lacroix, depois de entrar em casa — salvando duas vezes a vida do homem que lhe assassinou a irmã, roubando-a, e o matára tambem a elle na margem do Rio Negro?! Porque favor do céu, ou do inferno, se acha resuscitado, medico, e prova ser hespanhol? Que horrorosa vingança projecta? Porque manifesta a minha filha tão vivas sympathias? Serão sinceros os protestos que tem feito, de que sacrificaria a propria vida á ventura de Hortensia? Ah! quem podesse ler através do aço polido d'aquelle rosto perfido! Apparencias tão methodicamente amaveis e attenciosas, e no coração, talvez, a tenção damnada de me deshonrar publicamente, ou de... Oh! se eu ousasse mandar assassinal-o?! Não, não; d'esse modo duplicaria os meus remorsos, em vez de os applacar! E quem me garante que elle não resuscitaria segunda vez, mais terrivel do que da primeira?! É inutil lutar com o destino!... Sinto que a sombra de Gertrudes me persegue, emquanto durmo, e elle, quando estou acordado! Antes da sua vinda, celebrava-se quasi todos os annos o anniversario dos meus crimes por algum successo funesto; agora?... tenho sempre á vista o remorso vivo! Ah! que ao menos elle não saiba mais quanto me faz soffrer! Vivamos juntos... Era-me impossivel afas-

tal-o de mim! O remorso é para o criminoso como a sombra para o corpo!... Que elle cumpra os seus implacaveis projectos de vingança!... tem Deus por si!... Não posso, nem quero fugir... Dissimularei... E que minha filha não saiba nunca o preço da riqueza que lhe deixo!

Esta resolução era superior ás suas forças: as commoções successivas e violentas, e a presença do medico, avivando-lhe diariamente a lembrança dos seus crimes, breve fizeram reapparecer os antigos symptomas de doença, e as crises nervosas recomeçaram mais fortes. Quando chegaram a París, de volta da viagem de Hespanha e Portugal, o marquez nunca mais quiz saír. Debalde a marquezinha, o medico, e a propria tia Domingas instavam com elle, tentando leval-o aos passeios, aos espectaculos publicos, ás mil distracções que offerece a grande capital aos ociosos e aborrecidos. Não o convenceram. Diogo, que estava constantemente ao pé d'elle, pretendia reanimal-o com a sua conversação variada e instructiva; lia-lhe até alta noite livros de litteratura amena; obrigava-o quasi a passeiar no jardim, quando o tempo estava secco e sereno; porém todos os seus esforços eram inuteis. O marquez parecia comprazer-se em correr, silencioso e concentrado, ao encontro da morte.

Os amigos e conhecidos deixaram de visital-o. Desde que constou que não tornava a dar festas esplendidas, todos se esqueceram do homem que tantos annos fôra moda e fizera as delicias dos parisienses.

— Deixal-o morrer á vontade! — dizia a gente que o festejára. — Um pobre diabo, que já não dá jantares nem bailes, é triste e não se póde aturar! Que trate de morrer quanto antes.

Taes foram as orações funebres, antecipadas, de quasi todos os que o exploraram outr'ora.

Effectivamente, parecia que era de morrer que mais tratava o misero Alberto! Magro, com os olhos incovados, o olhar quasi desvairado e brilhante, deixára-se a final ficar na cama, ao cabo de tres annos de mudas agonias, e a febre tomou conta d'elle.

— Meu caro marquez — disse Diogo, pegando-lhe no pulso — julguei conveniente fazer-se uma conferencia...

— Para quê? — interrompeu o doente — Não tenho eu sido tratado pelo meu melhor amigo? Estou em boas mãos!...

Não se percebia se elle fallava ironicamente; comtudo, o medico pareceu resentido e replicou com aspereza:

— Dentro em meia hora estarão aqui alguns dos principaes professores da Escola

de Medicina. Entendi que elles deviam ver o marquez, antes e depois da sua morte... se ella tiver logar durante o tempo em que eu o estiver tratando.

— É inutil...

— O marquez sabe, porque lh'o tenho provado, até salvando-lhe a vida com risco da minha, que eu iria até ao fim da terra, se podesse trazer de lá um remedio que lhe prolongasse a existencia.

— E o veneno que me deitas todos os dias no café, assassino?! — gritou o marquez, querendo erguer-se da cama e tornando a caír meio desfallecido sobre o travesseiro.

O medico sorriu-se desdenhosamente. Hortensia amparou a cabeça do pae e olhou com susto para Diogo; mas vendo-o tão sereno e frio, disse ao marquez:

— Socegue, papá; os envenenadores não teem aquella cara, quando os accusam.

— Paco?! — bradou Alberto.

— Senhor marquez? — respondeu o hespanhol, que parecia estar perto, á espera de que o chamassem.

— Falla sem medo. Que tens visto?

Paco tomou uma attitude digna e ao mesmo tempo soberba, como quem vae dar grandes e incontestaveis provas de fidelidade. Diogo sentou-se, encolhendo os hombros. Hortensia encostára-se á cama, espantada com a

semceremonia da tremenda accusação feita ao medico, pelo pae, invocando-se o testemunho de um creado, que ella sabia ser de confiança.

— Ha um anno — começou Paco resolutamente — que me dediquei ao serviço do senhor marquez, com o zêlo de que é susceptivel o homem que foi discipulo do illustre Anselmo...

— Adiante! — ordenou Diogo, com visivel aborrecimento.

— Fiel aos meus deveres — proseguiu Paco, lançando-lhe um olhar altivo — tratei de estudar como aqui se vivia, com o fim de me tornar util por todos os meios possiveis...

— Queres dizer que tiveste a audacia de espreitar?! Teu amo que te agradeça. — volveu Diogo Peres, sorrindo maliciosamente.

— E fiz bem! — tornou Paco insolentemente. — Póde ser que logo se abaixe a prôa dos que me censuram...

— Venham os factos! — ordenou imperiosamente a marquezinha.

— Lá vamos. Sem saber porquê, comecei, haverá tres mezes, a dizer commigo, que a doença do fidalgo não era natural; um homem, nas condições d'elle, não podia ser infeliz nem ter molestia incuravel... Nós, lá na Serra Morena, eramos todos philoso-

phos. Á noite, emquanto se está á espera, olha-se para as estrellas, ouvem-se correr as aguas pelas quebradas, e quem não é bruto aprende a ser pensador e a saber procurar os segredos da natureza...

— Se isso ainda leva muito tempo, vou-me embora. — exclamou o medico, erguendo-se.

— Tem paciencia. — lhe disse Lacroix, fulminando-o com a vista chammejante.

Paco, animado pela colera do amo, tornou:

— Chegámos ao ponto. Por acaso esqueci-me um dia de descer de uma arvore, que defronta com as janellas da livraria... e vi o senhor doutor deitar um pó, que trazia escondido, na chavena de café do senhor marquez, emquanto este estava de costas voltadas...

— Ah! — exclamou Hortensia.

— Ouves?! — rugiu o marquez.

— Ouço perfeitamente. — respondeu Diogo, tornando a sentar-se.

— Vejam se elle grimpa agora! — disse Paco, em voz baixa, ao doente e á marquezinha. Depois, continuou com emphase: — D'ali por diante, espreitei; confesso-o, sim, espreitei: e vi que todos os dias se renovava a dóse, dada do mesmo modo. Se me restassem dúvidas, quanto á natureza do pó

e ao fim para que era dado, as feições do senhor marquez, que progressivamente se alteravam, e a maneira da applicação, esclareciam tudo.

— Porque não fizeste desde logo a accusação? — perguntou tranquillamente o medico.

— É verdade? — interrogou Hortensia.

— Precisava de uma prova evidente, incontestavel... O senhor doutor mettia no fogão os papelinhos, onde tinha a droga, ou accendia o charuto com elles...

— Parece que o veneno era terrivelmente perigoso! — observou sarcasticamente o doutor. — A final, arranjaste a prova?

—Aqui está! —disse o marquez, tirando um pequeno embrulho debaixo do travesseiro.

O medico nem sequer olhou para esse lado. Encarava Paco, sorrindo. Este, sem desconcertar-se, proseguiu com ar de supremo triumpho:

— Só esta manhã me foi possivel apoderar-me do veneno. Desde muito que eu o via preparar pelo senhor doutor, embrulhar cuidadosamente, e metter no bolso do colete...

Aqui, Diogo apalpou os bolsos.

— Não está lá! — gritou Paco, vendo-lhe o movimento. — Tirei-lh'o, quando o senhor se despiu para tomar banho.

Hortensia sentiu-se fulminada.

— É verdade aquillo, senhor?! — interrogou ella a medo.

— É. Confesso que o tratante viu bem, e que não tenho cá o embrulhinho!...

— Assassino! — bramiu o marquez. — Confessas que me envenenavas?! Foi para isso que me salvaste dos ladrões e do mar da Povoa?!

— V. ex.ª faz-me o favor de mandar vir immediatamente uma chicara de café? — pediu Diogo a Hortensia.

— Vae, Paco; depressa!

— Café?!

— Vae! — ordenou a marquezinha de modo que não admittia réplica.

— Veja a senhora marqueza se eu tinha ou não motivos para exigir a conferencia, mesmo sem consultar o doente!...

— Atreves-te a negar que me assassinavas, tendo eu a prova da tua perversidade? — exclamou o marquez, indignado. — Bem vês que te conheço e que sei para que vieste! Fingiste-te pobre: auxiliado pela tua infernal intelligencia e pelos thesouros que descobriste no teu paiz, improvisaste habilmente uma familia, em Hespanha; inventaste um tio Affonso Peres, que era talvez um teu servo, ensaiado por ti para bem representar o papel que lhe distribuiste; e agora...

—Aqui está o café, que a tia Domingas acabava de pedir para si.—interrompeu Paco, entrando.

Diogo pegou na chavena e approximou-se do marquez, que olhava para elle espantado do seu audacioso sangue frio.

—Deita ahi a peçonha toda.

—Que queres fazer, desgraçado?! És peior do que eu!

—Senhora marqueza—continuou Diogo, depois de ter pegado na mão de Lacroix, forçando-o a lançar no café todo o pó contido no papel, e principiando a mexer o liquido:—digne-se olhar bem para mim e perdoar-me a immodestia de similhante pedido.

Hortensia cravou a vista na d'elle. Diogo continuou:

—Sente-se com bastante resolução para me honrar com mais uma prova da sua confiança?

—Sinto.

—Se a mão que apertou ha pouco a minha—tornou elle, continuando a mexer o café—pegar n'esta chavena sem tremer, é porque Deus o quer assim. Beba, Hortensia!

O marquez deu um grito e atirou-se ao chão, para impedir que a filha bebesse. Paco tambem correu, decidido a quebrar a cha-

vena maldita. Mas nem o pae nem o servo chegaram a tempo. Ella pegára sem hesitar na taça, e, rapida como o pensamento, sorveu de um trago todo o conteúdo.

— Minha filha! — soluçou o marquez, caíndo desfallecido contra o leito.

— Pobre senhorita! — gritou Paco — Matar-se voluntariamente!

— Silencio! — ordenou Diogo. — Silencio, que ella vae dormir!...

XVIII

Consultas medicas

Quando Alberto de Lacroix se recobrou do desmaio, achou-se deitado na cama, e viu uns poucos de homens, vestidos de preto, examinando-o attentamente. Dois, dos que tinham o ar mais grave, tomavam-lhe o pulso, cada um de seu lado. Eram os doutores Andral e Nélaton, o primeiro medico e o primeiro cirurgião de França, n'aquelle tempo. Aos pés do leito estavam Bouillaud e Robin, um, celebre na pathologia interna, outro, na chimica medica. Diogo Peres, fallando em voz baixa com este ultimo, achava-se de costas para o marquez.

— Hortensia — murmurou o doente.

Diogo voltou-se, poz um dedo na bôca, e, afastando-se um pouco para o lado, mos-

trou-lhe a marquezinha, adormecida n'uma poltrona, ao fundo do quarto.

— Morta! — suspirou dolorosamente o pae.

Diogo, andando nos bicos dos pés, approximou-se de uma janella meio cerrada, abriu-a cautelosamente, e o marquez reconheceu então que a filha dormia placidamente, porque lhe viu as faces rosadas e o sorriso nos labios.

— Dorme! — exclamou com pasmo. Depois, virando-se para os medicos que lhe tomavam o pulso, e reconhecendo-os: — Senhor doutor Andral!... Nélaton!... Digam-me se examinaram minha filha e se ella não está envenenada?

— Tanto como o senhor. — respondeu um d'elles.

— Como eu?! Mas eu estou...

— Está o quê? — interrogou Robin.

— Doutor Robin, o senhor que foi discipulo de Orfilla...

— Todos estes senhores seguiram o curso de Orfilla, meu caro marquez; e todos lhe dirão, como eu, que a doença de v. ex.ª é devida unicamente a uma causa moral.

— Perdão; tenho a certeza de estar...

— Doente? — perguntou Andral. — Infelizmente é verdade; porém o doutor Diogo Pe-

res de Molina, que foi meu discipulo, tem tratado a sua enfermidade do melhor modo por que se podem tratar as doenças moraes: passeios moderados, leituras amenas, conversação variada, todas as distracções, emfim, que não excitam demasiado o cerebro. Como calmante empregou o *erythroxilum*, cujas propriedades são menos enervantes e mais proficuas do que o *hachisch* para a cura das affecções mentaes ou nervosas. Fui eu que lhe aconselhei a experiencia, depois de ter lido a magnifica memoria, que ácerca d'esse novo agente therapeutico offereceu o doutor Diogo Peres á Academia das Sciencias.

— Como?!—exclamou Lacroix, julgando ter entendido mal.—O doutor Diogo escreveu alguma memoria a respeito do remedio que me dava?

— Merecidamente coroada pela Academia. — tornou Andral.

— E v. ex.ª foi quem o aconselhou para fazer em mim a experiencia?

— O doutor é tão modesto, quanto talentoso. Por se tratar de um remedio novo, teve a bondade de me consultar primeiro.

— E o senhor doutor Andral tem certeza de que o medicamento não foi substituido?

—V. ex.ª offende toda a classe medica de París n'um dos seus membros mais probos!

— Os senhores ignoram que elle me deitava o pó, sem eu saber, no café?! — gritou o doente com explosão.

— Fui ainda eu que aconselhei esse meio. — volveu Andral. — Tinham-me prevenido de que o senhor marquez se recusava a tomar os medicamentos ministrados pelo meu distincto collega. Quanto a certificar-se dos effeitos d'este remedio, consta-me que v. ex.ª até depois de jantar costuma adormecer agora, sem que isso o prive de tambem dormir pela noite adiante? Repare como sua filha está gosando o beneficio que hoje era destinado para o senhor marquez, e veja se reconhece o pó que ella tomou.

Acabando de fallar, Andral apresentou-lhe um frasco de crystal, que Alberto abriu e conheceu logo que continha uma droga igual á que recebera de Paco.

— Parece... que é... o mesmo... — balbuciou elle, corrido de vergonha, e ao mesmo tempo furioso contra si, pela odiosa e infundada accusação que fizera a Diogo. — Visto isso... tenho sido um... ingrato?

Ficaram todos calados.

— Depois de similhante injuria, nem sequer me atrevo a pedir perdão... Diogo deve estar cansado das minhas... extravagantes... allucinações... A cura é impossivel, e portanto...

— Impossivel, não — replicou Andral; — veja se tem meio de afastar de si a causa moral, que determinou esse estado, e tornará a ter saude.

— Oh!... nunca mais!

Os doutores despediram-se e Diogo foi acompanhal-os até á porta da rua. Quando chegaram ao fim da escada, deixou saír adiante Nélaton, Robin e Bouillaud, e puxando Andral um pouco para traz, perguntou-lhe em voz baixa:

— O mestre pensa que elle poderá resistir?

— Duvido. Só se fosse possivel descobrir-se a origem da sua preoccupação e arrancal-a pela raiz, como se faz ás plantas ruins.

— Peço-lhe que o venha ver algumas vezes, e que faça o que podér, por amor da filha... e de mim tambem.

— Tem tenção de o deixar? Acaso deu peso á louca accusação de envenenamento? Não vê que as desconfianças d'elle são filhas da sobreexcitação nervosa?

— Talvez me veja forçado a saír de França repentinamente.

— Mas volta?

— Não é provavel. Póde ser que nem sequer tenha occasião de fazer despedidas.

Andral, que o amava por elle ter sido o

mais distincto dos seus discipulos, encarou-o com espanto.

— Se assim acontecer — proseguiu Diogo — peço-lhe que me perdôe, meu caro mestre. Para toda a parte que eu vá, bemdirei sempre o seu nome respeitavel, e a memoria dos seus favores nunca me sairá do coração.

— Diogo, seja franco! Acha-se em algum apuro, de que eu possa tiral-o com dinheiro ou com influencia?

— Não, mestre; obrigado. Empurra-me a Providencia para outra parte. Adeus.

Apertou-lhe a mão e abrindo uma porta, que dava para os quartos habitados por elle, desappareceu. Andral ficou um momento pensativo.

— Dar-se-ha caso que as suspeitas do marquez sejam fundadas?! — pensou elle. — Ah! já percebo!... Ama a filha... e não ousa confessal-o... provavelmente porque tem muito mais idade do que ella? E, comtudo, a marquezinha fazia bem bom negocio, tomando-o por marido! Se eu podesse, contribuia para isso... Mas, n'estas cousas, ninguem se deve metter sem ser chamado.

Subiu para a carruagem, que tinha á porta, e foi dar aula aos seus discipulos.

Diogo entrára n'uma sala, onde o esperavam mais de cincoenta doentes de ambos os

sexos e de differentes idades, todos pobres. Por elle se haver demorado na conferencia, a tia Domingas fôra-lhe abreviando a tarefa, soccorrendo com roupa, dinheiro ou remedios, os que mais careciam d'isso do que da consulta; tomando nota dos que vinham pela primeira vez; consolando com boas palavras os que soffriam dores; receitando por sua conta chá de borragens, para resfriamentos; fomentações de oleo de amendoas, em casos de dor no ventre das creanças; exercicio, aos que se queixavam de entorpecimento dos membros; e outras indicações faceis e inoffensivas, que tomariam muito tempo ao sobrinho.

Quando este appareceu, todos aquelles infelizes lhe testemunharam expressivamente o seu reconhecimento.

— Bom dia, nosso pae!

— Deus o salve!

— Meu bemfeitor!

— Meu amparo!

— Meu salvador!

— Deus o abençôe!

— Deus lhe pague!

— Seja pela alma dos seus, tudo que me tem feito.

— Aqui está o meu filho, que vem agradecer-lhe, senhor doutor.

—Deus lhe dê no céu o que nos dá na terra.

— Amen! Amen! — murmuraram todos em côro.

— E á boa tia Domingas tambem! — disse um.

— Sim! Sim! — clamaram muitas vozes.

— É uma santa!

— Um anjo!

— Tem o coração como o do sobrinho!

— Devia ser mãe d'elle!

— São ambos do céu!

— O senhor os abençôe!

— Amen! Amen! — repetiu o côro.

— Basta, meus amigos; não nos estraguem. Adeus, Raul: como vão os nossos amigos da rua Mouffetard? O ôlho vae bem? Continúa com o tratamento, ainda por mais um dia. João Luiz? O braço está melhor; mexe-o lá... de vagar, homem! Ficas bom; dentro em oito dias, pódes ir para a fabrica. Como passou o pequenino, Anna Maria? Mau! Tu não lhe déste o remedio, que eu receitei?...

— Perdão, senhor doutor!... O Pedro não foi trabalhar esta semana e...

— O que tu precisavas sei eu! — gritou severamente a tia Domingas. — Porque não vieste dizer isso hontem?! Vae a correr, anda!

— Deus lhe dê saude!

— Bernardo? A inchação passou? Ah!

Leva esta cataplasma da botica, vae pôl-a immediatamente, conserva-a até á noite e não apanhes ar...

— Hoje é impossivel, senhor doutor; não posso deixar de ir trabalhar...

— Ficavas arranjado! Mette-te já em casa. Toma... És tão pouco esperto! Não podias acceitar sem que todos vissem?! Muda-te!

— Oh! senhor!... Já lhe devia tanto!... E ainda mais isto!

— Cala-te! Josepha Duval? Que é do teu irmão?

— Não póde vir; está peior, senhor doutor.

— Pobre creança! Não chores; espero que não seja nada grave. Escuta aqui... Dá isto a tua mãe; e dize-lhe que se eu não for lá hoje, leve esse bilhete ao seu destino para que vá um collega meu ver o teu irmãosinho.

— Elle não morrerá, senhor doutor?

— Não, minha filha. Tem fé... e trata-me d'elle. Péga, para ti.

— Ai! que alma de homem! — soluçava de alegria a rapariga, limpando as lagrimas com o avental ao tempo em que saía da sala.

— Ah! Estavas ahi, Roberto?! Porque não me fallaste logo? Que novidades ha do nosso bairro latino?

— As do costume: sempre lagrimas por entre o riso; muita doudice, muito estudo, e vida milagrosa. Foi lá que se descobriu o segredo de viver alegre, sem ter cousa nenhuma.

— Espera ahi, que temos que conversar.

O doutor foi ouvindo o resto dos doentes, dando occultamente dinheiro a uns, receitas a outros, conselhos e consolações a todos. A tia Domingas auxiliava-o n'essa caridosa tarefa, ralhando muito com os que tinham tido vergonha de vir procural-a em occasiões de maior afflicção e necessidade, amimando as creanças, reprehendendo os que não tinham seguido á risca as instrucções do medico, e dando sempre maior esmola áquelles com quem mais ralhava.

Aos ralhos e exhortações da boa mulher, e ás palavras de conforto do medico, juntava-se um côro de louvores e agradecimentos, formando tudo o mais delicioso e original concerto que se podia imaginar. O homem, a quem Diogo tratára pelo nome de Roberto, pozera-se a tocar tambor com os dedos nos vidros de uma janella. Apparentemente poderia tomar-se aquelle exercicio por um acompanhamento consciencioso, feito para outra musica; mas, na realidade não era senão um modo de esconder as lagrimas.

O tocador nem sequer deu pela saída do ultimo doente!

— Roberto?... Que é isso?!

O interpellado voltou-se, ainda com os olhos vermelhos e as faces molhadas, correu para Diogo, abraçou-se a elle, beijou-o repetidas vezes, e depois agarrou-se á tia Domingas, a quem fez o mesmo.

— Creança! — murmurou o medico, indo sentar-se a escrever n'uma secretária e baixando demasiado a cabeça sobre o papel, talvez para não deixar perceber que tambem se commovêra. A tia Domingas, que o espreitava por cima do hombro de Roberto, disse baixinho a este:

— Não olhes agora; elle não gosta que se saiba se tem o coração como a outra gente.

— Oh! E onde os ha como o seu e o d'elle?! — respondeu Roberto, no mesmo tom, erguendo para a velha os seus bellos olhos azues.

— Tolinho! — volveu Domingas, empurrando-o suavemente para o vão de uma janella. — Faze favor de teres juizo, senão olha que me ouves!

Ameaçou-o com o dedo, afastou-se, e, dizendo-lhe de longe adeus com a mão, saíu por uma porta que do fundo da sala deitava para o interior dos seus quartos.

Roberto encostou-se á vidraça, olhando

para a rua e esperou, de costas voltadas para Diogo, que este o chamasse. Era um rapaz de vinte e tres ou vinte e quatro annos, rosto franco, sympathico, intelligente, animado por uma expressão de bondade, alegre e communicativa, que fazia com que todos o amassem logo á primeira vista.

— Roberto? — chamou o medico, depois de ter composto a physionomia e acabado de fechar duas cartas, que escrevêra á pressa.

— Mestre? — respondeu o outro, approximando-se.

—Viste bem o que se passou aqui ha alguns minutos?

— Foi pouco mais ou menos a repetição do que tenho presenciado todos os dias, durante tres annos.

—Vaes tomar o meu logar, de hoje em diante.

Roberto olhou para elle com o espanto interrogador de quem não o tinha comprehendido.

— Acabaste hontem o teu curso medico...

— Graças á sua generosidade, que nunca maís me desamparou, desde que eu tive a fortuna de o encontrar no bairro latino. — interrompeu Roberto, querendo pegar-lhe na mão para beijar-lh'a.

— Conheces-me — tornou Diogo, retirando a mão, e temperando com olhar affectuoso a severidade das palavras que ía di-

zendo: — guarda no coração o sentimento que te inspira a tua amisade. Os instantes de que posso dispor são poucos e solemnes. Sei avaliar-te como mereces e por isso contei comtigo para me substituires.

— Eu?!

—Vamos separar-nos para sempre.

— Separar-nos?! — exclamou o joven medico, inundando-se-lhe novamente os olhos de lagrimas.

— Lego-te os meus doentes pobres... quizera tambem deixar-te os ricos; porém, esses não são tão faceis de trespassar!... O teu talento depressa conseguirá o que talvez não obtivessem os meus pedidos.

— Oh! mestre!...

— Hoje mesmo virás installar-te aqui, com tua velha mãe. Entregarás estas cartas ao marquez e á filha, para que nunca se esqueçam de que cederam parte da casa aos infelizes. Os moveis são todos meus e pertencem-te de agora em diante. Escusas de trazer cousa alguma. Vem só com tua mãe. Aqui tens uma ordem para te entregarem no Banco de França o dinheiro de que eu era depositario, para soccorrer os pobres enfermos. Gasta comtigo tambem do rendimento, emquanto não tiveres adquirido a tua independencia; só em caso de absoluta necessidade, e depois de bem interrogada a tua

consciencia, poderás tocar no capital. É a vontade do testador, que transmitto á tua honra. Dos juros, pagarás igualmente as pensões dos teus condiscipulos Estevam Collard e Leonardo Palyssi, até elles completarem os estudos.

— Mestre! — exclamou o joven, não podendo já conter a explosão da sua magua; — mestre! que sinistros designios são os seus?! Vae ter algum duello? E a tia Domingas?

— Levo-a commigo; partimos immediatamente para um paiz longiquo.

— E não voltam?!

— Provavelmente, não.

— Pois bem! leve-me comsigo. Costumei-me a consideral-o como meu segundo pae; devo-lhe tudo... E, visto que a tia Domingas vae, tambem póde ir minha mãe. Encarregue Leonardo ou Estevam...

— Roberto! — interrompeu Diogo com gravidade. — Se me amas, como dizes e creio, obedece-me. Contei comtigo, persuadido de que te conhecia.

—Fez bem, senhor. A consciencia do meu dever dar-me-ha força. Permitta ao menos que n'este momento supremo eu beije as mãos que me salvaram da miseria e do suicidio... E abençoe-me.

— Abraça-me... e parte.

Lançaram-se nos braços um do outro; e de novo pareceu amollecer e abalar-se momentaneamente a lamina bronzeada que cobria o rosto de Diogo.

— Não posso ir abraçar tambem a tia Domingas, que me tem sido segunda mãe?

— Não; as lagrimas da mulher enfraquecem e prejudicam muitas vezes as resoluções do homem. Adeus. — Poz-lhe a mão na cabeça e saíu da sala.

Roberto abriu a porta e partiu a correr como doudo pela rua de Grenelle.

XIX

Sursum corda

Paco tinha ficado inconsolavel, pelo tristissimo papel que representára, accusando o medico. Perdêra tres mezes de trabalho consciencioso, passando todas as tardes, durante muitas horas, empoleirado n'uma arvore, persuadido de que ninguem o via! Espionára vilmente um homem illustre na sciencia; subtrahíra-lhe do bolso um embrulho, que julgava conter veneno mortal; e praticára a infamia de ser denunciante, redundando todos estes actos de fidelidade em seu desdouro, e levantando contra si a indignação de toda a familia!

— Paco, meu amigo — dizia elle a si proprio — vaes decaíndo muito! Cuidavas dar uma prova de dedicação, e déste-a de san-

dice! Isto aqui não te serve; a casa d'estes fidalgos da cidade não é o mesmo que a gruta da serra, onde trabalhavas em liberdade, sem peias de conveniencias, sob a direcção do homem mais habil e digno que tem tido o mundo! Imaginaste que o marquez era outra especie de cavalheiro; enganaste-te. Elle não passa de um pateta, como tantos outros da sua igualha!... Só Anselmo era grande e capaz de comprehender-te. Volta para Cordova; talvez que as cousas estejam por lá melhores... E quem sabe se Anselmo terá resuscitado? Um valente d'aquelles é capaz de tudo. Porém, emquanto não te pões a caminho, é preciso não fazeres má figura. Visto que erraste... (O illustre Anselmo tambem caíu em deixar-se apanhar!) vae pedir perdão... não te envergonhes; trata-se de desarmar os que, sem esse passo, ficariam sendo teus inimigos.

Paco só fizera estas reflexões depois de ver a marquezinha acordar do somno que dormira no quarto do marquez. Até esse momento, apesar de a ver sorrindo e com optima côr de saude, nutríra a vaga esperança de que ella nunca mais despertasse. Não podia convencer-se de que tinha sido um asno, recordando-se dos elogios que outr'ora fazia á sua esperteza o immortal Anselmo. Porém Hortensia, apenas abriu os

olhos e pensou em tudo quanto precedêra o seu rapido adormecimento, reconheceu que o homem a quem dera o coração não era um envenenador, e levantou-se cheia de jubilo, indo dar um beijo no pae, que espreitava tambem o seu despertar.

Paco, a esta vista, saíra, inteiramente desapontado, e fôra philosophar para o gabinete immediato.

— Como se acha, papá?

— Melhor um pouco; e tu?

— Nunca me senti tão bem! Parece que me entrou no corpo nova seiva, e que se quizesse sería capaz de voar n'este momento!

— Não influirá n'esse estado a satisfação de saberes que Diogo está innocente?

— Confesso que sim.

— Tu amal-o?

— Oh! papá...

— Ha muito que dei por isso... E hoje, que o injuriei publicamente com as minhas loucas suspeitas, só vejo um meio de reparar a minha falta.

— Qual é?

— Mandal-o chamar, sondar-lhe o animo, e dizer-lhe que consinto em dar-lhe a tua mão.

— Meu querido pae!... Agora é que eu o aprecio!...— E a joven, córada e com-

movida pela alegria, beijou-o repetidas vezes.

— Paco? — chamou o marquez.

— Senhor marquez? — respondeu o hespanhol, entrando.

—Vae dizer ao doutor Diogo, que lhe rogo o favor de aqui chegar, logo que sáiam os seus doentes. E pede-lhe perdão, ouviste?

— Sim, fidalgo; já tinha essa tenção. V. ex.ª crê que andei de boa fé, e que todos se podiam ter enganado?...

— Não te accuso. Sabes o que disseram os medicos?

— Fiquei achatado, bem sei.

—Vae.

— É melhor ir-me embora d'aqui, não acha, papá? — perguntou Hortensia, logo que o creado fechou a porta.

— Quando elle entrar, saírás.

— Entretanto, conte-me o que se passou na conferencia.

— Não ouviste nada?

— Absolutamente nada!

Emquanto o pae e a filha conversavam em cima, dizia Diogo em baixo á tia Domingas, entrando-lhe no quarto:

— Vista-se depressa, em trajo de viagem.

— Partimos?!

— Immediatamente.

— Por pouco tempo?

— Para sempre.

Domingas encarou-o com espanto.

— Ella, vae?

Diogo, surprehendido com a pergunta, por sua vez interrogou tambem admirado:

— Ella?!

— Filho da minha alma!... Não percebeste ainda?!

— O quê?

— Jurei-lhe que nunca te revelaria os segredos do seu coração... Como, porém, queres deixal-a, é preciso que te diga...

— Acabe depressa!

— Que ella te ama, desde o primeiro dia em que te viu; que me confessou os seus sentimentos, na hora em que foste visitar a sepultura d'aquelle bom Affonso Peres, que tão bem nos serviu até á morte; que este amor é um aviso do céu, para que termine o castigo do culpado; e que deves obedecer á vontade de Deus.

— Partimos, para que o pae viva. Não sabe que eu sou o remorso, e que a minha presença o mata?

— Tens rasão; tens sempre rasão! És um sabio! Porém ella, meu Deus?! Morrerá de pena! Deixas-me dizer-lhe adeus? Queria-lhe já tanto como á *outra!*

— Não.

— Prometto ser discreta e impenetravel como tu.

— Não; as lagrimas trahiriam o seu proposito.

— Sabes que tenho podido querer tudo quanto tens querido!...

— Porque nunca se mettêra nenhum anjo de permeio, quando eu manifestava a minha vontade.

— Senhor doutor? — gritou uma voz de fóra.

— Paco! Silencio! Aprompte-se, que eu já venho.

Paco descêra lentamente a escada, preparando o discurso da sua justificação. Custava-lhe, como custa a certos politicos convencidos de charlatanismo, confessar nobremente o seu erro. Em vez de arrepender-se devéras, enraivecia-se por não ter acertado, e procurava na sua imaginação meridional algum rasgo de genio, que o tirasse vantajosamente d'aquelle apuro humiliante. A porta que deitava para o rez do chão habitado pelo medico estava entre-aberta. Fôra Roberto quem assim a deixára, saíndo precipitadamente. Paco espreitou para a sala de entrada, onde Diogo recebia os doentes, e não viu ninguem.

— Entremos com geito. — disse elle comsigo. — Quem sabe se a fortuna me quer

dar a desforra?! Duas cartas no chão!... Á entrada da porta! Querem ver que foram perdidas de proposito, para eu as achar quando viesse?!—Apanhou as cartas, que eram as mesmas que Diogo tinha dado a Roberto, e leu:—«Ex.ma sr.a marqueza Hortensia de Lacroix!»—Caspitè! Letra do doutor! E a outra? Tambem! E é para o senhor marquez! A porta aberta... as cartas no chão, á entrada, para que dessem logo na vista... Fugiria elle?! Vou perguntar ao guarda-portão... Nada! Paco, faze-te mais fino! Guarda as cartas, não dês cavaco, e espera os acontecimentos. Talvez seja feio não as entregar desde já ás pessoas a quem são dirigidas?... Depois direi que me tinha esquecido... Vejamos se elle cá está. Apósto que fugiu com a tia! Senhor doutor?!—Esperou um instante, e como não recebesse resposta:—Eu não dizia! Ah! cachorro! Teve habilidade de embaçar os outros, mas a mim, não. O pó que elle dava ao fidalgo não era do que eu lhe tirei do bolso!... A prova é que elle abalou e eu fui tido por asno! Se eu encontrasse aqui mais algum meio de restabelecer o meu credito!... Passemos revista minuciosa á casa, antes que venham outras pessoas...

— Que é, Paco?

— Ah!... perdão...

— Que queres?

—Venho... pedir-lhe... desculpa... de... de me ter enganado.

— Não queres mais nada?

— Sou um grande tolo e...

— Não te quero mal; vae com Deus.

— Seriamente, não me quer mal?!

— Procedeste como servo fiel e honrado. Em vez de perder, ganhaste no meu conceito.

— Palavra?!

— Affirmo-te que não gracejo com a virtude, e que mereces a minha estima.

— Eis o primeiro rival serio do grande Anselmo! — exclamou Paco admiradissimo. — Não lhe tenho feito justiça, senhor doutor; mas sou discipulo do unico homem que na nossa patria lhe podia fazer sombra; e não se dirá que Paco foi alguma vez indigno de seu mestre. Aqui estão duas cartas, que achei á entrada da porta, e que talvez o senhor perdesse sem dar por isso.

— Ah!... Fazes-me um favor?

— Estou prompto para trabalhar em todos os generos debaixo das ordens de v. ex.ª

— Vae á rua de Santa Genoveva, n.º 5, e entrega-as ao doutor Roberto Meuratel. São recommendações que elle me pediu para uma pessoa que ha de ser hoje de tarde apresentada aos srs. marquezes.

— Vou já.

— Aqui tens para os omnibus.

— Oh!... fidalgo!...

— Acceita.

Quando Paco saía, entrava Pedro Ayres. O visconde de Richmond envelhecêra extraordinariamente, desde que Diogo o deixára, tres annos antes, no bosque de Bolonha, junto ao cadaver de Chamburg. Tinha o cabello e o bigode inteiramente brancos, o rosto sulcado de rugas profundas, os olhos vermelhos, enterrados nas orbitas, com o olhar umas vezes vago e outras fixo. O procedimento da mulher, a morte de Chamburg, e as recordações do passado produziram-lhe não só essa extraordinaria mudança physica, mas tambem um grande abalo moral. Diogo ignorava-o. Nunca mais o encontrára, desde que voltára da sua viagem á peninsula iberica; Pedro não tornou a casa do marquez, que tambem adoecêra, e por consequencia julgavam-se extinctas para sempre as relações entre as duas familias. Vendo-o entrar agora na sala em que recebia os doentes, o doutor não o conheceu á primeira vista, e ficou grandemente contrariado, julgando que seria algum enfermo que vinha consultal-o.

— Está só? — perguntou Pedro Ayres timidamente.

— Só... Ah!... é o sr. visconde de Richmond?!

— Cale-se! — supplicou Pedro, pondo um dedo na bôca. — Se alguem sabe que estou aqui, vae dizel-o á viscondessa e ella mette-se-me em casa!

Diogo fez um movimento de enfado e ia retirar-se, quando o outro o deteve com o gesto.

— O sr. doutor Goataçára ignora que me separei d'ella, depois da morte de Chamburg?

— Tenho muito que fazer, senhor; e não posso...

— Ah! — proseguiu o visconde, sem o attender. — N'aquelle tempo ainda eu estudava astronomia! Tinha ido ao tropico de Capricornio, observar as constellações do sul, quando teve logar o lance horrivel! Oppuzme, sempre debalde, a que o entregassemos aos cabanos! Votei contra todas as idéas de traição, nas reuniões de Manáos; e no canal dos Autazes desejei que tornassemos para traz!... Porém, aquelle demonio dominava-me! O homem de sciencia foi convertido por elle quasi em assassino! Cedi á vontade alheia e não á propria!... Depois?... Ao crime succedem sempre horrendos castigos!... Uma mulher adultera e ladra; amigos desleaes e perversos; uma sordidez subita; a paixão infernal do oiro; o vicio da

avareza! Que horror! que horror! que horror!

Diogo mudára repentinamente de sentimentos, ouvindo-o. Do enfado passára á compaixão, quasi á sympathia, e olhava para elle como quem o lastimava. O visconde, percebendo talvez o interesse que inopinadamente inspirára, proseguiu:

— Veiu o vingador de Bararoá: assombrou o marquez, matou Chamburg, e tambem me hade matar a mim... Oh! bem sei! — continuou, como respondendo a um gesto de Diogo — bem sei que a minha vez não está longe! Separei-me da viscondessa, dei-lhe o que era d'ella, e venho pedir ao marquez que receba os seus cem mil francos... O resto dos meus haveres não tem destino... Quer o senhor alguma cousa para si?

— Não; — respondeu o medico, principiando a crer que elle estava realmente louco — socegue!...

— Não quer?! — tornou Pedro Ayres.— Podia repartir com os seus doentes, e comprar um telescopio melhor do que o do Observatorio... Todas as cousas obedecem a leis fataes e immutaveis! Byron dizia, que as estrellas são a poesia do céu, a belleza e o mysterio do firmamento... Ah! que faria se elle tivesse penetrado como eu os se-

gredos das nebulosas! A solidão inspira o sentimento do infinito; o universo compõe-se de nebulosas, sobrepostas na immensidade do espaço... A propria terra faz parte de uma nebulosa! Nós habitâmos a superficie de um archipelago dos oceanos celestes. Duvída?! Eu lh'o demonstro; mas não diga nada aos meus inimigos, que são capazes de me denunciar á viscondessa. Ella odeia-me, desde que entrei no bom caminho e expliquei o systema das maravilhas que brilham sobre as nossas cabeças...

Diogo ouvia-o com grande commiseração; sentia que os momentos lhe eram preciosos, mas não tinha animo de o despedir.

— Castigos providenciaes! — pensava elle. — Não era necessario que os homens interviessem na punição. Pobre louco!

Pedro continuára, com gestos de quem se sentia inspirado:

— A terra, seguindo as leis de todos os corpos celestes, pertence ao sol, suspenso como ella nos abysmos do infinito, e não é mais do que o pedaço de uma nebulosa, mergulhada por um dos lados na luz zodiacal. Oh! sol! esplendor do dia, alma da vida terrestre, os que te saúdam como o primeiro dos astros não sabem que és apenas uma estrella! Olhe para a via lactea! Essa facha irregular de nuvens estelliferas, que

bi-parte o céu, compõe-se de amontoamentos de soes sobre soes, maiores do que aquelle que nos alumia, e tão numerosos que não se poderiam contar em duzentos milhâres de annos! Fui eu o unico mortal que fiz esse prodigio, durante a minha viagem da constellação da grande Ursa á nebulosa de Orion. É só desde esse tempo que se tornaram conhecidas em França as bellezas cosmicas dos mundos sideraes; e se não fôra a perversidade de Chamburg, e a de minha mulher, eu teria devassado os mais reconditos mysterios de Aldebaran e Sirius...

— Senhor doutor — interrompeu Paco, entrando a correr — tinha-me esquecido dizer-lhe que o sr. marquez lhe pedia o favor de ir já vel-o.

O visconde escondêra-se atraz da porta, apenas ouviu o creado; e logo que este saíu, disse em voz baixa a Diogo, fazendo-lhe ao mesmo tempo signal de silencio:

— Pschiu! Não diga nada, que eu lá vou.

Saíu da sala e encaminhou-se para a escada, espreitando para todos os lados com ar desconfiado.

A tia Domingas desobedecêra, pela primeira vez na sua vida, á vontade de Diogo. O seu coração, excessivamente amante, não tivera até ali muitas occasiões de expandir-se livremente. A frieza apparente do medi-

co e a gravidade ou crueza da missão a que parecia votado, impunham áquella mulher, terna e sensivel, a dura lei de retrahir com frequencia o affecto immenso e profundo que ella lhe consagrava, e se diria ser mais de mãe do que de tia. Encontrando Hortensia, amou-a com verdadeiro amor materno; foi como se lhe reapparecesse uma filha julgada morta. A marquezinha, grata e igualmente apaixonada, ateava cada vez mais com os seus carinhos a chamma d'essa affeição. Eram duas almas que se entendiam. Diogo servia de pilha galvanica, d'onde partia a corrente que as unia.

Ouvindo-o pois negar-lhe a permissão de se despedir da joven, a tia Domingas preparava-se para resistir-lhe, quando Paco chamára o medico. Assim que este saíu, correu ella para a escada particular, e entrando no gabinete de Lacroix, lançou-se nos braços da marquezinha, que saía do quarto do pae.

— Que tem, querida tia Domingas?!

— Filha! minha filha! Minha adorada Hortensia! Oh! tu não sabes como eu te quero bem, como sinto agora a força de vontade que tive de empregar para lhe desobedecer!...

— Mas que foi?! Porque me beija e abraça com tamanha sofreguidão?! Falle! Aconteceu alguma cousa a Diogo?

— Não; não é nada; cala-te... E adeus! Oh! adeus, minha celeste pomba! adeus! adeus! — Agarrou-lhe a cabeça com ambas as mãos, beijou-a na bôca, nos olhos, nos cabellos e fugiu, deixando-a assombrada por aquelles delirios inexplicaveis de ternura enthusiastica.

— Tia Domingas?! Tia? — gritava a donzella, querendo seguil-a e não ousando afastar-se muito do quarto do pae, onde lhe pareceu ouvir ruido estranho. — Diga-me...

Uma gargalhada estridente, metallica, prenuncio de pavorosa loucura, gelou-lhe repentinamente o sangue nas veias. Voltou-se e viu apparecer o pae, á porta do gabinete, rindo doudamente, embrulhado no lençol da cama, e tendo na mão duas cartas abertas. Ao mesmo tempo mostrava-se na porta fronteira, que deitava para a livraria, o visconde de Richmond, com o espanto nos olhos, gargalhando sacudida e despropositadamente, em côro com o marquez.

— Jesus! — clamou a joven, possuindo-se de immenso terror. — Jesus! Que é isto?!

— Lê! — lhe gritou Lacroix, rindo sempre, e offerecendo-lhe as cartas.

— Lê! — repetiu o outro como um echo, rindo igualmente.

A marqueza approximou-se do pae, tre-

mula de espanto; pegou nas cartas, e leu a primeira, que dizia assim:

«Senhor marquez:

«Convenci-me de que a minha presença tem sobre o seu systema nervoso uma influencia funesta, e resolvi-me por isso a deixar para sempre a França.

«Nunca mais nos veremos. Jurei que sacrificaria a propria vida pela ventura de sua filha; penso que ella se não julgará muito feliz com a minha eterna ausencia, mas poderia ser ainda mais desgraçada, se eu ficasse. Console-a, e viva para ella. As apprehensões de v. ex.ª obrigaram-me, por dever de medico, a estudar as causas remotas da sua enfermidade. Para isso tive de recorrer ao seu passado, e só agora posso affirmar-lhe que o indio Romualdo Goataçára morreu em Manáos, ha mais de vinte e dois annos; e que Gertrudes perdoou, por amor do anjo que hoje véla á cabeceira do homem que ella tanto amava.

«*Diogo Peres de Molina.*»

— Eu não te dizia! — gritou o marquez com voz sepulchral, conchegando o lençol ao peito e rindo ainda mais convulsivamente.

— Eu tambem dizia! — confirmou o ou-

tro, imitando-lhe os movimentos e o rir medonho.

— Meu Deus! Meu Deus! — soluçava a marquezinha, desdobrando a outra carta, e sentindo-se alternadamente dominada pelo medo, a piedade e o desespero.

— Lê! — ordenou o pae.

— Lê! — intimou Pedro Ayres, dando um passo para ella.

A segunda carta era concebida n'estes termos:

«Hortensia:

«Amo-a e vou deixal-a para sempre. A sua vista penetrante leu no fundo da minha alma os segredos, que eu julgava ali inviolaveis; deve por isso acreditar que se parto é porque me era impossivel ficar, sem me tornar criminoso aos seus olhos. As duas grandes faltas da minha vida foram persuadir-me eu de que Deus collabora nas obras dos homens, e que a justiça, embora seja implacavel, nunca degenera em perversidade. A rasão humana é victima de preoccupações, ainda quando se julga mais pura e sublimada! Perdôe-me tudo quanto no meu procedimento lhe parecer que precisa ser perdoado... Seu pae viverá. Rogue-lhe, em memoria de *todas* as pessoas que o amaram, que se digne considerar sempre como occu-

pados por mim os quartos do rez do chão do seu palacio. É preciso que os meus pobres doentes não sintam a falta do seu medico. Recommendo-lh'os, do mesmo modo que os recommendei ao amigo fiel que os ha de tratar. A tia Domingas não se atreve a ir abraçal-a, com receio de não poder partir depois. Perdôe-lhe, e substitua-a tambem, ordenando que os enfermos que ella soccorria subam ao primeiro andar. Estes dois postos de accesso, concedidos aos desgraçados, são as lembranças que nós lhe deixâmos, Hortensia; e o laço que nos prenderá através do espaço e do tempo.

«*Diogo.*»

— Ah! desventurada! Só me resta morrer! — expellindo este grito immenso d'alma, seccou-se-lhe repentinamente o pranto e caíu sem movimento.

— Paco?! — gritou o pae, readquirindo a rasão momentaneamente perdida, e ajoelhando aos pés da filha. — Paco?!

O servo appareceu aterrado.

— Corre! Toma a primeira carruagem que encontrares, vae a todas as estações dos caminhos de ferro, e, se o vires, dize-lhe que me não considero perdoado emquanto elle não casar com minha filha. Sinto-me mor-

rer... — continuou, encostando-se a uma cadeira — affirma-lhe que tómo a Deus por testemunha de como é esta a minha ultima vontade... e que o abençoarei... d'além da campa... se elle condescender com a supplica do pae moribundo, tornando venturosa... a minha... adorada... Hortensia.

— Não partas! — ordenou Pedro Ayres com gesto soberano. — Eu sei o segredo da verdadeira felicidade para nós todos: vamos recomeçar as minhas viagens, da constellação da grande Ursa para a nebulosa de Orion e de Sirius.

XX

Epilogo

N'um dia quente do mez de maio de 1871, n'uma formosissima vivenda dos arredores do Rio de Janeiro, estavam duas lindas creanças, cada uma de seu sexo, sentadas á sombra das arvores do parque, entretidas a ver as gravuras de um livro, que tinham diante de si, em cima de um banquinho. A menina teria nove annos e o menino oito. Pelo oval dos rostos, pela voz e por certo ar de familia, difficil se não impossivel de descrever, conhecia-se que eram irmãos; grande e singular differença havia porém entre elles. O pequenito tinha a cutis fina e clara, os cabellos quasi louros, e os olhos de um castanho azulado; a menina, pelo contrario, era de côr morena, e tinha o cabello e

os olhos mais escuros do que os do irmão.

A poucos passos de distancia, um homem trigueiro, que parecia ter os seus trinta e tantos annos, vestido com uma especie de casaco de chita, de grandes ramagens, vigiava as creanças, olhando de vez em quando para a grade de ferro, que fechava o parque do lado da cidade.

— Não vem jantar hoje! — murmurava elle, dando visiveis signaes de impaciencia. — A senhora está zangada, e tem rasão! Andar lá por fóra, com um sol d'estes! — Tirou um leque do bolso do casaco e começou a abanar-se, continuando o monologo interrompido. — Que paiz do diabo! E ha quem venha para cá por gosto! E quem faça a parvoice de aqui nascer! Suam-se trinta pipas de agua por mez!... — proseguiu, limpando o suor com um lenço. — E para isto não ha nenhum remedio! A culpa foi minha!... quem me mandou vir de tão longe?! Isto de se costumar a gente com as outras pessoas, é pessimo! A velha tinha-me morrido... vendi os campos, e elle ahi vae asnear por esse mundo fóra! Pedaço de tolo!... E como se não bastassem os paes, veem depois tambem os filhos, que adoro como se fossem meus! Eh! lá, meninos!... Nada de brigas, senão tiro-lhes o livro dos

bonecos... São dois seraphins á unhada! Parece incrivel como se gosta tanto d'estes bocadinhos de gente! E lembrar-me que se não fosse eu ter feito uma enorme patifaria, nunca elles teriam existido! Agora que venha alguem para cá dizer-me que os patifes não são uteis á sociedade! No fim de contas, eu sou mais pae d'estas creanças do que o pae verdadeiro!... Que dúvida?! Quando eu ía levar as cartas a Roberto, lembrei-me, no caminho, de verificar se seria verdade o que me tinha dito o finorio do doutor; e... abri-as, com geito, já se sabe! Assim que vi que elle queria fugir, grito commigo: Ah! tratante, que te apanhei!... Como se fosse possivel apanhar um homem d'aquelles! Até se fingiu pobre, quando começou a ser medico, talvez com receio de que os parisienses lhe pedissem dinheiro emprestado! Mas eu, que não lhe conhecia ainda a força, volto a correr, dou as cartas ao marquez, e elle, primeiro, endoudece, e depois morre!... de alegria ou de dor... nunca se percebeu bem aquillo! Mas, antes de morrer, torna em si da loucura, que parecia pegada pelo tal visconde, que acabou depois na casa dos alienados, em Charenton, e intima-me a sua ultima vontade, mandando-me correr atraz do fugitivo. Eu, reconhecendo que ainda d'aquella vez

tinha feito maior asneira do que das anteriores, protestei salvar a situação por um grande lance. Ao principio ía-me atrapalhando, com a intimativa do outro doudo; mas, caíndo logo em mim, atirei-me direito á *gare* d'Orleans... Foi uma inspiração do céu! O genio do immortal Anselmo estava ainda commigo! Filo-o e grito-lhe:—Sou portador da vontade de um pae moribundo, que o abençôa, se o senhor casar com a filha e que do contrario morrerá damnado! — Grande situação, panno abaixo, palmas, bravos e venha o auctor! Foi o meu triumpho mais notavel, depois que saí da montanha!

—Está a fallar só, Paco?!

— Ah!... Perdão, senhora.

— Avósinha! Avósinha! — gritaram os pequenitos, correndo para a pessoa que interrompêra o monologo do nosso amigo Paco.

— Meninos! — gritou este. — Não se atirem assim, que fazem mal á avósinha! Tenham termos!

— Deixe-os, bom Paco. Meus queridos anjos!

— É que lhe fazem mal! A senhora não póde com elles! Para o chão, meninos! Senão, faço queixa á mamã e ao papá.

— Faze, se és capaz! — gritou o pequeno, trepando por elle.

— Paco é algum denunciante?! — inter-

rogou a menina, agarrando-o do outro lado.

— Fui-o uma vez na vida! — respondeu elle gravemente, puxando as duas creanças contra si. — Creio, porém, que resgatei o meu erro?... — concluiu, interrogando com o olhar a avó dos pequenitos.

— Nobremente. — respondeu ella.

— Conta-nos isso, Paquinho. — disse a menina.

— Meu amado Paco, dize-nos como foi. — supplicou o pequeno.

— Ahi vem a mamã! — observou Paco.

— Forte pena! — disse uma das creanças. — Provavelmente, vamos estudar, e já não podemos ouvir!

— Nem eu contava. — lhes disse Paco.

— Olhem o impostor! — volveu a menina, rindo. — Como se elle fosse capaz de resistir aos nossos pedidos!

— Gabem-se, ainda em cima! Fazem o que querem de mim!... Eu bem sei o que lhes vale!

— O que é? O que é? Dize lá, pachola!

— Hortensia? Romualdo? — gritou a mãe, que se approximava: — Isso são modos de tratar o seu amigo Paco? E com essas palavras!

— Deixe-os, senhora marqueza. — respondeu o hespanhol, pegando nos dois pequenos ao collo, um de cada lado, como para mostrar

a sua grande força. — Deixe-os, que eu algum dia deito-me a perder com elles! — E como as creanças lhe começassem a dar beijos, cada uma em sua face, acrescentou: — Cuidam que me embaçam, estes fingidos, que não gostam de mim?! De alguma vez, vou-me embora!

— Paco! Paquinho! Paquito! Pacosinho! Não digas isso! — exclamavam as creanças, amimando-o, quasi com as lagrimas nos olhos.

— Está bom, está bom! Não irei, se tiverem juizo.

— Viva o Paco! Viva o nosso Paco! — gritaram os dois pequenos, saltando ao chão e batendo as palmas.

Paco tossiu, para disfarçar a commoção, e voltou as costas ás duas senhoras, que tendo-o percebido, murmuraram entre si:

— Como elle os ama!

— Ahi vem Romualdo, minha mãe! — disse a mais nova á mais velha. — Já era tempo! Com tamanho calor!...

Todos correram á grade, abriram o portão e abraçaram cada um por sua vez o recemchegado. Os pequenitos saltaram-lhe ao pescoço e cobriram-no de beijos.

— Então, Paco? Só tu me não abraças!

Paco atirou-se a elle, apertou-o nos bra-

ços, e logo em seguida, afastando-se do grupo, rosnou baixinho:

— Parece-me que Anselmo não era tamanho?!

— Romualdo, a vida que tu levas não tem geito! — disse a mulher ao marido. — Estás dando cabo de ti com tanto trabalho; se continuas assim, breve deixarás tua mulher viuva e os teus filhos orphãos. Deus não quer isso.

— Impuz-me doze annos de expiação — respondeu elle — consagrados a tratar os leprosos do meu paiz. Falta-me apenas um mez; findo esse tempo, voltaremos para a Europa.

— Ah! — exclamou Paco, enthusiasmado.

— Expiação, querido Romualdo?! Sabes que não gósto de te ouvir dar esse nome á tua sublime abnegação. Um homem como tu não devia ter preoccupações. Verificou-se que meu infeliz pae succumbíra a uma lesão do coração...

— Que eu apressei.

— Oh!...

— Não te afflijas, minha Hortensia. Dentro em dois mezes estaremos em Portugal.

— Sempre resolves educar ali os pequenos?

— Era a patria do meu querido padrinho e do meu primeiro mestre, o bom e santo

padre Felix!... Não chore, minha mãe; quando saírmos do Rio de Janeiro, iremos a Manáos...

—A Manáos?!—exclamaram todos.

—Ha hoje carreiras de vapores, que facilitam a navegação para lá. Hortensia, que tanto desejava ver o Tapajós, o Amazonas e o Rio Negro, será satisfeita.

—Querido Romualdo!

A mulher e a mãe abraçaram-no com as lagrimas nos olhos.

—Depois de visitarmos as sepulturas da nossa amada Gertrudes e do bom Felix—proseguiu elle—embarcaremos no Pará para Lisboa; iremos a París, reparar os estragos feitos pelos prussianos na nossa casa da rua de Grenelle; augmentaremos o rendimento dos pobres doentes, que lá temos a cargo do nosso amigo Roberto Meuratel, e baptisaremos com grande pompa o primeiro filho d'este. O dr. Roberto está á nossa espera...

—Nós tambem vamos?!—interrogaram a medo as creanças.

—Vão todos.

—Oh! que alegria!—gritou uma.

—Que pechincha!—exclamou outra.

—Não use d'esses termos, que a mamã não gosta!—disse Paco ao pequeno, em voz baixa.

— De volta para Portugal — tornou o doutor — viremos por Hespanha, para que o nosso Paco possa tambem visitar a sua terra e os parentes que ainda lhe restarem.

— Sim! Sim! — apoiaram os pequenitos. — Queremos ir com o Paco!

Este voltou-se e tossiu com força.

— Estão todos contentes? — interrogou o medico.

— Todos! Todos!

— Então dêem-me outro abraço, e vamos jantar. Paco? Sempre has de ser o ultimo!

— Decididamente — dizia Paco aos seus botões, caminhando para casa, atraz da familia, com o segundo Romualdo ás cabritas: — o grande Anselmo era mais pequeno!

INDICE

Erros que se devem corrigir

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
49	19	*seguindo-o.*	seguindo-o.—
69	9	*, não deixando*	não deixa
100	4	*senhor conde!*	senhor visconde!
101	19	*«Já me não admiro!...»*	Já me não admiro!...
144	6	*que hontem*	que hoje
191	21	*Prudencia!*	Prudencia,
198	22	*E uma*	É uma
209	28	*Pega*	Péga
221	13	*Diogo;*	Diogo:
251	11	*de de Lamarck*	de Lamarck